PQ
9261
R4D39

3 1761 07045850 0

DE NOITE

TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

REBELLO DA SILVA

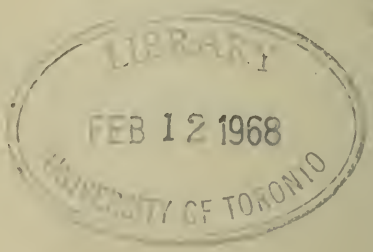
DE NOITE

TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

LIVRARIA EDITORA
68-PRAÇA DE D. PEDRO-68
LISBOA

DECLARAÇÃO

A propriedade d'esta edição pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brasileiro.



PQ
9261
R4 D3

TYPOGRAPHIA PORTUGUEZA
5, Rua da Paz, aos Poyaes de S. Bento, 7
LISBOA

DE NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

I

A tripeça do mestre Braz

Deus nos acuda! Maria Santissima valei-nos! chavecos de moiros aqui ás barbas de Lisboa!... *Abrenuncio!*

—É como lh'o estou contando, senhora Angelica do Céo. Por um triz não deitam as unhas ao senhor infante D. Francisco, ao irmão de el-rei. Esta saltou fresquinha agora ali da casa dos tabelliães. Disse-m'a um freguez. Foi perto do cabo da Roca.

—Arrebentado seja o demo! Nossa Senhora do Amparo! Mas o que ia o infante labutar tão longe da barra? Ai, mestre Braz, aquella cabeça não an-

da certa! Sempre mettido nos mattos com os lobos, ou...

— Alto! Nem pio, tia Angelica! Nem mais pio! Pela boca morre o peixe! Assente a espada na visinhança, quanto quizer, que tambem não sou nenhum santo, e gósto de meu bocado de má lingua; mas não se metta com as vidas das Pessoas Reaes. Nada de graças! As paredes teem ouvidos, e faz muito frio nos calaboiços e enchovias.

— Salva tal logar! Amen. Tem muita razão, senhor Braz Topete. Não sabemos quem nos quer bem, ou quem nos quer mal. Livre-nos Deus de inimigos de ao pé da porta, e de mau olhar de tortos pela manhã em jejum! Ora muito me conta! Figas, tinhoso! Com que então o senhor infante ía sendo quasi apanhado á saída da barra?! Essa não esperava eu saber com sessenta annos de vida peccadora! Louvado seja Deus!

— Tal e qual! Sabe que mais? O peior ainda não se disse. Andam tão desaforados os malditos piratas, que se me vierem cochichar uma noite d'estas: «lá estão elles no caes da Pedra, e lá te levam a tua comadre para Argel», não me admiro nada.

— Havia de ter que ver! Captiva de argelinos,

eu Angelica do Ceu, remida e baptisada nas sanctas agoas?! Credo! Santo Nome de Deus bemdito! Faz tremer as carnes! Sempre tem coisas este meu compadre! Anjo bento! Boas barbas lhes deu o demo a elles para isso! Angelica do Céo, criada de um mosteiro, e tão devota do seu padre S. Francisco, não nasceu para lavar pratos, nem para amassar alguidares de pão em um *serralho.*

— Até ver não é tarde. Olhe não a castigue Deus!

Este curioso dialogo tinha-se travado com boas esperanças de continuar entre duas figuras, que o malicioso entremez antigo não engeitaria de certo para uma scena bem salgada. Baixa, roliça, enviesada dos olhos, e com o beiço de cima mais assombrado de buço do que o bigode nascente de qualquer moço bem estreado de hoje, Angelica do Céo, criada de recados do mosteiro de Santa Clara, correspondia tanto á graça e formosura de seu poetico nome, quanto Braz Topete, corcovado, picado de bexigas, e quasi anão, se assimilhava a qualquer dos tres irmãos esbeltos, desempenados, e bons officiaes mechanicos com que a Providencia brindára a casa de seu pae.

O logar concordava com a physionomia dos acto-

res. Era a rua da Padaria, insigne pela numerosa assistencia com que de tempos immemoriaes a honravam de filhos a netos os zelosos irmãos da confraria de S. Chrispim. Escura mesmo ao meio dia, sempre alcatifada de lodo, onde os pés se atolavam até ao artelho, e estreita que dois visinhos, estendendo o braço, podiam quasi apertar as mãos de um lado a outro, a famosa rua, entre as do seu bairro em tudo similhantes, não devia seguramente excitar emulação nem causar invejas.

O compadre Braz morava da parte direita, subindo da Misericordia para a Sé, duas portas abaixo das casas chamadas «Paço dos Tabelliães», edificio sombrio e enfumado, de poucas janellas, enriquecido por dentro com a mobilia classica de algumas ponderosas mesas de pinho da terra, já sem côr á força de nodoas, sobre as quaes desde as sete horas da manhã rangia incansavel a penna de pato dos notarios publicos e de seus escreventes, cujas vozes roucas ou espremidas, asperas ou aflautadas, formavam como um côro horripilante, lendo, declamando, e dictando em publico e raso escripturas, procurações, contractos, e arrendamentos.

Braz Topete, sapateiro de seu officio, assentára a tripeça, veneravel por quarenta annos de bons e effectivos serviços, em uma loja apertada, baixa e es-

guia, especie de nicho, ornado em roda na altura da cabeça por uma grinalda de chapins esbeiçados, que exhalavam as palmilhas por todos os pontos, e riam por todas as costuras e gretas do cabedal, de sapatos de todas as fôrmas e feitios, macrobios respeitaveis, que ali vinham terminar a gasta existencia *secundum artem*, e de botas de viagem e de campo, roçadas, puidas, e quasi transparentes com os trabalhos da velhice, e os aleijões dos remontes. Um avental, que fôra de lona branca no anno da acclamação de elrei D. Pedro II, ligado aos hombros por suspensorios de couro, cobria-o por diante, d'esde o pescoço até ao meio da perna, como babadouro de creança. Calções côr de pulga, matisados de passagens, e um roupão de panno, coçado do uso, curto e justo ao corpo, completavam, juntos d'um par de oculos de aselha e caixilhos de latão, o infallivel tirapé, e a aguda sovella, o uniforme e accessorios do mestre, um dos mais curiosos, e malignos mexeriqueiros, que então povoavam a rua da Padaria.

Era á boca da noite. O dia correra desabrido e chuvoso, não de grandes pancadas de agua, mas d'aquelles aguaceiros miudos, cerrados, e constantes que ensopam em minutos, até aos ossos, gelando o sangue. Sobre a tarde tinham começado a crescer e a avultar da parte da barra pesadas nuvens, desdobrando sobre a cidade um toldo sombrio. O céu de

cinzento principiára a tornar-se mais carregado, do que baeta preta de caixão, phrase da senhora Angelica, muito digna de suas pias lucubrações. Tinha repicado a Ave Maria nos sinos da Magdalena, e por isso os dois compadres antes da ceia estavam amolando innocentemente a maledicencia, mordendo na honra e no credito dos proximos, e redigindo em collaboração commum a gazeta de mentiras e aleives que no seguinte dia a velha havia de publicar no seu convento, resmungando-a ao ouvido da madre rodeira, e o carcunda se havia de encarregar tambem com egual zelo de ir descozendo com os freguezes, sem perder ponto, nem fio, unindo a actividade da lingua á expedição do trabalho.

Corria o anno de 1727. Reinava em Portugal elrei o senhor D. João V, de faustuosa memoria.

Apesar da opulencia, ostentada pelo Salomão portuguez em todos os actos da sua côrte, e a despeito da magnificencia de suas fundações religiosas, e das pompas quasi romanas da nova patriarchal, as ruas de Lisboa, em se escondendo o sol, não eram mais seguras, nem mais claras, do que os caminhos e asi nhagas das aldeias e arrabaldes. Sem policia nem illuminação, a ronda apenas as crusava por alta noite. A pacifica guarda urbana, mais interessada em se recolher com as costellas intactas, do que zelosa

de velar pela segurança publica, atravessava os becos e viellas da cidade em passo funebre, com a lanterna de furta-fogo na mão, e as chuças macrobias ao hombro, fazendo de proposito a vista grossa para não descobrir os embuçados cosidos com as esquinas e immoveis como estatuas.

De espaço em espaço divisava-se em algum cotovello, ou recanto deserto, o clarão mortiço de uma lampada accesa á custa das esmolas dos devotos, balouçada pelo vento, em argola ferrugenta defronte do retabulo, ou da benta imagem embebida no muro, ou na parede. Salvas estas raras excepções, espessas trevas envolviam a cidade. Um máo encontro, ou uma espéra pareciam cousa tão natural, que nenhum homem grave e temente a Deus se arriscava sem grande necessidade ao arrojo de uma visita longe de sua morada, sem levar sempre o nome de Jesus na bocca, e o punho nos copos da espada. A menor de todas as tropelias, a que se expunha, e que poucas vezes evitava, caia-lhe de repente, e de cima, em fórma de banho de chuva. Uma escrava preta, depois de rosnar em voz lugubre o aviso arrevesado do costume por descargo de consciencia, entornava-lhe sobre a cabeça a immunda urna, e o pregão chegava quasi sempre aos ouvidos da victima acompanhado da torrente despejada com arremeço.

Fronteiras á porta de mestre Braz olhavam para elle, com o sorriso desbotado de suas côres perdidas, as duas cortinas de baeta verde, e a bacia chata e amarella da loja de um barbeiro visinho, Simão Bagaço, glorioso executor da arte de rapar barbas e epidermes, conhecido por ser a mais romba e assassina lanceta d'aquelle bairro.

Uma candeia de tres bicos, pendente de ensebado cordel, projectava escassa luz sobre o afumado antro, aonde funccionava a navalha, ou a thesoura d'esta parca da cirurgia ministrante. Por cima da entrada uma taboa de tres palmos de comprido e um de alto, primor do pincel de um aprendiz de pintor, offerecia á vista horrorisada um braço jorrando sangue em borbotões pelos cinco golpes, de que o ornara a imaginação munificente do rival de Apelles. Apesar dos annos o vermelhão conservava tão encarnada ainda a tinta, que os olhos dos pacientes fugiam sobresaltados do horrifico espectaculo d'aquella sangria homicida.

Braz Topete, e Simão Bagaço dedicavam um ao outro a amisade tradiccional, que distingue, desde a arca de Noé, a raça felina da raça canina, com a differença, porém, de que o sapateiro, rachitico, manhoso e falso, era o gato, insinuando-se na ponta das patas e roçando-se matreiro até virar a garra, e

que o barbeiro, espadaûdo e forte como Hercules, pimpão de feiras e de romarias, sabendo que para estalar entre as mãos as gibas do seu emulo não precisava senão de o abraçar, ria-se do aborto, mettia-lhe medo, e deixava-o assoprar de longe.

O papel de iris da paz entre as duas potencias inimigas pertencia á comadre Angelica do Céo, qual desde a chorada morte da mulher de mestre Simão tomara a seu cargo arranjar-lhe a casa, e guisar-lhe a frugal e parca refeição.

A posição dos dois personagens tambem merece ser mencionada.

A senhora Angelica estava de pé em cima de uma taboa encostada á soleira com a inclinação de prancha de falua. Por baixo da taboa suspensa, como ponte, corria sem parar com rapido murmurio um riacho engrossado pelas aguas vomitadas das biqueiras, que enchurravam pelos beccos e travessas. As meias portas da loja do sapateiro, fechadas, alcançavam pela cintura a servente de Santa Clara, e dariam pelo alto da testa ao seu interlocutor, se este, calcando vaidades, não reconhecesse a inferioridade da estatura, e não trepasse para a corrigir a um moxo de quatro pés, seu poleiro usual, quando subia ao observatorio. A caixa de rapé de páo do ar, tos-

ca e mal provida, abria-se a miudo entre os dois, e, cada pitada, com as cortezias e ceremonias costumadas, servia de novo estimulo á conversação interminavel.

Angelica e Braz tiritavam de frio, mas resistiam ás inclemencias da estação, como os sparciatas á dôr physica. A beata, mais enroupada, e com o manto lançado por cima da cabeça, abrigava-se dos pingos de agua, que de instante em instante se desprendiam das beiras do telhado. O sapateiro, menos acautelado, e com a cabeça descoberta, aquecia as mãos nos bolsos, e quasi recolhia o corpo no ouco das duas carcundas, recuando e sacudindo a cara, quando tres ou quatro pingos, caindo-lhe a prumo sobre a nuca, ou deslisando-se-lhe pela cana do nariz, o advertiam de que cedêra com imprudencia ao enlevo das exhortações, ou dos mexericos da sua virtuosa confidente.

Mestre Braz acabava a ultima phrase, ou conceito moral, que repetimos com a escrupulosa fidelidade devida ao credito d'esta mui veridica historia, quando um rumor de passos, que sentiu na rua, o obrigou a emudecer. Afiou o ouvido, e arremettendo impavido com a chuva, que principiava a picar mais rija, estendeu o pescoço, e apurou a vista. A tia Angelica, não menos zeloza, imitou-lhe os gestos, e

ambos assestaram a curiosidade insaciavel contra um vulto, que descia, e que depois de breve pausa levantou a tranqueta da meia porta da loja do barbeiro, entrou com desembaraço, e desappareceu. Apesar do escuro ser já grande, o freguez de mestre Simão não escapou da vigilancia das duas sentinellas. A beata e o sapateiro, voltando-se de novo um para o outro, e disparando a um tempo a mesma risada fanhosa e abafada nos gorgomillos, exclamou:

— É elle! Caspité! Já tardava! — disse mestre Braz.

— Anjo bento! E fazerem alferes aquillo, que não tem aonde cair morto! — retorquio a beata.

— Se mestre Simão lhe levasse o nariz, ou a orelha em um gilvaz da navalha, era bem feito! Mas essas obras não as faz elle senão aos pobres. Coitados! A este põe-lhe a cara em sangue, e deixa-o ir!

— Não tenha má lingua, senhor Braz! Queira bem a quem não lhe quer mal. Mestre Simão não é o que parece...

— Bem sei! — acudiu o sapateiro, retorcendo a bocca em um sorriso avinagrado — Se houvesse justiça andava ha muito de barril e grilheta ao pé, nas

galés; como não ha, e a sua navalha mais dia menos dia vira o fio nas goellas de algum miseravel, ainda espero vel-o feito homem de ferro na procissão do Corpo de Deus, ou carregando fardos ás costas na Alfandega. Forte alarve! Dizem que em uma sangria se lhe esvaiu nas mãos o pobre velho, que morava ao Arco do Caranguejo. Cortou-o na *veia arteria*. E não se pendura na forca um maroto d'estes!...

— Deixe-se d'esses contos, atalhou a comadre pacificadora, e diga-me: soube mais alguma coisa?

— Ora?! Sei tudo. Ella tem um irmão que é de S. Domingos. É pobre como Job. Sustenta-se a si e á avó lavrando rendas, e bordando punhos e tiras. Tem mãosinhas de fada.

— E quem a vir toda de focinho torcido abaixar a cabeça á gente, que parece que faz esmola, ha de dizer que sedas e damascos, diamantes e perolas, são o recheio de suas arcas!

— Nem tanto, nem tanto, comadre! É recolhida, séria, e boa rapariga. Não dá que fallar ao mundo...

— Porque são mais as boas linguas do que as

más n'esta sancta visinhança, anjo bento, acudiu a velha, fazendo-se côr de lacre, e enfiando de raiva um olho pelo outro.

— Oh! exclamou Braz Topete, espantado do atrevimento da asserção, e indignado de ver subir da Magdalena e entrar para a loja do barbeiro outro vulto. Pelo que vejo, rosnou, hoje é dia grande em casa do mestre Simão. Esta noite vão mais dois ovos á frigideira, anh, tia Angelica?

E depois de dois piparotes soffriveis, um de cada lado do nariz para o desobstruir, o sapateiro, carregando o indice na venta esquerda, sorvêu e fungou com as tres pausas do estillo uma longa e farta pitada, que pareceu alivial-o um pouco dos fumos da inveja.

— Olhe sr. Braz, proseguiu a servente, só lhe digo isto. Nunca gostei de bonecas de Allemanha nem de anjinhos de alcorce. A visinha Ritta será uma joia, mas não me quadra com as minhas medidas. Se a visse aos domingos, toda apontada, de saio e corpete de laços, mantéo fino, e sapatinho de seda, ir á missa e voltar com a avó, que parece que não põe o pé no chão de mimosa, já o meu compadre não fallava assim. E de mais, quem se confessa como nós tres vezes por semana, quem jejua e reza

todas as novenas e ladainhas, não póde gostar de uma delambida, que, todas as noites que Deus manda, está debruçada da janella em gargarejos e amoricos com aquelle alferes, que tem a lingua maior do que a espada, e que de certo a não atura por bom... Vamos, visinho, a uma filha sua não lh'o consentia, que eu bem sei os pannos com que se limpa.

—Isso eram outras contas! —replicou o anão. —Mas para todo o genero de peccado deixou Deus remedio na sua egreja, segundo préga o padre Fr. Caetano. O melro, se ateimar, deixa por aqui as pennas, e talvez as azas!

—Ah! Ainda bem. Conte-me isso!.... Diga!....

—É segredo! e segredo em bocca de mulher derrete-se que nem manteiga em nariz de cão!.... Sabe o dictado, tia Angelica?...

—Não se faça confiado, compadre! Isso não são coisas que se digam a uma pessoa do meu porte e discrição. Já dei com a lingua nos dentes alguma vez em recado seu, ou já tirou de mim particulares que eu devesse calar?....

Mestre Braz respondeu á temeraria pergunta, en-

gasgando-se em uma requinta de tosse, que lhe tomou a voz. A consciencia da beata aconselhou-a a não insistir depois de tão expressiva demonstração.

—Muito me diz!—tornou ella disfarçando.—Com que então andam os caçadores aos melros?.... Ora pois! vão-se os anneis e fiquem os dedos. E está para cedo? Veremos depennar o melro?.... .

—Não sei. O irmão foi avisado e traz o olho em cima da casa. Mas temos grandes novidades por cá. Haverá cinco para seis noites, que outro da mesma laia do alferes, quer chovam raios ou coriscos, quer vente que vão as telhas pelos ares, embuçado na capa ás canhas, e com o chapéo cravado até á testa, não faz senão rondar a porta de cima para baixo, fazendo signaes e tregeitos. Por ora, graças a Deus, ainda não limpou a mão á porta. De cima nem bus, nem truz! É como se orneasse um jumento, com licença da tia Angelica. Muito hei de eu rir se os dois tafues topam ahi um com o outro á primeira esquina, e acabam o jogo ás estocadas....

—Era freguezia que vinha do céo a mestre Simão, e elle que tanto precisa, coitado!

—Hum! resmungou o anão com um encrespa-

mento sublime, que lhe ouriçou a corcova das costas, e sumiu a do peito.

—Então o irmão, o frade, já sabe tudo? — repetiu a servente. — Quem o avisaria? Foi uma caridade para a rapariga. Por essas e por outras se perdem tantas, que seus pais ensinaram e tiveram sempre em recato e honestidade! Ai meu Jesus da minha alma! O que vai por este mundo! E para isto estão as mães creando as filhas! Ah, homens, homens! Por isso em minha casa, que a mim me lembre, nunca entrou nem sombra de calção!

O anão riu-se descaradamente da hypocrisia da comadre; e esta, para corrigir o defeito da ultima exclamação, um pouco atrevida para quem lhe conhecia as prendas, apontou com o dedo para a loja defronte. Um dos freguezes, enxugando no lenço o sangue dos lenhos abertos nos queixos pela navalha de mestre Simão, despedia-se d'elle e da sua pericia com pouca saudade. Derrubando depois a aba do chapeu sobre a fronte, e enrolando-se na capa, desceu a rua, virou a esquina, e sumiu-se, não sem lançar os olhos de revez para as duas figuras de presepe, que espetavam n'elle a vista. Naturalmente tinham boas razões para não deslisarem da mais severa circumspecção.

Porque motivo detestava mestre Braz tão cordealmente o official, que não conhecia, nem de nome, e porque mordia com tanta furia a devota Angelica na reputação da visinha moça do primeiro andar?

Duas palavras explicarão os odios d'este precioso par.

O sapateiro, como o furão, devorado do ardente desejo de escutar o dialogo dos amantes, encovou-se uma noite no beco para onde deitava a janellinha da visinha Rita, e d'alli espreitou até que um espirro impertinente, denunciando a sua presença, o expoz ao castigo merecido.

Em dois pulos estava sobre elle o alferes, e fazendo-lhe argolas das orelhas, sacudio-o por ellas tres, ou quatro vezes, rematando com um alentado pontapé esta severa correcção administrada com rapidez. Se o alcança por qualquer das corcovas, tinha-lh'a achatado. A felicidade do anão consistiu em o pé do official acertar em certas formas roliças e parar n'ellas. Assim mesmo rebolou, como barril, por cima da lama, e todo contuso e enfrascado, refugiou-se dentro de casa, protestando nunca mais tornar a metter a foice em ceara alheia. Toda a noite sonhou que voava nas azas de um páo, ou

que girava na ponta de um sapato, e ao acordar, quando contemplou com tristeza em um pedaço de espelho partido as nodoas dos dedos do aggressor, assignalados na cara, jurou vingar-se.

A tia Angelica, alma gemea do corcovado, detestava Rita, porque, uma vez ao sair da missa das almas, indo a esconder-lhe na mão uma cartinha dobrada em forma de laço, e tão perfumada que a uma legua rescendia a amores, a donzella, escarlate de pejo, deixou-lh'a cahir com desprezo, pondo os olhos na beata com severidade tal, que ella enfiou de medo, e veio metter-se no meio do povo, não se atrevendo nunca mais a embaixadas similhantes, por maior que fosse o preço offerecido pelo recado.

Mas a espinha venenosa cravou-se-lhe no coração. A má lingua cortava como thesoura afiada na menina dos olhos pretos, nome que a visinhança pozera a Ritta, pela formosura dos dois esplendidos e serenos astros, que realçavam a bellesa d'aquelle suave e engraçado rosto. Perdoe-se-nos o arrojo da hyperbole, que nos não pertence, mas a certo poeta da rua das Arcas, o qual entre suspiros e glosas distrahia com suas rimas agudas a paixão ardente e solapada, que entalhavam em seu peito, votado á musa dos oiteiros e abbadeçados, os dois frecheiros assassinos, aonde, dizia elle, Cupido tinha emboscádo todas as traições e crueldades.

—Adeus, visinho Braz, disse a servente, conchegando o manteo, e affagando os enormes bugalhos das camandulas, para figurar uma retirada falsa. O que fôr soará. Se essa espevitada, que lhe deu no goto, boa cama fizer, n'ella se deitará... Senão!... De si que se queixe, que outras de melhores toalhas vi eu perdidas. Em fim, como o irmão sabe tudo, e o meu compadre anda com o olho em cima da festa... mais descansada vou! São horas de ceia. Ámanhã tenho de estar com o dia na portaria de Santa Clara. Aquellas senhoras, coitadinhas! teem sempre tantos recadinhos e impertinencias, que é um louvar a Deus.

Tinha escurecido entretanto, e o segundo freguez de mestre Simão descia os tres degraus, que á maneira de throno de S. Antonio davam sahida da loja para a rua. O barbeiro, ainda com o pente nos dedos e a toalha a tiracollo, chegou atraz d'elle á meia porta, apontou a vista para defronte, e deteve-se um instante a admirar os requebros malidicentes da beata e do seu parceiro, os quaes parecia que não podiam arrancar-se ao grato officio de esfollar a pelle de amigos e inimigos, atropellando perguntas, e mastigando calumnias.

Depois de encolher os hombros enfadado, e de rosnar por entre dentes:—O que terão desenrolado

ali aquellas lesmas!» mestre Simão, insinuando na bocca o dedo indice e o dedo medio, assoprou por entre elles dois assobios rijos e vibrantes, que em uma praça de toiros lhe grangeariam as honras do *bis*.

Era o signal perceptivo do toque de recolher. A beata, ouvindo-o, fez o signal da cruz, e foi arrastando os pés pela taboa, que servia de prancha aos freguezes para embarcarem por cima das agoas, e entrarem na caverna de Braz Topete. O carcunda, assustado com a impaciencia que denotavam os apitos quasi ferozes, saltou do mocho ao chão, e entoando em voz de tiple a cantillena da ladainha, tirou de uma prataleira de pinho a caixa da isca e o fuzil, petiscou lume, e accendeu a mecha, não sem um accesso de tosse, que lhe sacudiu as duas gibas.

Momentos depois uma candeia de lata, rival da do barbeiro, e suspensa tambem do tecto por um barbante, alumiava a casa do successor de S. Crispim.

Mestre Braz, se podesse ver o que ía na cosinha do visinho, estalava de inveja. Não eram dois, eram quatro os ovos que chiavam na frigideira da tia Angelica com um caneco de vinho tinto e encorpado, que podia cortar-se á faca, e um pão tão alvo,

que até abriria o apetite a um defunto. Se todos os dias fossem como este, Simão Bagaço mudava-se para a rua Nova, e menos queixoso da fortuna tal vez se mostrasse mais clemente com as victimas, ás quaes em premio da abundancia a navalha despiedosa banhava em sangue.

II

Em casa e na rua

O relogio da Sé acabava de bater dez horas. Minutos depois o sino parochial da Magdalena repetia compassadamente igual numero de pancadas.

Sobre as ruas desertas pairava immensa tristesa. A trovoada, que toda a tarde fuzilára por cima das montanhas «além do Tejo» tinha-se avisinhado lentamente, e estava eminente. O ar abafava de morno; e de espaço em espaço uma rajada de vento, similhante a gemido prolongado, passando por cima das aguas do rio, vinha soltar como um lamento dorido sobre a capital.

A chuva, rara a principio, mas já frequente, fustigava as vidraças, e, esparralhando-se nos telhados, chapinhava nas pedras das calçadas, caindo em fio das biqueiras. No céo nem uma estrella! Na cidade escuridão cerrada! Profunda mudez, surda até dos confusos e longinquos rumores, que se levantam do seio das povoações adormecidas, e que são como o respirar nocturno de seus amplos pulmões, tornava mais lugubre e sepulchral ainda o aspecto da capital.

Por entre as fisgas das taboas mal juntas da porta de mestre Braz qualquer curioso, advertido pela restea de luz pállida da candeia, querendo deter-se e espreitar, poderia aperceber o vulto do anão, sentado, ou antes agachado, e entretido em despachar ao serão um remonte de urgencia. Mais abaixo, dobrada a esquina para o becco, rasgava-se a estreita janellinha da morada da «Menina dos olhos pretos.» As vidraças e as portas de dentro abertas, e a rotula levantada, diziam que o somno tambem ali não pousára ainda. A habitação corria tão rente da rua, que subindo dois degraus do poial fronteiro, e enfiando a vista pelo aposento, tudo se descobria facilmente para dentro.

O castiçal em cima de um velador de pau santo dava claridade ao quarto, pequeno, mas alegre, que

rescendia áquella fragancia da pobresa limpa, que luz cem vezes mais, do que a opulencia desmaselada. Um toucador singelo com o espelho pregado na parede, entre alvissimas toalhas, uma jarra da china estalada na bocca e vasia de flores sobre outra mesa do lado opposto, e duas ou tres cadeiras antigas de espaldar e assento de couro, compunham a mobilia remoçada pelo apuro dos cuidados incessantes.

Inclinada sobre o velador, a donzella rematava um bordado em tela transparente, tão fino de lavores, que cegava quasi a vista acompanhal-a nos pontos da agulha. No furtivo sorriso, que nascia e expirava á flor dos labios, arqueando-os graciosamente, no olhar meigo e inquieto, que desferiam as pupilas por entre as longas e assedadas pestanas, no momentaneo ardor, que lhe afogueava as faces de neve, e logo desmaiava na suave e costumada pallidez, e em fim, no suspiro comprimido que de quando em quando lhe fazia arfar o peito, quem tivesse escutado a conversação de mestre Braz com a tia Angelica, de certo adivinharia sem difficuldade as incertezas de um coração innocente, repartido entre o alvoroço da esperança, e o receio de a ver realisada.

Voltava pela terceira vez pé ante pé do vão da

janella, e teria apenas pegado da costura, quando um furacão repentino, sacudindo a casa, como se quizesse desarraigal-a dos alicerces, entrou pela casa, quente como golphada de lume, arrebatou-lhe o bordado das mãos, e apagou subitamente a vela. As portas bateram e fecharam-se com estrepito, o tecto e o pavimento gemeram, e a voz da avó, perguntando sobresaltada pela causa do ruido, veiu acabar de confundir a assustada Ritta, que, perplexa e commovida, não sabia a qual acudisse primeiro, se á janella, aonde batia rugindo a tempestade, se ao quarto donde a unica amiga da sua infancia amiudava as vozes.

Estendia o braço, apalpando nas trevas, para encontrar o castiçal, quando immenso clarão, allumiando tudo em roda, e o estampido de um trovão, estourando perpendicular, a petrificaram de terror. Erguendo machinalmente os olhos baixou-os deslumbrada. Viu os céos abertos, e os raios sulcando de fitas turtuosas a escuridade. Torrentes de chuva, no meio dos silvos e bramidos do vendaval, tornavam pavorosa a lucta dos elementos.

A donzella, cobrindo o rosto com as mãos e curvando-se como a flor melindrosa, caiu de joelhos, e só passados instantes, e depois de confortada pela oração, é que teve animo de ir á janella e de a fe-

char. Accender a luz depois, entrar á pressa na sua camara, apenas enfeitada pelo pequeno leito rodeado de cortinas brancas, seu ninho virginal, e atravessar um corredor estreito até á alcova da avó, não a demorou momentos. A velha, crendo piamente ser chegado o fim do mundo, balbuciava e tremia, chamando por Nossa Senhora. A presença da neta, o rolo bento, e o milagroso registo de Santa Barbara reanimaram-a. As duas encommendaram-se então com fervor á valiosa intercessão de S. Pedro Gonçalves, de S. Simeão Stelita, e de toda a côrte do céo, entre ladainhas e preces, cortadas de exclamações e de sobresaltos.

Quando a maior furia do temporal se aplacou, as palpebras da avó, que tornara a recostar-se, cederam ao peso dos annos e á fadiga da agitação, a falla sumiu-se-lhe na garganta, e a cabeça pendida descahiu de todo sobre a almofada. O somno tinha-se apoderado d'ella inteiramenter pela segunda vez.

Em quanto acontecia em casa de Ritta o que acabámos de descrever, tocavam á porta de mestre Braz, a principio de leve, e por fim com os copos de uma espada. A hora, a occasião, e mais que tudo a temerosa noite, não se figuravam mui opportunas ao carcunda para visitas instarem com tanta impaciencia. O anão, que nos exercicios de aju-

dar á missa, rezar o terço, e pedir para as almas, tomára com o altar aquella devota familiaridade, que realça a compunção dos servos de Deus encanecidos no serviço da egreja, tinha encolhido os hombros, e franzido as sobrancelhas em quanto trovejara ao longe, continuando a puxar o fio, ou a assentar o corte á faca do officio; mas cresceram os furacões tão violentos uns apoz outros, repetiu a luz electrica os clarões com tanta frequencia, a chuva de pedra saltou nos telhados com tamanha bulha, e a enchurrada da rua despenhou-se com tal ruido, que o medo começou a trespassar a alma do virtuoso confrade de S. Crispim.

O mesmo espantoso trovão, que tanto amedrontára Ritta, paralisou no ar os dedos do sapateiro, quando apertava o ponto, segundo os preceitos da arte. Tornado estatua, fugiu-lhe o fio dos dedos e a obra dos joelhos, e com a vista pasmada, e a bocca retorcida, gelou-se-lhe nas fauces o grito, que ia soltar. Por um esforço heroico, similhante ao marisco, quasi que se encolheu dentro das cavidades das gibas, e só decorridos instantes, levantando-se pallido e estonteado, é que achou alentos para começar a resmungar alguns trechos mal cerzidos de orações, metade em latim de orelha, metade em portuguez de sacristia.

Largando depois sovela, cabedal e remontes, enviesou os passos com o garbo do caranguejo desde a puida tripeça até a uma especie de armario vasado na parede, discreto confidente de seus papeis e receitas, e mettendo ao acaso a mão por uma das prateleiras, tirou de cima, e arremessou ao chão um livro das Cavallarias dos Doze Pares de França, a historia de — la Linda Magalona — impressa em hespanhol por Antonio Alves em 1625, e o Livro do Infante D. Pedro de Portugal, e das Sete Partidas do Mundo — estampado em Lisboa no anno de 1644 na officina de Domingos Carneiro.

Acertou por fim com o tomo que buscava. Era um volume de capa de pergaminho, sujo, amarrotado, encebado, e crivado de signaes nas folhas. Montou os oculos no cavallete do nariz, poz os joelhos em terra, e principiava a ler por elle a oração do — Justo Juiz, — e o cantico de — Magnificat — quando as pancadas descarregadas de fóra na porta, o advertiram de que, se as iras de Deus o ameaçavam de telhas acima, de telhas abaixo não tinha talvez menos que receiar da maldade dos homens.

—Bata com a cabeça!—rosnou o corcovado, cosendo-se com a parede, e volvendo para a entrada os olhos assustados.—E esta! Aqui por acaso é alguma estalagem?

Calou-se, aguardando em silencio que os hospedes mal-vindos se affastassem. De balde. Passados instantes os golpes redobraram, e mãos vigorosas abanaram as pranchas carunchosas com tanto poder, que o anão, ouvindo estalar a madeira, cuidou que uma quadrilha de ladrões lhe assaltava a casa, e já principiava a temer que porta, alisares, e couceiras, tudo de provecta idade, lhe desabassem em cima da cabeça, arrancados os lemes e ferrolhos.

Na realidade era apertado o conflicto!

Se abrisse, expunha-se a um mau recado, se resistisse, podia pagar capital e juros da demora. Optou pelo primeiro alvitre, e já se encaminhava para a sahida do agulheiro, quando novo trovão, rebentando com estrondo que fez estremecer a casa, acabou de lhe decepar as forças, e de lhe tolher os movimentos. Esquecido de tudo, em vez de acudir aos incansaveis pontapés disparados contra a porta, apertou as mãos na cabeça, exclamando: «Jesus, Santa Barbara! Decerto caiu raio!»

—Abra, mestre, senão vae dentro! gritou de fóra com imperio uma voz cheia e irritada.

—Ahi vai! Ahi vai! Quem é? replicou o sapa-

teiro, fazendo-se de mil côres, e com certa prisão na lingua.

—Abra e saberá!

Não havia remedio. A porta nos paroxismos gemia com tanta fraqueza, que bem mostrava estar por pouco. O anão, benzendo-se, e cobrindo-se com ella da primeira estocada, tirou a tranca de pau, e correu os fechos com a mesma visagem, com que o atirador noviço desfecha o gatilho da espingarda.

—Entre quem é! disse com a alma nos dentes, e uma lagrima em cada olho.

Entraram duas pessoas embuçadas, escorrendo agua como se acabassem de sair de um banho no patrio Tejo.

—Deus seja n'esta casa!—disse o mais alto, medindo em um relancear a loja, o anão, e os gloriosos instrumentos do officio. Depois, em quanto tirava e sacudia a capa, e encanava dos bicos do chapéo para o chão um verdadeiro rio de agua, accrescentou:—Com que então, mestre, queria que nadassemos como peixes?! Muito medo, ou muita surdez. Anh?!...

—Surdo, mestre Braz Topete, cuja lingua é a thesoura do bairro, e que tem ouvidos para escutar da sua porta o que se falla em voz baixa até aos terceiros andares?! Não acredite—volveu o companheiro, menos alto, porém não menos desenvolto nas fallas e maneiras.

O sapateiro tremeu de ouvir aquellas fallas, e um arrepio correu-lhe, como presentimento, toda a região lombar. Parecia que os queixos e as costellas se lembravam e o advertiam.

Estatico, de braços pendentes, com os oculos á bolina, e não ousando proferir palavra, não sabia o que julgasse.

O seu enleio durou pouco. O segundo hospede, largando a capa ensopada, e descobrindo a cabeça, mostrou-lhe as feições detestadas do alferes, amante de Ritta.

—Então, continuou o mancebo, rindo para o outro hospede, não apostei com motivo que o mestre não dormia? Gosta de sua nesga de serão, e nunca engeitou um passeio por alta noite. Conhecemo-nos muito. Elle bem sabe!

Cada palavra era uma lançada no coração do

carcunda, tremulo de medo e de raiva. Se os olhos podessem assassinar, os seus tinham de certo varado o peito do alferes. Aquelle riso e aquellas picadas de alfinete no amor proprio do curioso, depois da severa correcção, que descrevemos, endoideciam o anão, que nunca teve maior odio á especie humana, do que n'este momento, em que via sobranceira alguns palmos á sua cabeça a estatura desempenada do homem, contra o qual desejaria empregar as forças de Hercules, affogando-o nos braços. Entretanto, comendo comsigo a desesperação, e fazendo-se forte para encobrir o susto, disse virado para o primeiro interlocutor:

—Poderei saber o que procuram os senhores n'esta casa a tal hora?

—Pode! replicou o mais alto. Estamos aqui, porque não podemos estar na rua, primeira razão. Batemos á sua porta, porque vimos luz, segunda razão. Arrombou-se-me um sapato e precisa de concerto, ultima razão. Vamos, mestre! Sovela e fio nas unhas! E andar que tenho pressa!

—Tão tarde!

—Ouça! Vê estas pratinhas? Ganha-as se me cose o sapato. Vê agora esta espada? Corta como a

melhor navalha. . . sobre tudo orelhas. . . As suas são dois abanos. Tenha dó d'ellas.

O carcunda olhou para o semblante do freguez, medio o comprimento da espada, sommou mentalmente o valor das pratinhas promettidas, e sem replicar estendeu a mão á obra e á recompensa. Era tão extenso na agudeza, como curto nas proporções do corpo. Os dois bojos com que a providencia munificente o tinha brindado, podiam dizer-se dois verdadeiros armazens de malicia e de cubiça.

O alferes, medindo o espia de seus amores com olhar zombeteiro, applaudia de vez em quando as contorsões d'aquella physionomia hypocrita, e soltava risadas que faziam quasi chorar o mestre. O seu companheiro, sem mesmo tornar a honrar o abysmado Topete com outra ameaça, puxou para si o moxo, que servia de mirante ao corcovado, sentou-se n'elle, e descalçando o sapato, entregou-lh'o silenciosamente.

Depois, em quanto Braz, com a barba sobre a obra, atropellava os pontos para ver mais depressa fóra de casa os incommodos freguezes, ataram os dois de novo a conversação, como se o compadre da tia Angelica não existisse. Apesar d'elle, fingindo-se distrahido, apurar as immensas orelhas, nenhum fa-

zia caso dos gestos, que lhe escapavam, quando certos reparos lhe venciam a natural dissimulação.

—Segundo vejo, disse o cavalheiro ao militar, o senhor alferes é muito d'estes sitios? Creio isto, porque me parece que já o encontrei de tarde, ali defronte, em casa do barbeiro, e agora á noite no Caes da Pedra! . . . Ciumes, ou amores, ía apostar? . . .

O sapateiro esgueirou sobre o mancebo um olhar atravessado, engoliu uma imprecação, mas teve a prudencia de coser a bocca com mais consciencia do que o cabedal.

O alferes, que se conservara de pé, não se mostrou lisongeado com a pergunta, nem com o modo porque fôra feita.

—Talvez a mesma razão que o trouxe ao senhor a estas horas e com esta noite á rua da Padaria, ou a suas visinhanças! atalhou córando, e tossindo para disfarçar o enleio. Se lhe perguntasse o motivo, accrescentou fitando o companheiro, talvez não m'o dissesse?

—De certo. Guardo os meus segredos para o confessor.

—Tambem eu. É mais seguro.

Estas poucas palavras, trocadas em tom quasi altivo, pozeram termo por alguns momentos á pratica, não sem magua de mestre Braz.

—O seu regimento está na corte? interrogou d'ahi a pouco, não sem um certo ar de auctoridade, o primeiro interlocutor.

Pouco satisfeito da supremacia, que o estranho se arrogava, o alferes esteve quasi soltando um dito picante, mas contemplou a physionomia cheia de nobreza, e o garbo das maneiras do homem com quem fallava, e arrependeu-se. Contentou-se com replicar seccamente:

—É o regimento de infanteria de Antonio de Moura.

—Aquartelado ao pé de Santa Clara?

—Isso mesmo.

—Muito bem. E' moço, senhor alferes, e uma espada em boas mãos sempre abrio caminho.

O mancebo suspirou e encolheu os hombros.

—Parece-lhe que não? Desconfia de si?—acudiu o companheiro, ao qual não escapára o suspiro, nem o gesto dubitativo.—Acaso julga que ha de entrar mais depressa a fortuna por casa a um pobre, que rala a vida medindo panno ás varas, desde que amanhece até que se põe o sol, ou a algum estafado escrevente, que chega á noite com o pulso aberto de encher folhas á raza, como aqui em cima, no palacio dos tabelliães?

—Se quer que lhe diga, o peior dos tres officios é o meu.

—Officio! A nobre carreira das armas!... Não esperava ouvir-lhe isso.

—Se me quizer ouvir, por força me dá razão. Medir panno ás varas não era para o filho de meu pae, porque pobreza nunca foi deshonra. Se a nossa casa caíu em desgraça, vá a culpa a quem toca porque devendo e podendo não paga.

—Ah! É fidalgo? Bem me parecia!... De casa illustre? Titular talvez?

—Illustre sim, titular não. Foi e é nosso orgulho conservarmos o nome dos avós. Sou dos Azevedos do Minho.

—Bom tronco e excellente familia. A coroa deve-lhe muito. Então o seu devedor faz-se surdo, ou morto?

—O meu devedor... é tão poderoso, que não posso queixar-me d'elle, e tão esquecido, que andaria mendigando por essas ruas sem me dar ao menos uma esmola!

—Cite-o. Justiça d'el-rei com elle.

—E se o devedor fosse el-rei mesmo!?... Meu pai gastou no serviço do Estado quanto tinha, e mais do que tinha. Deram-lhe cedulas e um alvará de promessa, mas tudo ficou em branco. É o costume.

—Nem sempre. Mas se os serviços de seu pae são taes, e prestados...

—Na India, na Africa, e na ultima guerra, atalhou o mancebo. Foi como se os não tivesse feito. Bem se lembram os senhores da côrte do velho, que morreu, ou do filho sem protectores!?

—Fallou ao secretario de Estado? O que disse Diogo de Mendonça?

—Abraçou-me, chorou, disse-me mil coisas bo-

nitas, lagrimas de crocodillo! Vae em dois annos que se está rindo de mim. E que riso! No entanto, como boas palavras não dão pão, e tenho de sustentar minha mãe, velha e quasi entrevada — uma santa que merecia melhor sorte! — vendi umas oliveiras ao pé da Chamusca, vendi o recheio da casa, tudo emfim que havia de algum valor... e hontem mesmo, ajuntou córando e sumindo-se-lhe a voz, foi tal o lance, que empenhei até a folha da espada. Trago uma de pau e estes copos de ferro por apparencia.

— E se houvesse parada, se el-rei fosse a ella? — observou o interlocutor.

— Valia-me o ser porta-estandarte!

— A folha da sua espada empenhada!

— A necessidade é negra. Cuida que se veste, que se calça, e que se põe a mesa com o apoquentado soldo de alferes, e ainda por cima com o atrazo de dois quarteis?

— No seu caso sabe o que fazia?

— Diga.

— Tornava á audiencia de el-rei.

— Fui. Mandou-me ao Secretario.

— Ia ao Secretario.

— Assim fiz.

— E elle?

— Encolheu-se, alquebrou-se, e disse: Requeira a el-rei! Não volto lá.

— Volte. Talvez seja mais feliz.

— Succede-me o mesmo. El-rei manda-me ao secretario...

— Vá.

— O secretario diz-me que falle a el-rei...

— Falle.

— E depois?

— Diga a ambos...

— Que vão pentear monos ao Brasil? Bem o merecíam!

— Olhe! Quer que lhe diga? Se fosse capaz de dizer isso... com o genio de el-rei, quasi que posso assegurar-lhe...

— Que dormia esta noite em uma torre? Bem sei.

— Não. Que o despachava. Sua Magestade gosta de uma agudeza dita a proposito.

— Pois tomo o conselho. Amanhã vou á audiencia e vou ao ministro. Andarei de Herodes para Pilatos, e acabo por lhes dizer a ambos na cara...

— Que vão pentear monos ao Brasil? Não diz, aposto!

— Tenho a paciencia por um fio.

— Não é capaz. Ah! mestre a obra está prompta? Parou a chuva. São mais do que horas de nos recolhermos. Boas noites! Com que então sempre quer dizer a el-rei, ou ao ministro...

— A ambos!

— Muito havia de rir el-rei da cara de Diogo de Mendonça, se lhe dissesse...

— Que ria, ou que chore, pouco me importa.

— Não desanime.

— O dito, dito, no Caes da Pedra.

E o alferes, embuçando-se na capa, sahiu atraz do companheiro, o qual, rindo em alta voz, não cessava de exclamar: Se elle será capaz! Oh! a cara de Diogo de Mendonça com uma d'estas na bochecha! Se o rapaz falla, não foi perdida esta noite.

Mestre Braz, depois de contar as pratinhas aparadas no concavo da palma, e de as sepultar na insondavel algibeira dos calções, entrouxou-se no capote, poz o edoso chapeu na cabeça, encostou com ruido a porta para fazer suppor que a fechava, e apagando a candeia, picado de curiosidade, arriscou-se a seguir o mais alto dos freguezes pela rua acima, na esperança de que moraria perto e não lhe perderia o rasto.

A providencia guardava-lhe n'esta romaria o premio das tribulações passadas. A noite ia em meio, mas as aventuras que tinha de cobrir com suas trevas, póde asseverar-se que só principiavam agora.

III

Não se ganha para sustos

Usando dos privilegios concedidos desde que ha novellas a todos os chronistas, acompanhemos no seu passeio nocturno o incansavel Braz Topete, e enredemo-nos com elle no labyrinto de ruas e viellas com que investia destemido, saltando aqui, escorregando acolá, e atascando-se mais adiante, umas vezes apanhado pela enchurrada, outras colhido em cheio pelas cascatas das biqueiras.

O freguez que o mestre seguia com o faro de galgo emerito, parecia voar. Tão depressa o divisava á esquina de uma travessa, como o via logo dobrar a esquina e sumir-se na escuridão. O corcovado, apesar do vento frio e da humidade da noite, na-

dava em suor, e se lhe puzessem de repente a mão na boca estalava como uma bomba. A curiosidade, só a curiosidade, mais poderosa com elle do que todas as fadigas, podia infundir-lhe animo para não descoroçoar, e proseguir na pista do viandante, que multiplicava os rodeios e voltas, como se de proposito procurasse escapar á sua vigilancia.

No fim de meia hora de subidas e descidas, estafado e endoidecido, perdeu o norte de todo, e se lhe perguntassem aonde estava não saberia dizel-o. Principiou então a arrepender-se seriamente da jornada, e a lembrar-se com vivas saudades do conchego domestico e dos grossos lençoes da sua cama.

Se não era de vinte varas a camisa, em que se mettera, achava-a já tão larga, que não atinava com o modo de sahir d'ella. Destorcer o caminho andado, e recolher-se, não o assustava menos, do que ateimar. Ensarilhado e confuso dobava sem descanso por becos e travessas immundas, estreitas e ladeirentas, no meio de trevas tão espessas que podiam cortar-se. A meia noite, a hora fatidica dos homicidios e fantasmas, estava a cahir por instantes.

—Esta só a mim! —vociferava atribulado.— Quem te manda a ti, sapateiro, fazer piões? Estou aviado! Este demonio não se cançará?! Se vem

a ronda, ou alguma boa alma, d'essas que vivem á custa alheia, apodrecem-me os ossos na cadeia por vadio, ou fico despido e esfaqueado no meio da rua! Ah, Braz Topete, quando terás tu emenda, meu amigo? !

Estas e eguaes jaculatorias, nem o aqueciam, porque tiritava como se o estivessem gelando n'uma sorveteira, nem remediavam o seu mal, cada vez mais insupportavel.

Já não podia correr. A respiração alta e apressada suffocava-se a cada passo. O homem, que, sem o cuidar talvez, lhe dava esta lição merecida, não inculcava querer pôr termo aos exercicios ambulatorios.

— O maldito — proseguia o anão esfalfado — não terá casa, ou será algum taful dos que moram ás esquinas, e embaínham uma estocada no corpo de qualquer christão? ! Jesus! Virgem Santissima!

Afinal, desanimado e exhanime, sentou-se em um degrau de pedra á porta de uma escada, e cobrindo como Agamemnon a cabeça com a dobra do capote, resignou-se a aguardar que amanhecesse, ou que o seu mau fado se consumasse. Pouco depois o sino de egreja proxima martellou-lhe nos ouvidos doze ba-

daladas; um chuveiro rijo sussurrou batendo nas telhas e nas pedras, e o ruido de passos atropellados veiu despertar de novo no seu animo todos os terrores, que a imaginação exaltada, ou a consciencia remordida lhe coavam no peito, desde que se via perdido e só no meio do bairro mais infamado de roubos e espéras, que existia n'aquelle tempo em Lisboa.

Em um salto, similhante ao que a rã arma para mergulhar no charco, achou-se, não só de pé, mas no ultimo degrau do poial, que lhe servira de recosto. Por outro impulso, tambem instinctivo, apalpando a porta, coseu-se logo com ella, escoando-se, e pesando para d'entro na idéia de poupar melhor assim ao respeitavel vulto os dissabores de um encontro desagradavel.

Por desgraça sahiu-lhe o calculo errado, e naufragou no porto. Mal o hombro tocára na porta, que suppunha trancada, esta rangeu, e cedendo abriu-se com força para traz de par em par, furtando o apoio ao desditoso mestre, que não contava com esta falsidade e que batendo no chão, primeiro com a cabeça, e depois com as costas, soltou um grito de dôr a que immediatamente respondeu outro de susto, porém agudo e mulheril.

O carcunda, moído da queda, amortalhado no capote, e com o chapeo amassado debaixo da nuca, revolvia-se e bracejava, empregando vãos esforços para se restituir ao equilibrio e assoprava de medo e de cansaço; mas os infortunios da infausta noite não estavam consumados ainda. Acabava de assentar-se, firmava as palmas para se erguer de todo, e já contava pedir ás pernas uma boa carreira para salvar as costellas do merecido castigo, que podiam attrahir-lhes as vozes da mulher refugiada no patim da escada, quando subitamente luzio um ferro nas trevas, e descendo rapido apontou-lhe a morte aos peitos. Ao mesmo tempo um pé bastante pesado, alcançando-o pelo ventre, e encastoando-lhe o corpo no pavimento, veiu annunciar-lhe que tinha pouco a esperar da misericordia do vingador desconhecido.

— Quem é? Falle, ou morre!

O que Braz Topete podia menos em tão ancioso conflicto era fallar.

O terror, a agonia, a pressão do sapato, que lhe carregava sem piedade sobre o vasio, e a fatal vista da lamina acerada, que entre suores frios lhe parecia sentir já embebida no seio, engasgavam-lhe as palavras, e mais facil lhe fôra exhallar o ultimo suspiro, do que mover a lingua, paralisada por tantas causas ao mesmo tempo.

—Ah! Faz-se morto? Não responde? Então espeto-o!

Dizendo isto o auctor da intervenção armada colheu a victima pela gola do capote, levantou-a, saccudiu-a nas mãos, e de rastos levou-a quasi inerte, como um fardo, até a rua, aonde lhe applicou algumas pranchadas, que não desmentiram a robustez do braço.

Esta pouco amigavel interpellação desatou milagrosamente a falla ao anão. Recobrando a elasticidade teve modo de desenfiar arteiramente as mangas do capote, como a serpe despe a pelle, e deixando a capa em tropheu ao perseguidor, deitou a correr e a gritar pela justiça de el-rei com brados tão fortes e desentoados, que, apesar da hora adiantada e do somno de ferro dos moradores do becco, era impossivel que não se alvoroçasse em poucos minutos a visinhança.

— Ah! exclamou o adversario de mestre Braz, arrojando ás pedras o capote e alargando atraz do padecente recalcitrante os passos soltos e amiudados. «O magano é capaz de acordar até os mortos se não lhe metto pela bocca os copos da espada.

Entretanto o corcovado, ao qual o medo prestava

azas, fugia levando tudo diante de si pela descida ingreme. De repente, ao virar a esquina, e ao desembocar na rua debaixo, outro florete desembainhado suspende-lhe a carreira, obrigando-o a armar um salto atraz, acompanhado de um grito de desesperação. Via-se como diz o adagio entre a espada e parede.

—Alto ahi! Até que o apanhei, senhor heroe! mais de vagar!

Mestre Braz estacou. Pegavam-se-lhe os pés á calçada, e sem exaggeração não se julgou só morto, mas sepultado. A voz que o atalhara, era grossa e colerica, e o comprimento do ferro alçado figurou-se-lhe prodigioso. Conservando-se immovel, aguardava com a fronte inclinada, e encommendando-se a todos os santos do paraiso, que o novo inimigo, que lhe surdira quasi debaixo dos pés, como os trabalhos, explicasse quem era, e o que desejava.

Este repetiu a intimação pela segunda vez, mas com maior impaciencia.

—Como se chama?... O que fazia a estas horas n'aquelle becco?

A resposta demorou-se. Era rasoavel. Foi precizo

um bom espaço para que o queixo inferior do sapateiro, quasi deslocado pelo terror, volvesse á posição natural, e lhe permittisse articular algumas palavras.

— Falle — bradou o aggressor, crescendo sobre o anão — Não se faça mudo! Quem é? O que fazia ali? — accrescentou, repetindo as interrogações com aspereza de mau agoiro.

— Eu? — balbuciou o carcunda suffocado.

— Vossa mercê! Pois quem? Vossa mercê, senhor cavalleiro andante de donzellas desamparadas, senhor desinquietador de raparigas honestas e recolhidas!...

Um raio de luz consoladora illuminou o espirito do sapateiro. Por estas phrases percebeu que fallava com o irmão de Rita, e que este o tomava pelo alferes.

— Nunca desinquietei ninguem. Não tenho edade nem figura para isso! — exclamou — Sou Braz Topete, o sapateiro da rua da Padaria. O senhor engana-se. Fui eu que o mandei avisar...

— De que um certo alferes Azevedo rondava es-

ta rua com requebros a minha irmã? É verdade. A isso vim, e estou-lhe muito agradecido. Mas que vespa o picou para correr tão desenfreado, que parecia um cavallo doido? Fugia até da sua propria casa!

A voz do irmão de Rita tinha-se tornado quasi amigavel. O carcunda, ouvindo a ultima pergunta, e respirando mais dessasombrado, cahiu em si, olhou com attenção para tudo o que o rodeava, e conheceu que effectivamente estava a poucos passos da sua porta, tendo andado mais de uma hora á roda da rua da Padaria, torcendo, e destorcendo, por travessas, beccos e viellas.

— É verdade! — disse — Foi o susto. Vinha-me recolhendo, quando me salteou de repente um homem de espada na mão...

— Ah, Ah! Talvez o alferes!?... E aonde se metteu elle? Aonde se sumiu?

— Ahi vem!... É aquelle!...— murmurou o sapateiro mostrando um vulto, que dobrava n'este momento a esquina, e acabava de se deter á porta do palacio dos tabelliães, provavelmente admirado de avistar duas pessoas, aonde só esperava encontrar o fugitivo, quasi salvo por milagre de suas mãos.

— Recolha-se, mestre! — accudiu em voz baixa e rapida o individuo, que interpellara o honrado Topete.— Ouça o que ouvir não abra a porta, nem boqueje. O fogo queima. Adeus!

O anão obedeceu sem se fazer rogar. Pela primeira vez na sua vida aborrecia a curiosidade como inimiga mortal da vida e do descanso. Entrou, pois, exhalando profundos suspiros para o modesto alvergue, petiscou lume, accendeu a candeia, trancou e afferrolhou mui bem as portas e embainhou-se na cama. Minutos depois resomnava com trémulos e assobios dignos de uma orchestra infernal.

N'este meio tempo o aggressor do corcovado descia com certo resguardo e maior pausa. Traçando depois a capa no braço, e approximando-se exclamou:

— Vamos a ellas?! quero toda a rua para mim!

— Tambem eu — retorquiu o outro.— Ha duas horas que o estou esperando, senhor alferes!

— Falla commigo?!...

— Nada de disfarces! Sei quem é e o que busca. Duas palavras! Sou frei Policarpo...

— Estimo muito. Que mais?!

— Não percebe?

— Cada vez menos.

— Sou o irmão de Rita. Sahi pela janella de uma cella baixa do convento para lhe pedir contas da seducção de uma menina pobre, mas honesta...

— A mim?! Está em seu juizo?

— Vamos a ellas, senhor alferes Azevedo. Um de nós ha de ficar aqui.

— Vamos a ellas! Tambem digo que sim, mas sou tanto alferes, como o senhor padre é capitão.

— Basta! É mais valente em finezas de namorado, do que em responder a quem o chama.

— Já que teima!... Não se queixe. Em guarda!

Os ferros cruzaram-se. Fr. Policarpo, apesar de frade, não era noviço em esgrima, mas depressa foi obrigado a confessar que luctava com um mestre. A espada do supposto alferes dir-se-hia encantada. Encontrava-a sempre, adivinhando-lhe todas as fin-

tas, e ameaçando-o por todos os lados ao mesmo tempo com uma velocidade e certeza taes que lhe infundiam espanto. Decorridos instantes Fr. Policarpo descobriu-se, e o contrario, apesar da escuridão, feriu-o no braço. Escapou-lhe o florete da mão ao padre.

— Está ferido? — perguntou o vencedor sentindo cair o ferro.

— Não é nada. Uma simples arranhadura! Passou-me o braço direito.

— Então alguma coisa foi. Venha commigo. Ali defronte ha um barbeiro.

— A peior ferida, senhor alferes, é a da honra. Cure-me primeiro d'essa.

— Mas, padre, por Deus e Maria Santissima, quantas vezes lhe hei de dizer, que não sou alferes, e que nunca vi sua irmã?... Passava por acaso, quando no becco, alli acima, ouvi gritos de mulher, achei uma porta aberta, e d'entro da escada um homem caido...

— Diz a verdade?

— Se não estivesse ferido tornavamos a ellas por causa da pergunta. O padre é teimoso!

— Mas a porta e a janella de Rita deitam para o becco... Ali é que o alferes e minha irmã se fallam todas as noites.

— Então o homem que me escapou das mãos?...

— Chama-se Braz Topete. Foi quem me avisou de tudo.

— E quem me seguiu tambem por montes e valles mais de uma hora!... Pois deve ás almas uma boa missa e dois credos por não lhe acontecer maior desgraça. Umas poucas de vezes tive tentações de lhe pagar a companhia com um par de estocadas.

— O mal está feito!... — atalhou o frade suspirando — O peior é não saber como heide entrar agora para o convento. A janella não é alta, mas com o braço ao peito não poderei subir.

— Não se mortifique. Ate um lenço na ferida, e vamos. Aonde é o convento?

— No Rocio. Em S. Domingos. Se dão pela minha falta, o que dirão os nossos padres!? Jesus!

— Socegue!... Encoste-se ao meu braço, sinto muito vel-o n'esse estado, mas a culpa ha de confessar...

— Foi só minha; mas ponha o caso em si, e diga. Esta irmã e eu somos sós no mundo com uma avó ainda mais pobre. Mas vivem do trabalho de suas mãos, e de alguma cousa, muito pouco, porque não posso mais, com que as ajudo. Soube que o alferes lhe arrastava a aza, que se viam na igreja á missa das almas, e que se fallavam á noute da janella. Rita é seria e honesta, e de uma formosura, que dá na vista... Tirei informação, e disseram-me que o alferes ainda tem menos do que ella, que é filho de paes nobres, mas que falleceram empenhados. Anda requerendo, mas com fracas esperanças... Quiz accudir ao mal, emquanto é tempo... e levei lição de espada preta, que me ha de lembrar. Sabe que me doe o braço deveras, e que não posso fazer força com elle?... Se fico fóra do convento, que escandalo e que pasto para a maledicencia!... Um frade de S. Domingos, alta noute pelas ruas de Lisboa em habitos seculares, e de mais a mais ferido!... Emfim, seja o que Deus quizer. Em suas mãos me entrego.

— E faz bem. Ás vezes d'onde menos se espera vem fortuna. Vamos que é tarde. Pelo caminho irá contando o resto.

Em quanto o frade de S. Domingos e o seu companheiro endireitam para o Rocio, praça mui diffe-

rente então do espaçoso largo, que hoje vemos, e emquanto Braz Topete, bem adormecido se revolve nas ancias de medonho pesadello, continúa accesa a luz na aposento de Rita, em cima do pequeno velador. Pallida e confrangida ainda das commoções, que a tinham agitado, a donzella escutara anciosa da janella as palavras de ameaça trocadas entre o defensor, que lhe acudira de repente para castigar o carcunda, e outra voz, que na calada da noute, e na proximidade da rua, o seu ouvido tremeu de conhecer. Era a de Fr. Policarpo.

Á curta altercação succedeu o tinir das espadas e logo depois um silencio mais cruel do que o ruido das armas. A incerteza redobrou-lhe os cuidados. Corrêra sangue? De quem? Qual dos dois ficara vencedor? Jazia o irmão prostrado, sem soccorro, e esvaindo-se pelas feridas? A afflicta menina sentiu immensa dor despedaçar-lhe o coração, e por vezes, como louca, deu alguns passos para a sahida, na idéa de ir desenganar-se por seus olhos. Reteve-a o pejo, ou a timidez. Podia só e desamparada arriscar-se fora de casa aquellas horas? Resignou-se, e esperou cheia de anciedade.

Decorridos instantes um som de passadas despertou-a da tristeza. Debruçou-se, e divisou um vulto parado debaixo da janella. Apesar da magua

e do sobre-salto, ouviu e conheceu, não sem estremecer de alvoroço, o signal costumado do amante. Descer a escada, abrir a porta, e suas mãos tremulas buscarem as d'elle na escuridão e dizerem mais no aperto mudo, do que exprimiram exclamações impetuosas, tudo foi obra de momentos.

No primeiro instante nem um, nem outro proferio palavra. O alferes, porque o jubilo de a ter ao lado lhe prendia a voz, ella, porque receiava descobrir sobre aquella mão, que não queria soltar da sua, a nodoa ainda fresca de sangue do irmão.

Por fim o amante, amiudando os beijos soffregos sobre os delicados dedos, exclamou:

—Se soubesse, Rita!...

—Assustada de lhe ouvir a phrase, que podia significar a confissão, que receiava, a donzella fugiu com a mão, e cheia de terror soluçou por entre prantos:

—Estou... Estamos perdidos!...

—Porque?—atalhou espantado.

—Meu irmão!...—murmurou a donzella, escon-

dendo o rosto, e derramando uma torrente de lagrimas.

O alferes, cada vez mais suspenso, tomou-lhe com branda violencia ambas as mãos, uma apoz outra, e ajoelhando depois com respeituosa ternura, repetiu em tom queixoso e suffocado:

— O que fiz? De que me accusa? Já me não ama?! Rita! Não vê que as suas lagrimas me cahem todas, como fogo sobre o coração?...

— Paulo! Paulo! — interrompeu convulsa — Diga-me que não foi a sua espada... Mostre que está innocente, e que a sua mão pode apertar a minha... Não vê que enlouqueço, que me foge a luz dos olhos e da razão?!...

— Mas que succedeu? — atalhou o mancebo erguendo-se atonito.

— Aquelle combate! Aquelle sangue!...

— Um combate!...— repetiu cheio de assombro — Aonde?... Quando?...

— Ali!... Na rua de baixo. Não viu?... Não sabe?...

— Eu!?... Estive esperando que estivesse tudo quieto. O que houve?...

— Graças, meu Deus! Não foi elle!...—exclamou Rita, elevando as mãos ao ceo com religiosa alegria e deixando escapar por entre as lagrimas um sorriso.

— A minha espada...— redarguiu Paulo sorrindo-se — asseguro-lhe que não pode ferir ninguem.

O malicioso alludia á materia inoffensiva, que substituia na bainha a verdadeira folha empenhada na vespera.

— Quem foi então, que me salvou, e que ao dobrar a esquina se encontrou com meu irmão?...

— Com seu irmão? Fr. Palicarpo veiu aqui?... Fallou-lhe?...

— Não. Mas ouvi-lhe a voz. Era elle. O outro é que não conheci.

Contou-lhe então o que tinha occorrido, descrevendo-lhe com as cores da imaginação exaltada o assalto e a queda do anão, o soccorro inesperado do desconhecido, as vozes ameaçadoras dos adversarios,

o som das armas e o silencio repentino, que lhe fazia temer uma catastrophe.

— Pelo amor de sua mãe, Paulo — concluiu — tire-me d'esta incertesa, d'esta afflicção. Vá ver!... Meu irmão... estará?...

Não se atreveu a proferir a palavra morto, mas o gesto disse o que a bocca não ousava.

— Vou! — replicou elle beijando-lhe a mão.— Mas creia mais no seu poder. Nunca peça pelo amor de outra, mande pelo seu. Não sabe que a adoro acima de todos e de tudo?

O mancebo, cosendo-se depois com as paredes, e sumindo com precaução o ruido dos passos, virou a esquina. A donzella, debruçado o corpo fóra da porta, apertava as mãos ao peito como se quizesse impedir que o coração lh'o arrombasse. Imagem viva da anciedade, quasi que nem respirava para o ouvido colher o mais pequeno rumor.

A ausencia durou pouco, Paulo voltou logo a tranquillisal-a.

— Tudo está deserto! — disse elle enlevado na formosura d'aquelle rosto, em que a dor e o cuidado

se retratavam.—Socegue, nenhum d'elles morreu, ou teve ferida grave.

— Ah, Paulo, se por minha causa se derramasse uma gota de sangue, nunca lhe perdoaria, nem a mim a loucura d'estes colloquios.

— Não me ama — acudiu elle — chora os instantes, tão curtos, que roubamos ambos á pobresa e á desgraça?!...

— Ouça! — interrompeu ella, pondo-lhe de leve a mão no hombro com infinita meiguice.— Sei que faço mal em estar aqui, em faltar ao recato e ao respeito que uma rapariga honesta deve a si e aos seus. Fiei-me na sua honra, e não me arrependo. Mas este amor, que seria a nossa felicidade, Paulo, creia que é um amor sem esperança. Nascido entre prantos, acabará...

— Não diga que ha de acabar!... Somos pobres, cada dia parece separar-nos mais, mas Deus, que nos vê, ha de compadecer-se por fim de tanto affecto. Esperemos na sua bondade.

— Olhe, a sua cruz é pesada, mas a minha custa-me tanto a levar, que chego a desejar ás vezes, e até a pedir a morte.

— Animo! — redarguiu o mancebo com os olhos arrazados de agua, e a voz tremula — Cuida que sou o que padeço menos? Eu, que daria por cada instante de ventura a seu lado um seculo d'esta existencia de miserias e de tristezas, não me dobro ao infortunio, nem me desconsolo. Quem sabe!... Talvez mude tudo de um momento para o outro. A fortuna ha de cançar-se.

— Escute! — disse ella pegando-lhe no braço.— Não ouve?...

—É a ronda! Não quero que me veja. Adeus! Rita, querida Rita, uma voz secreta diz-me, que havemos de ser felizes. Creia e espere!

A donzella sorriu-se com resignada tristeza, e duas lagrimas, duas perolas, deslisaram-se, não sentidas de seus olhos, e vieram congelar-se na mão do alferes, que não tinha largado ainda a sua.

Paulo estremeceu, soltou um suspiro, e depoz um beijo timido n'aquella fronte pura e graciosa. Depois, arrancando-se com esforço á contemplação da fada, que lhe sorria chorosa, envolveu-se na capa, e apartou-se.

Rita seguiu-o com a vista até desapparecer; su-

biu depois a escada, cerrou a janella, e ajoelhando com as mãos postas, exclamou:

—Chamae-me cedo, Senhor, d'este desterro! Se a sepultura ha de ser o meu leito nupcial, que o golpe se não demore. Não tenho já forças, nem lagrimas para mais tormentos!

IV

Um dia grande em S. Domingos

Davam dez horas da manhã. O sol entre nuvens ora golphava alguns raios esmorecidos sobre o adro e alpendrada do convento de S. Domingos, e sobre as paredes denegridas do paço dos Estáos, asylo mysterioso da inquisição, vulgarmente conhecida pelo nome de Santo Officio, ora, escondendo-se, acabava de desmaiar, cobrindo de sombras as ruas, travessas, e becos enredados em confusa meada aos lados e por detraz dos edificios de varia architectura, que olhavam d'esta parte para a praça do Rocio, aonde uma estatua de pedra, em sua eterna e nunca aplacada sêde pedia em vão no estio uma gota de agua para as exhaustas urnas da fonte, a que presidia.

As torres do convento repicam ao desafio. Dir-se-hia que os sinos se desfazem em cascatas de notas desde o timbre juvenil e argentino da sineta até aos sons graves e compassados do edoso decâno dos campanarios. Que arruido pelos dormitorios e claustros! Que agitados enxames a correrem, a acotovellarem-se, e a zumbirem pelos extensos corredores! Uns compõem de caminho sobre os hombros as dobras da capa, outros, menos activos, retesam a meia a estalar na perna, e alguns apertam com enfado a fivela do sapato, obra prima e garrida das fôrmas da Rua Nova. Este ageita apressado as pregas da tunica, e aquelle endireita o escapulario. Banhado em suor e rouco de enthusiasmo, o mestre dos noviços, fr. Praxedes, percorre vigilante o rebanho indisciplinado, e alinha as fileiras que a devota communidade principia a estender. Os religiosos conspicuos,pressurosos e assanhados em vivas cores, aguilhoam a inercia dos padres mais ronceiros, que baixam, murmurando, e contando os passos, dos andares de cima á portaria.

O provincial, o prior, os definidores, os mestres e os prégadores emeritos, roxos de impaciencia e esfalfados de cansaço, arquejam no adro, fallando todos a um tempo, tossindo, exclamando e interrompendo. Este côro discorde e tumultuoso é por vezes superado pelo falsete espremido do mestre de cere-

monias, fr. Barnabé, o qual, superior aos annos e ás fadigas, esponja com o lenço a calva luzidia, e as faces mais cheias e rosadas com os jejuns, do que as do sybarita mimoso com os regalos e santas delicias. Abrazado em santo zelo, traça a capa e alonga o braço fóra da manga, sem desmentir as posições e gestos academicos moldados durante a sua larga residencia em Italia.

Apparece em toda a parte. Emenda aqui um aleijão de symetria, corrige ali uma deformidade digna de reparo, despeja mais adiante a correr dois punhados de incenso nos thuribulos de prata, balouçados na mão de sachristães boçaes. É um espanto vel-o! Aonde não alcança com a presença chega com a voz! Ora voa aos leigos que alastram de espadanas e rosmaninhos o atrio e o pavimento do templo, ora acóde a reanimar os brios do corpulento servo de S. Domingos, que arvora, não sem gemer, a pesada cruz de prata rodeada de tocheiros enormes, que em dias assignalados sahe da casa do thesouro para ornar todas as festividades solemnes.

Que novidade roubava ao remanso do estudo, ou ás solitarias contemplações os padres e os theologos, indifferentes ao bulicio da cidade, e os prelados de ordinario tão diligentes no governo da numerosa familia sujeita á sua obediencia? Duas palavras o ex-

plicam. O conde de Aveiras, gentil-homem da camara, chegára a S. Domingos muito cedo, e, mandando recado ao prior, que era seu parente, deixou cahir no ouvido do reverendo a confidencia importante de que Sua Magestade determinara pagar aquella manhã uma promessa a Nossa Senhora do Rosario, e que estaria ás dez horas e meia, o mais tardar, na egreja, visitando depois a religiosa communidade, cujos trabalhos apostolicos queria agradecer com esta prova não esperada de benevolencia.

Escutando o conde, fr. Paulo, prior n'aquelle triennio, mestre de Exegetica, e prégador da capella real, levou em um accesso de alegria frenetica ambas as mãos á cabeça, e trouxe n'ellas feito em dois o barretinho de seda, alvo da inquietação dos discipulos nos dias de aula quando o punha sobre a mesa ao lado do compendio. As faces entumeceram-se, os olhos pequenos e quasi alvadios esgazearam-se, e o ventre empinado saltou debaixo do habito em pulos de jubilo. Por segundos vacillou entre uma apoplexia fulminante e um ataque de delirio. Salvou-o um assalto de tosse secca. Depois de abraçar o sobrinho, silenciosamente trepou, gemendo e assoprando, a dois e dois os degraus de pedra da immensa escadaria, e só parou ao limiar da cella do padre provincial, pessoa douta, austera e esguia, de poucas carnes e de menos palavras ainda.

A porta estava cerrada. Fr. Paulo empurrou-a, precipitou-se dentro da casa, e collocado diante do superior como um ponto de interrogação, tres vezes abriu a boca sem fallar, afogado em tosse. Mas o olhar triumphante excitou a curiosidade do prelado, que mettendo os oculos entre as folhas do livro, e erguendo-se com a caixa do rapé na mão e a pitada a duas linhas do nariz, aguardou a communicação. Coube ao conde, que seguira o seu parente, a gloria da embaixada, e o provincial, a despeito da humildade monastica, ouvindo-a não pôde conter os primeiros assomos de um orgulho desculpavel. A visita real era o premio de seus esforços constantes como successor de tantos varões illustres, decididos adversarios da heresia, do judeismo, e de outras pestes, horror e escandalo da egreja.

— Louvado seja Deus para sempre! — exclamou fr. Placido, depois de ruminar por um minuto em extasis a feliz nova, e de espetar a vista no tecto com beata compunção — Sua Magestade n'esta casa! Tamanha honra no meu triennio! Fr. Paulo! Fr. Paulo! *Surge et ambula!* Mande juntar a communidade ao som de campa tangida. Chame a conferencia extraordinaria, o definitorio. Avise o mestre de ceremonias! O dispenseiro já aqui. Todos! Todos, todos já! Que honra para o nosso convento. *Decus et gloria!*

— *Deus nobis dedit!* — atalhou o prior ainda convulso e afogueado.

— É verdade, é verdade! tudo nos vem d'essa divina fonte. *Gratias tibi domine!*

— E que bofetada sem mão na casa professa de S. Roque! Como hão de ficar em o sabendo os padres da companhia de Jesus?! — observou fr. Paulo esfregando as mãos e a testa, sacudido desde a nuca até aos pés por uma d'aquellas estrondosas risadas que se refugiaram nos mosteiros desde que os deuses do paganismo caíram do Olympo.

— Coitados! Que se mordam de inveja e se ralem na murmuração! Chegou o nosso dia. *Vivimus! Adhuc vivimus!*

— Sobrinho, és a perola da familia! Deus te conte tantos annos de fortuna como instantes de alegria me estás dando! — acudiu o prior, enlaçando os braços curtos ao airoso corpo do conde de Aveiras, que assistia, sorrindo-se, a esta scena de jubilo fradesco. Decorridos momentos em que os dignitarios dominicos quasi duvidam ainda de que não seja tudo sonho, o prior, buscando por costume o solideo ausente na opulenta calva, e sepultando os dedos na caixa de rapé, que o prelado conservava aberta, disse com um suspiro:

— *Benedicite, pater!* Vou dar as ordens.

— Um momento, fr. Paulo. Pergunte ao sr. conde se não quer nada da nossa pobresa, umas ameixas cobertas, uns pecegos doces e um copo de agua, alguma coisa mais solida antes da meridiana?...

— Muito obrigado, padre provincial, almocei no paço.

— Quem não janta, ou se jantar engole viboras e escorpiões, são os padres da Cotovia e de Santo Antão! — exclamou o prior — Tanto riram de nós que lhes subiu o riso á cabeça!... Ainda bem. Estou em braza. O contentamento sempre faz uma sêde e uma tosse!

E, n'um impeto de enthusiasmo, deitou a mão a uma taça da India cheia de caldo de gallinha, que esperava o vagar do provincial, em cima do bufete, e enguliu-a em dois sorvos, declamando depois com os beiços untados e a chavana nos dedos o famoso verso de Virgilio!

Claudite jum rivos, pueri, sat prata biberunt!

— Seja misericordioso com os nossos inimigos, Fr. Paulo! — retorquiu o reverendissimo, que, oc-

cupado em desprender a capa do cabide, e acertar-lhe as pregas nos hombros, não pôde ver por isso o rapido eclipse do caldo, e apreciar a mimica gastronomica do orador. — Os padres da companhia seguramente não nos querem bem, mas paciencia! A culpada do seu odio é a nossa vigilancia em materia de dogma e pontos de fé!... Queixam-se da Santa Inquisição, porque lhes censura os livros e as doutrinas?... Escrevam melhor e préguem com mais cuidado. Emfim, coitados, este golpe prostra-os. Ah, o meu caldo? Ah! Dê cá padre mestre. É um instante emquanto o bebo...

E o digno provincial estendia a mão para a chavana vasia, emquanto fr. Paulo recuava sem animo de lhe revelar o sacrilegio commettido. O conde, testemunha silenciosa de tudo, mordia os beiços e comprimia o riso que o suffocava.

— O caldo? Não vê que temos pressa? — insistia o prelado seguindo na cella as evoluções de fr. Paulo, que retirava um passo á medida que fr. Placido adiantava outro.

— O caldo?!... reverendissimo!... Esqueci-me!... Bebi-o! *Mea culpa! Mea maxima culpa!* Tinha sêde, e tomei-o por um pucaro de agua.

— Ah! — exclamou o provincial, apertando-se-lhe as fauces, e deixando cahir os braços — Bebeu o caldo por esquecimento?!... E eu?! Muito bem, padre fr. Paulo, para a outra vez peço-lhe que se lembre menos do seu estomago. Ficarei em jejum. Não importa. Um dia não são dias. A alegria tambem sustenta.

El-rei Nosso Senhor, assim se dizia n'aquelle tempo, e se disse muito depois, foi pontual. Sabia o famoso dito de Luiz XIV, seu augusto modelo, de que a exactidão é a cortezia dos principes, e seguia-o. Ás dez horas da manhã o seu coche rodava diante da frontaria do convento. Poz o pé no estribo e apeou-se com o sorriso nos labios, e a mão estendida ao osculo de seus fieis vassallos. Atravessando depois por entre duas alas de frades tão curvas e rasteiras, que pouco faltava para as cabeças varrerem o chão, subiu vagarosamente as escadas, trazendo á direita, um pouco atraz, o provincial, quasi dobrado ao meio, pela adulação, e á esquerda o prior, mais inchado do que a rã da fabula. Os ex-provinciaes e ex-priores, os definidores, os mestres e os theologos da ordem engrossavam e ornavam o cortejo. D. João V entrou na egreja debaixo do pallio no meio de nuvens de incenso e por cima de flores. O orgão inundava de harmonias as abobadas do templo, e as vozes dos cantores entoavam melo-

diosos hymnos, com que o ritual romano festeja os Ungidos do Senhor. A communidade ajoelhou na capella mór, e o povo em mós compactas encheu as naves e o corpo da egreja, e trasbordando, espraiou-se em ondas pelo adro e pelo terreiro contiguo, esperando a saida do soberano.

A oração de Sua Magestade ao Santissimo Sacramento e ao altar da Senhora do Rorario foi longa e devota. Reinava em torno profundo silencio. O orgão e os canticos tinham emmudecido. Os frades e os fieis imitavam a contrição do rei, e os menos penitentes simulavam imital-a. Passados dez minutos, D. João ergueu-se do genuflexorio, persignou-se, e correu a vista pela multidão. Por um acaso inexplicavel, ou por effeito de occulta attracção, a curta distancia das grades, que dividiam a capella mór do corpo da egreja, os seus olhos encontraram uns olhos negros, rasgados e languidos, que não lhe eram extranhos, e que sem saber porque lhe affrontaram o rosto de subito rubor. Eram os da menina da rua da Padaria. Realçava ainda o encanto ás feições mimosas da donzella, a suave pallidez, de que o amor tantas vezes desbota as formosuras delicadas. O principe estremeceu e tornou a fitar quasi involuntariamente a amante do alferes. Deslisou-se-lhe o sorriso á flor dos beiços, mas desvaneceu-se logo quasi imperceptivel. O que queria elle significar?

Era effeito de repentina recordação, ou a figura brutesca do anão Braz Topete, perfilado a dez passos da irmã de fr. Policarpo, com os oculos assestados, e as orelhas espalmadas, provocára a alegria de Sua Magestade?

Para disfarçar o enleio momentaneo, virou-se el-rei para o provincial, e fez-lhe uma pergunta lisongeira, d'aquellas que na boca dos reis pagam aos subditos todas as fadigas. Quando fr. Placido acabou de responder, e não foi breve, volveu o soberano de novo a vista para o sitio aonde primeiro divisára Rita, e já não a descobriu. A visão tinha-se apagado, e a aguda barba da senhora Angelica, em intimidade com o nariz do seu compadre, inculcava aos observadores, que as duas virtuosas creaturas empregavam aquelles doces instantes, não em adorar a Deus, mas em espicaçar na reputação dos proximos. O filho de D. Pedro II sorriu-se segunda vez, encolheu os hombros, e por um gesto gracioso exprimiu ao prelado o desejo de principiar a visita. Foi obedecido promptamente.

Vaidoso com a gloria de representar a ordem n'este dia notavel, o provincial não poupou a el-rei o exame de nenhum dos primores de que se ufanava o convento. Começando pelo côro junto da capella mór, e servindo de *cicerone* o padre fr. Barnabé,

que se presava de grande entendedor de pinturas, talvez só por haver estudado em Roma, o monarcha e o seu numeroso prestito demoraram-se a contemplar os quadros de Bento Coelho, citados por maravilhas da arte, e os paineis originaes das escólas italianas, que o incendio ateado pelo terramoto de 1755 consumiu depois. Dos prodigios da tela e do pincel passaram aos do bastidor e do cinzel, admirando o precioso ornamento de veludo bordado em relevo de oiro, e destinado á festa de S. Pedro Martyr, os paramentos ricos da irmandade dos Passos, encerrados em um cofre de prata, algumas lampadas e candelabros de feitio e lavor raros, e duas figuras de santos esculpidas em madeira com tal correcção de fórmas, e encarnadas com tanta viveza d'expressão, que sem receio disputavam a primazia ás boas estatuas dos mestres.

Subiram depois ao dormitorio de cima, e as duas bibliothecas, sobretudo a da sala grande, proporcionaram a fr. Paulo occasião propicia para discorrer eruditamente ácerca dos principaes auctores dos livros encadernados em pasta dourada, que repousavam nas estantes, mui alheios da eloquencia prodigalisada em os recommendar. Das livrarias desceram ao refeitorio, entraram na casa capitular, correram os claustros e dormitorios, viram a botica presidida pelo vulto collossal do archanjo S. Miguel

empunhando as balanças, e foram descansar a uma sala espaçosa, armada de razes, e inundada de luz, aonde estava posta a meza d'estado para offerecer a Sua Magestade o copo de agua.

Em toda esta cansada peregrinação o senhor D. João V cumpriu resignado os deveres do seu officio, conservando o semblante risonho e as maneiras affaveis, que tinham animado os attentados fradescos contra a sua paciencia. Fiel á pragmatica, ouviu sem pestanejar as explicações interminaveis, as reflexões pueris, e as lendas enfadonhas, e só quando avistou, afinal, a casa do refresco, e tomou assento na vasta cadeira de braços, estofada de veludo carmezim, é que respirou de prazer, como o navegante anciado de enjôos teimosos sente desapparecer a molestia com a voz que o gageiro levanta, annunciando terra.

A refeição foi delicada e servida com grandeza. O apetite do principe honrou a hospitalidade monastica. Sua magestade era digno-emulo de seu avô D. João IV e de seu pae D. Pedro II nas proezas gastronomicas. Como Luiz XIV, á meza era ainda o primeiro, offuscando a gula mais afiada. O seu estomago trabalhava sobre diamantes.

Terminado este acto, que suppunham ser o ultimo da visita, voltou-se el-rei para fr. Placido, e dis-

se-lhe, como se a idéa lhe occorresse de subito:

— Padre provincial, vimos toda a devota communidade? Não falta nenhum religioso?

— Toda, meu senhor — redarguiu o prelado, inclinando-se — á excepção de tres padres doentes na enfermaria.

— Ah! observou o principe. Mas não é doença de cuidado?

— Dois pode dizer-se que estão curados. O terceiro adoeceu a noite passada, mas diz o medico que precisa de alguns dias para se restabelecer.

— E a molestia?...

— É uma pontada sobre o lado direito.

— Ah! Uma pontada! Ás vezes são peiores do que as picadas de florete essas dores repentinas. O doente chama-se?...

— Fr. Polycarpo. Viveu no seculo até aos vinte e oito annos. Seu pae e sua mãe cahiram em grande pobresa; e elle, desenganado e arrependido, veio bater ás portas do nosso claustro.

— Muito bem. Diga-me, padre provincial, e a familia de fr. Polycarpo, julgo que lhe deu este nome, é limpa e honrada?

— Muito honrada, meu senhor — acudiu o prior fr. Paulo.

— O padre pode dizer-me alguma coisa a respeito d'ella?

— Tudo, real senhor. Fr. Polycarpo e eu somos segundos primos. Antes da desgraça que arruinou a sua casa...

— Que desgraça?

— Uma divida antiga á fazenda real, já paga, que lhe pediram segunda vez, e o incendio dos titulos de tres vinculos que possuia. As execuções fiscaes levaram-lhe tudo, e seu pae morreu de desgosto. Em quanto a mãe foi viva trabalhou para a sustentar, e depois confiou sua irmã aos cuidados da avó, e sepultou-se n'esta casa, aonde nos edifica a todos com os bons exemplos. Dá lições de cravo e de latim, e o que recebe é para soccorrer aquellas duas infelizes, que não teem senão o seu amparo.

— Estimei ouvil-o, fr. Paulo. A historia de fr.

Polycarpo não ha de esquecer-me. Sabe que mais, padre provincial? Não me vou do seu convento sem ver estes tres religiosos. Vamos á enfermaria consolar os nossos padres doentes. Visitar os enfermos e encarcerados não é uma das obras de misericordia?

— A presença de Vossa Magestade será para elles o balsamo de saude! — replicou o provincial acompanhando a phrase de genuflexão ainda mais aduladora.

— Vamos — observou o principe, levantando-se, e encaminhando-se para a porta.

A enfermaria, arejada e alegre, não esperando por esta visita, foi colhida em habitos menores, como diriam das bellezas da moda os seus adoradores, se a vista dos profanos as tomasse de sobresalto entre o leito e o toucador. Mas o governo da ordem era cuidadoso, e a caridade de fr. Placido sincera e vigilante. Tudo respirava aceio. A alvura das roupas deslumbrava, e a regularidade e a decencia não tinham que invejar ao visinho hospital de «Todos os Santos.» Dois leigos e dois serventes acudiam aos menores desejos dos doentes, e eram infatigaveis em compor os arranjos e miudezas da casa. D. João V subiu tão depressa, que o mestre dos noviços, expe-

dido pelo prelado como expresso, mal tinha tido tempo de apontar á porta e de exclamar: El-rei! ahi vem El-rei! — quando já assomava o monarcha no limiar entre as duas columnas firmissimas da religião dominicana.

Ninguem, quando queria, representava melhor o seu papel, do que o filho de D. Pedro II. Adiantando-se para os dois enfermos velhos, que se haviam erguido das poltronas, em que dormitavam, e forcejavam tremulos por ajoelhar a seus pés, levou-os nos braços, deu-lhes a mão a beijar, e obrigou-os em nome da obediencia, que lhe deviam, a tornarem a sentar-se. Depois de algumas perguntas sobre o seu estado, e de curtas respostas para os consolar, aproximou-se da cama de fr. Polycarpo, e carregando o semblante com severidade, que o desfigurava inteiramente, contemplou o doente por momentos em silencio como se lhe estivesse estudando as feições. O irmão de Rita, commovido e perturbado, não tirava tambem os olhos de el-rei, interrogando a memoria recente, que lhe recordava a noite e o sitio em que notara uma physionomia parecida áquella. Era a primeira vez que via D. João V, e admirava-se, portanto, da sua semelhança com outra pessoa, de que não podia lembrar-se sem as dores se lhe avivarem.

—Está aqui ha muito tempo?—perguntou o principe com a vizeira descida, como diziam os cortezãos, quando Sua Magestade se dignava cobrir de uma nuvem sombria seu rosto de ordinario aprazivel e ameno.

— Desde hontem, meu senhor — respondeu fr. Polycarpo em voz sumida, pasmado de escutar de novo o som de voz, que ainda trazia nos ouvidos.

— Adoeceu de dia, ou de noite? Hontem ou hoje de madrugada?

Esta pergunta, que significava de certo mais do que dizia, acabou de transtornar o frade, que, suppondo descoberto o segredo da sua aventura nocturna, cahiu em um accesso de terror, e paralisado de forças e de animo só teve alento para pôr as mãos e implorar silenciosamente com a eloquencia da vista e do gesto, a discrição do soberano. D. João V. não abusou da superioridade. Acercando-se mais do leito, esclarecendo com um sorriso a physionomia, e inclinando-se para o enfermo, suspenso com a subita metamorphose, murmurou-lhe ao ouvido:

— Vamos a ellas?

Fr. Polycarpo era homem de altos espiritos. Ape-

nas a clara allusão ao duello da vespera o tocou, recobrou-se do susto, e conhecendo que el-rei fôra o aggressor, percebeu a delicadeza da visita, e as grandes promessas que encerrava. Sentando-se com impeto na cama, e pagando o sorriso ironico do monarcha com outro sorriso não menos fino, redarguiu-lhe no mesmo tom:

—Vamos! Ha duas horas que o estou esperando!

—E não esperou de balde, vê?—retrucou o principe, apertando-lhe a mão, e desviando com um gesto as orelhas dos dignitarios, que se tinham avisinhado insensivelmente no passo surrateiro e quasi felino, que a curiosidade monastica costuma usar para colher os segredos vedados ao confessionario.

—Perdão, meu senhor—disse fr. Polycarpo, beijando repetidas vezes a dextra do monarcha—sou réo de grande crime. Levantei o braço contra o meu rei!...

—Mas Deus castigou-o pela mão do ungido do Senhor—interrompeu D. João, obrigando-o a reclinar-se nas almofadas—Deixemos essas coisas para depois. Como está?

—Melhor do corpo, mas cada vez mais atribulado do espirito.

—Pois bem! Ponha-se-me são do corpo, que do espirito me encarrego eu. Entrou sem ser sentido? Não deram pela falta? Como lhes encobriu o ferimento?

—Tem sido tudo até agora um verdadeiro milagre!... Vossa Magestade dignou-se... tremo da ousadia de o dizer! mas não sabia, meu senhor!...

—Ah! Falla da ousadia de subir á janella do seu quarto por cima do meu hombro?...— e o monarcha sorriu-se olhando para elle.—A graça foi um pouco pesada, por certo, porem uma vez não são vezes. Supponha que el-rei se esqueceu, e que só o hombro dorido se lembra. Depois?...

—Arrastei-me, como pôde, e estive quasi sem sentidos encostado á cama. A ligadura abriu-se e o sangue tornou a correr. Por fortuna aquelle leigo da enfermaria é boa pessoa e muito calado. Entrava de semana, passou por acaso, ouviu-me gemer, e bateu. Contei-lhe a verdade, pedi-lhe segredo, e chamou o cirurgião. Inventou-se uma pontada no lado, trouxeram-me para aqui, e estou penando, como Vossa Magestade vê, os meus peccados, cheio de dores e de cuidados, porque, amarrado a este leito, não posso...

—Socegue. Não ha novidade.

— E o alferes? Minha irmã ama-o. Tenho medo...

— Não tenha. Respondo por ambos. Ha uma hora estava sua irmã na egreja resando como uma santa. Trate-se, restabeleça-se depressa, e esteja certo de que não perdeu em nos encontrarmos. Contaram-me a historia da sua familia, e, segundo creio, devo emendar os erros da minha fazenda. O dote de sua irmã, e o adiantamento do noivo tomo-os sobre mim. Agora o padre... se quizer secularizar-se, e entrar outra vez no mundo... não é facil, mas tenho algum valimento em Roma — ajuntou com outro sorriso — Pode acontecer que a minha intercessão lhe não seja de todo inutil. Adeus! em estando bom vá ao Paço. Quero vel-o para lhe dar outra lição de esgrima.

E furtando-se aos testemunhos de reconhecimento de fr. Polycarpo, el-rei separou-se d'elle, mas uma lagrima humedeceu o osculo agradecido do irmão de Rita na mão do monarcha. D. João V insinuou-lhe, sem elle o perceber, uma bolsa debaixo do travesseiro, e, erguendo depois a fronte com o riso nos labios, chamou o provincial e o prior e disse-lhes:

— Padres mestres, este doente fica a meu cuida-

do. Quero que m'o tractem com todo o desvello, e que o mandem ao Paço, assim que puder sahir, para saber se as minhas ordens foram cumpridas.

— A recommendação de Vossa Magestade é para todos um preceito — respondeu o prelado curvando-se.

— Conto com isso, meu padre. O nosso doente está um pouco desanimado, mas prometti-lhe cural-o do corpo, e do espirito, e hei de fazel-o. Queira dizer em meu nome a toda a devota communidade que sahi edificado de S. Domingos, e que levo tantas saudades d'este convento, que mui cedo tornarei a visital-o.

Proferidas estas palavras, que serviram aos bons religiosos de estimulo ao orgulho e ao regosijo, desceu a portaria, saudou com uma inclinação de cabeça as alas estendidas até á portinhola do coche, e voltou ao Paço, esfregando as mãos, rindo, e murmurando a meia voz «Se o alferes terá já mandado Diogo de Mendonça pentear monos ao Brazil! Será capaz? Veremos!

V

Meia hora antes do almoço

A rua da Calcetaria, na epocha em que estamos, era uma rua aristocratica. Parte do paço da Ribeira assentava no seu chão privilegiado, e em uma de suas frentes achava-se a casa da Congregação, depois chamada o collegio dos senhores Principaes da Patriarchal. Entre o collegio (onde a rua se alargava mais) e o paço da Ribeira, levantavam-se as casas de Diogo de Mendonça Corte Real, de tres andares, aformoseadas de bem lavrada cantaria. A vista de suas janellas era citada como uma das mais bellas da cidade. Estas casas, altas, espaçosas e bem arejadas, communicavam por um passadiço interior com o palacio, e por um pateo escuro e humido com o

collegio Patriarchal. Assim o secretario tinha sempre um pé no paço e um ouvido nas paredes do gabinete de Sua Magestade. Para homem da innocencia de Diogo de Mendonça esta posição estrategica fôra sem duvida um d'aquelles acasos, que de ordinario favorecem os engenhos que sabem colher a fortuna pelos ultimos cabellos apesar de calva!

O portão de volta baixa e um pouco sombrio abria um dos batentes ás visitas e aos requerentes, introduzindo-os no pequeno terreiro para onde deitava a escada de pedra da residencia do secretario de Estado; mas diante da porta, que dava entrada para a saleta de espera, velava dia e noite, de pé e perfilado, ou deitado e resonando, o velho escravo preto, que Diogo de Mendonça promovêra ás funcções invejaveis de Cerbero. Preto encyclopedico fôra o companheiro de seu senhor em todas as peregrinações e enviaturas, e era a sentinella incorruptivel do gabinete ministerial, quando não dormia tomado de embriaguez. Teria subido nas azas de seus merecimentos aos mais honrosos cargos de administração domestica, se não fosse a paixão irresistivel em que se abrazava pelo licor traiçoeiro, denominado cachaça por seus irmãos em Baccho, os filhos dos torridos sertões.

As qualidades positivas e as virtudes negativas

de Milciades compensavam-se na ballança do senhor. Mentia mais do que um auctor de comedias, e com a vantagem de não poder córar, negando a presença do secretario aos importunos com firmeza digna da gloriosa memoria de Epaminondas, cujo antipoda era em tudo, e especialmente no horror á mentira. Empunhando o ferro de frizar e meneando a borla dos pós, não havia cabelleireiro, que lhe deitasse agua ás mãos em armar e empoar os cachos das venerandas perucas do seu tempo. Na cosinha, entre as cassarolas e as fornalhas, tinha relampagos de genio, que eclipsariam o proprio Vatel, de gulosa e tragica recordação. Nadava como um peixe, bebia como um areal, palrava como um papagaio, e era uma pêga no desaforo dos roubos domesticos. Um dia, cansado de amnistiar a transmutação continua das colheres e salvas de prata em garrafas de agua-ardente de canna, Diogo de Mendonça, armando-se da espada do anjo exterminador, desterrou do paraiso da copa e da dispensa este fusco Adão, aposentando-o no posto de guarda da porta particular e comminando-lhe a pena de cincoenta açoutes se tornasse a pizar a casa de jantar ou a visitar as officinas e apparadores.

Milciades resignou-se. Carregado de annos e de admoestações, mas indifferente aos deveres impostos pelo seu nome heroico, supportou o exilio com raro

vigor de espirito. Inflexivel a todas as seducções, menos ás da cachaça, velava com admiravel vigilancia em quanto os fumos narcoticos da bebida predilecta o não prostravam em cima, ou debaixo do banco. Nas horas livres, (infelizmente eram poucas) arregalando os olhos, rasgando a bocca de tubarão, e dilatando a tromba, afugentava da vista do senhor mais visitas impertinentes em um dia, do que todos os criados juntos em um mez.

Por desgraça os intervallos lucidos eram curtos, e repetidas vezes o Secretario de Estado, quasi seguro do incognito por uma temeraria confiança nas ordens dictadas a Milciades, julgando a sala de espera uma solidão, entrava n'ella pé ante pé, em roupas de chambre e barrete de folhos, e cahia no meio de uma verdadeira cilada de perseguidores, que o bloqueiavam duas e tres horas sem piedade. O ministro escutava-os torcendo a boca espirituosa em sorrisos acidos, respondendo a estes com o hombro derrubado, áquelles com uma promessa dos olhos maliciosos, e a todos com evasivas e monosyllabos consoladores, ou com visagens compadecidas. Mas por dentro minava-o a ira, desafogando-se em maldições contra as infidelidades bachicas do malaventurado preto, cujos coiros incorrigiveis jurava mandar açoitar e pingar apenas cessasse o supplicio. Em vão! Mal o ultimo dos algozes desapparecia en-

tre uma cortezia e uma genuflexão, o Secretario olvidava as culpas de Milciades, ria-se mentalmente do laço que a ebriedade do preto lhe armara, e occupava-se dos mil negocios que lhe tomavam o tempo e prendiam os cuidados.

O peior é que as invasões começavam a repetir-se de um modo insupportavel. Milciades ia-se tornando um segundo Epimenides. Quando não cabeceava meio acordado, resonava. Bestificado pelo alcool, trocava os nomes, confundia os recados, e sacrificava o socego de seu amo a uma nuvem de parasitas e de mendigos, que, sabendo-lhe o vicio, esperavam que elle cahisse gloriosamente debaixo do banco para, surrateiros e flexiveis, se insinuarem pelo corredor com o dedo na bocca, em passos surdos até á saleta. Ahi a conspiração do silencio não se tramava menos cautelosa. Sentavam-se, perguntavam e respondiam com os olhos, conversavam com o gesto, e não deixavam escapar um som, um ruido, que avisasse a victima da terrivel espera, que lhe preparavam. A porta do gabinete rangia por fim nos quicios, o barrete de folhos apontava aos humbraes, e o nariz aquilino do ministro arriscava-se farejando os importunos, sem que um só dos requerentes fizesse o mais leve movimento. Dir-se-hia que se perfilavam outras tantas estatuas. Animado pela mudez d'esta falsa Thebaida, Diogo de Mendonça vencia as

hesitações, dava tres passadas fóra da porta, desafogava o receio em uma interjeição classica, e de repente achava o deserto povoado, e as abas do chambre de seda nas garras de uma nuvem de individuos loquazes e obsequiosos, todos riso e mesuras, que lhe mettiam á cara resmas de memoriaes e de requerimentos, ensurdecendo-o de supplicas e lisonjas, e farpeando-o de instancias e interrogações nescias, avidas, ou absurdas. N'estes lances a serenidade do seu animo não se desmentia. Já o dissemos, ouvia, escoava-se, sorria, e ia-se descartando dos mais proximos o melhor que podia. Quando acabava a audiencia, nadava em suor, mesmo em dezembro, e tinha na bocca o travo de uma taça de absyntho!

N'este dia o Secretario de Estado, que se erguera com a aurora, e vedara a entrada do gabinete a todos os estranhos sem excepção, confiando demais na sobriedade de Milciades, começára a despachar com zelo pouco vulgar nos habitos lentos e vagarosos da sua indole. Duas pastas, rebentando de papeis em cima do bufete, e terceira meio encetada diante d'elle, promettiam-lhe tarefa de mais de duas ou tres horas; mas não fôra sem amiudar os suspiros e as contorsões de enfado que o ministro correra a vista pelos volumosos processos; uns recheados de puerilidades, outros enredados de duvidas, atirando por vezes para

longe de arremeço com os mais massudos. Estavam a bater por minutos as oito da manhã, e com ellas a terrivel provação de atravessar a saleta para entrar no corredor da casa de jantar, onde o almoço devia estar posto. Limpando os vidros dos oculos, conchegando as abas do chambre de seda de ramagens, e compondo as pregas symetricas do barrete de folhos, levantou-se da cadeira, e nas pontas dos pés veio direito á porta. O silencio era profundo fóra. O velho preto, ao que parecia, fizera boa e attenta guarda.

O ministro, sorvendo com delicias uma pitada, e deixando espraiar pela physionomia um sorriso maligno, depois de tentear a medo a argola da chave, revestiu-se de animo, e abriu-a. Antes de sair, porém, tornou a apurar o ouvido, e suspendeu-se. Reinava a mesma mudez!

— Bem! — murmurou elle — Hoje ao menos!...

Não pôde continuar... Emquanto fallava tinha patenteado a porta e adiantara alguns passos sem alçar a vista. Quando a ergueu ficou petrificado. Achou-se no centro de um circulo de requerentes esganados, famelicos, curvos e risonhos, cujos braços lhe apontavam ao peito, como punhaes, um sem numero de petições e de memorias!

—Santo Deus!—exclamou recuando tolhido de susto — Enchente real!... Ah! Milciades! Milciades!... Tenho-te passado por muitas, mas esta!... Pagarás a conta de uma vez! Juros e atrazados!...

— Senhor Diogo de Mendonça! — disse um homem quasi anão, cuja pelle arrugada em roda do nariz parecia de coquilho, meneando com graça um chapeu amaçado. — São dois minutos! Venho implorar a sua protecção para a minha Musa. Compuz dois sonetos em louvor da gloria das armas de el-rei Nosso Senhor, e V. Ex.ª ha de ser o meu Mecenas... Vou ler-lhos, e dirme-ha qual julga melhor...

— Ah! — gemeu o ministro em tom sentido como se um estoque o varasse — Fez dois sonetos. Só dois? Está bem certo?

— V. Ex.ª escolherá! Eu lh'os mostro!...

— Não se incommode. Não é preciso. Já escolhi.

— Sem ouvir, meu senhor?

— Para quê? Escolho o terceiro.

— Perdôe V. Ex.ª; mas são só dois.

— Por isso mesmo! Sabe o rifão? Tantas vezes vae

o cantaro á fonte?!... Entregue o terceiro. Juro-lhe que está optimo. Adeus!... Safa! O maldito, se o deixo, punha-me os ouvidos em sangue, soltando-me por brinco vinte e oito versos, vinte e oito vespas, um verdadeiro enxame?! Fóra, assassino!...

Ao mesmo tempo que mastigava a imprecação irreverente contra o éstro do inspirado alumno de Apollo, o Secretario, com uma evolução rapida, esquinando o hombro e apertando o sorriso, passara em branco tres visitas mais timidas, que lhe alargaram caminho, e nutria a doce esperança de romper o cerco e de conquistar a entrada do corredor. Se o conseguisse estava salvo. Mas a fortuna, pouco propicia, cortou-lhe o plano. Emquanto o poeta mortificado da secura ironica do seu Mecenas, convertido em Aristarcho, embainhava o rolo dos vinte e oito espinhos por vaidade metrica condecorados com o titulo de versos, e o sumia nos esbeiçados e profundos abysmos da puida e desbotada casaca, outro perseguidor, mais agil, tenaz e endurecido, fitando no Secretario olhos de falcão, rasgou o immenso compasso de duas tibias escarnadas e extensissimas, e afunilando o rosto de toupeira, cruzou o aposento, empurrando e sacudindo como um furacão quantos encontrava defronte, conseguiu postar-se diante do ministro, e annunciou-lhe o preludio do tormento com seis cortezias seguidas, em que a barba tocou

seis vezes os joelhos, e o dorso se alquebrou tomando a fórma de um accento circumflexo. Depois, desentalando da gravata um pescoço eterno, e estendendo um braço interminavel, inclinou-se pela setima vez, e ficou em posição de um ponto de interrogação enorme.

Diogo de Mendonça estremeceu. Aquella figura secca, escaveirada, ossea e agudissima era muito sua conhecida. Ha annos que a via quasi todos os dias nas audiencias. Aquella verruma descommunal tinha-se tornado à tribulação cruel da sua longanimidade, porque não existia visco de boas palavras que a caçasse, nem repellão de ira que a expellisse. Atraz das cortezias e das genuflexões o ministro adivinhava já a espingardaria cerrada do seu discurso, dividido segundo as regras de Quintiliano, em partes tão longas e fastidiosas como o cansativo orador.

—Illustrissimo e Excellentissimo Senhor! — disse o cypreste humano em tiple fanhoso — É a millionesima quinta vez que arrasto aos seus pés a humildade de minhas supplicas...

— Ah! — bradou o Secretario — Porque não diz antes a eternidade?!

—Sim, meu senhor, a eternidade direi com V. Ex.ª, que é a nossa luz e a nossa esperança!...

—Luz sem oleo!—atalhou Diogo de Mendonça —E d'aqui a pouco murrão, tambem, se as corujas teimam em chupar todo o azeite da lampada. Diga-me: o senhor chama-se?...

—Pois V. Ex.ª esqueceu até o meu obscuro nome?... Que desgraça!...

—Tem razão. Devia lembrar-me, como dos meus peccados. Mas protesto que não me torna a acontecer. O senhor chama-se?...

—Eusebio Cornelio Tristão de Mattos Torres e Felgueiras da Silveira Gaula Pontes....

—Faça uma pausa por quem é! Tome a respiração. Um nome em dobradiças como o seu, não se leva de um folego.

—Cardoso Baião e Ripas!—concluiu o estafermo com a mesma voz e a mesma cara.

—Acabou?!... —acudiu o Secretario.

—Omitto por brevidade tres ou quatro appellidos de menos circumstancia.

—Muito obrigado! D'esta vez ninguem dirá que

é maior o nome que a pessoa!... Ora diga-me: O sr. Eusebio Cornelio Tristão quer ser muito meu amigo?...

— Oh, meu senhor!... Pois V. Ex.ª pergunta isso a quem faz vida de seu captivo e admirador?

— Ainda não me respondeu! Quer ou não quer ser muito meu amigo?

— Castor e Pollux! Achilles e Patrocolo!... Mentor e Telemaco!...

— Pelo amor de Deus! Não inquiete o descanso d'esses illustres defuntos. Contente-se com os vivos! Vamos! Quer ser muito meu amigo, obsequiar-me muito, obrigar-me a um eterno reconhecimento?!...

— V. Ex.ª manda — redarguiu o esqueleto assoprado interiormente por um accesso de orgulho.

— Veja bem! Palavra de homem honrado não volta atraz!

E o ministro traspassava-o com o olhar.

Eusebio Cornelio Tristão espremeu nos labios um sorriso nescio, e baixou com humildade as palpebras sem pestanas sobre os olhos vesgos.

— Faça-me então o favor que vou pedir-lhe. É grande! É immenso. Mas o sr. Eusebio Cornelio tem cara de sacrificio... quero dizer de pessoa condescendente e caritativa...

O auditorio principiava a achar a scena salgada, e a rir-se a furto do semblante espantado do sr. Eusebio; mas a seriedade de Diogo de Mendonça parecia tão sincera, que o interlocutor em boa fé não sabia a que santo agradecesse o ver-se publicamente requestado por um ministro. Para não ficar boqui-aberto deu ao rosto encorreado a expressão do mais alegre alvoroço. Cahia-lhe a matar!

— Eu! Um favor a V. Ex.ª?! Deus sabe com que regosijo! Mas V. Ex.ª por força está zombando! Em que posso ser-lhe util?

— Acha-me com modos jogueteiros? Vê-me geitos de gracejar? — interrompeu o Secretario simulando indignação — Creia, sr. Eusebio Cornelio Tristão, que tenho pouco tempo para rir, e muita vontade de chorar! (Aqui uma mimica lacrimosa!) Tornemos ao nosso caso. Conheço o seu desinteresse. Por mim o sei! Não ignoro do que é capaz...

— De tudo! De tudo, senhor, para servir a V. Ex.ª!

— Muito bem! Quantos annos conta?

—Sessenta e seis, meu senhor.

—Justamente o dobro da edade de Jesus Nosso Salvador. Ora pois! Ha de sentir-se cansado, aborrecido muitas vezes. Por força... Não me diga que não.

—De certo. E se não fosse a minha viva fé em V. Ex.ª!...

—Beijo-lhe as mãos. São favores que não mereço.

—V. Ex.ª merece tudo. O maior homem de Portugal!...

—Não me confunda, por quem é! Não fira assim a minha modestia!... Voltemos á nossa roda, que desanda. O obsequio que lhe vou pedir póde custar-lhe, não é agradavel, mas se m'o fizer, o sr. Eusebio e eu ficamos descansados...

—Qual é então, meu senhor? Diga V. Ex.ª!

—Faça o favor de morrer, se o não incommoda muito. Morra senhor! Morra deveras com todos os seus nomes e appellidos a ver se eu socégo! Morra para todos, morra para mim, sobretudo!

Uma risada immensa, estrepitosa, espontanea es-

tourou de todos os lados da sala aos ouvidos do requerente aturdido e estultificado.

— Morra, senhor! É o maior favor que me pode fazer, a mim e á humanidade, e conte com cem missas pelo descanso da sua alma!...

— Cem missas!...—murmurou o sr. Eusebio Cornelio, recolhendo o pescoço, a barba, e metade da cara dentro da gravata, e desmaiando quasi de raiva por se ver tornado alvo da irrisão geral.

Diogo de Mendonça, como habil general, tirou proveito do aniquilamento momentaneo da victima.

— Faça-me outro favor egual, ou maior — accrescentou — Solte-me essa aba do chambre, tão innocente, como eu, no suicidio generoso da sua preciosa existencia.

Segunda gargalhada mais forte acabou de quebrar as forças ao requerente. Os dedos abriram-se-lhe machinalmente, e a seda de ramagens fluctuou livre da prisão. Eusebio Cornelio pertencia á classe dos apoquentadores emeritos, que principiam por lançar anginhos aos ouvintes. Para que Diogo de Mendonça não lhe escapasse tinha-o aferrado por uma dobra das roupas.

O Ministro, apenas se viu solto, respirou alto, e rodando sobre os calcanhares rompeu nova e maior brecha nas fileiras dos seus perseguidores. Desta vez cuidou deveras ter conquistado a liberdade. Desassombrado do zangão impertinente, que acabava de punir com o ridiculo, não sem se salpicar um pouco tambem a si, media já com os olhos a distancia, que o separava do corredor, e lisonjeava-se de escapar em um minuto á plebe dos pretendentes, que a figura exotica e aprumada de Tristão Cornelio distrahira do seu bloqueio.

Mas os mais destros erram. Diogo de Mendonça, preoccupado de mais com o perigo da ressurreição visivel do seu principal perseguidor, que se ia recuperando do sobresalto, não tirava a vista d'elle, espiando-o por cima do hombro, com o olhar obliquo; por isso não reparara em um mancebo, militar, que assistira calado e imperturbavel a todo o dialogo com o senhor Eusebio. O moço dera alguns passos sem ruido, e fôra collocar-se diante da entrada do corredor, disposto a oppor-se á evasão premeditada. Quando o secretario voltou a cabeça, ensaiando para despedir o auditorio a cortezia solemne do costume, empallideceu e recuou. Estava tomada a praça e perdido o preço da primeira victoria. Um relampago de colera fuzilou nas pupilas do ministro, e certa vermelhidão, de mau agouro

para o obstaculo que lhe cortava a retirada, tingiu-lhe as faces.

—O senhor quem é, e o que quer?—exclamou intentando, mas debalde, desviar o official com a mão.

—Sou um homem, e não estou disposto a morrer para divertir V. Ex.ª, como aquelle senhor que ali deixou.

—Ah!—disse o ministro, encarando-o, e reprimindo-se, mas trocando em severidade o sorriso —O seu nome? Seja breve!

—Paulo de Azevedo.

—Recordo-me! É alferes?...

—Sim, senhor. No regimento de infanteria de Antonio de Moura.

—E o que vem requerer o sr. alferes?

—Justiça!

—Mais nada?

—Mas ha justiça cega, justiça coxa, justiça tro-

pega... E justiça de mouros, e de compadres?! Sei muito bem. A que eu requeiro é justiça de Deus e de el-rei, senhor Diogo de Mendonça.

—Hum! O seu negocio vae bem!...

—V. Ex.ª acha?...

—Sim, senhor.

—Pois eu não acho. Ha uns poucos de mezes, que me traz arrastado com palavras, não lhe parece tempo de começarmos com as obras?

—Hein? Com quem julga estar fallando?

—Com o ministro, cuja obrigação é ouvir-me e ser verdadeiro, creio que foi para isso que el-rei o nomeou. Se me illudo, V. Ex.ª me advertirá.

Diogo de Mendonça tinha perdido toda a vontade de rir, e principiava a agastar-se com a lição, sobre tudo por ser dada diante de tantas testemunhas. Encarando o mancebo, e medindo-o de alto a baixo, redarguiu em tom aspero:

—O senhor alferes Azevedo acha-me cara de Histrião para lhe supportar essas arrogancias?

—Conforme!...

— Conforme? A duvida significa uma injuria. Retire-se!

— Não se precipite V. Ex.ª e ouça. Respondi *conforme* á sua pergunta...

— É verdade. Logo duvidou, duvidando deu-me a entender, que estava incerto, e não sabia se o secretario de Estado de El-rei Nosso Senhor era um bufão... Confesse!

— Confesso que V. Ex.ª interpretou exactamente a minha ideia.

Diogo de Mendonça recuou estupefacto. Nunca fôra assim tractado, e sua ira crescia tanto mais, quanto notava no rosto dos ouvintes certo ar ironico e certa satisfação de amor proprio vingado, que o não lisongeava. Alem d'isto a consciencia dizia-lhe que n'este torneio o adversario por ora ia levando as melhores lanças. Por ultimo viu quasi a seu lado o eterno Eusebio Cornelio, e leu-lhe no semblante um ar de triumpho, que o irritou.

— Que é isto, senhor alferes, esquece a boa educação que seus paes lhe deram, e o respeito devido não á pessoa, que não vale nada, e que pouco é, mas ao cargo? Tem o arrojo de me dizer na cara, que

não sabe se o secretario de Estado é um bobo?... Isto não se viu, nem se ouviu nunca!...

— Não se inflamme V. Ex.ª. Ouve-se e vê-se agora, e espero que não lhe cause molestia a novidade.

— Agradeço muito, mas dispenso o seu cuidado.

— Faz mal. Quanto ao ponto questionado, V. Ex.ª permitte que diga tudo?

— Desafogue!...

— Agora eu é que agradeço a V. Ex.ª!

O ministro mordeu os beiços e fez um gesto de impaciencia.

— Pergunta-me, ou antes estranha, que não saiba se V. Ex.ª, se o secretario de Estado, é ou não um bufão? A admiração de V. Ex.ª parece-me admiravel. A resposta contem-se na interrogação.

— Ah! Diz?!...

— Digo que a scena que V. Ex.ª acaba de representar ha tres minutos, aqui mesmo, com applauso de plateias e camarotes, posta no pateo das come-

dias não havia farçante que a desempenhasse melhor, nem tão bem. O que me espanta é que o senhor Eusebio Cornelio e nós todos não morressemos de riso!... Pode V. Ex.ª dizer-me agora se o entremez nas audiencias faz parte do seu cargo? Sempre ouvi que para sermos respeitados dos outros devemos começar pelos respeitar a elles e a nós! Ensinaram-m'o meus paes, que V. Ex.ª conheceu muito bem em rapaz, e cuja boa educação fez o favor de me lembrar.

Um riso surdo e abafado, mas por isso mesmo mais significativo, feriu desagradavelmente o timpano do ministro. Este applauso timido festejava a perfeição do seu talento comico. Diogo de Mendonça era homem de coração lavado, mas estava em jejum, sahia do gabinete ralado de trabalho, e, como todos os motejadores, não perdoava facilmente um beliscão no amor proprio, ou uma risada mesmo leve á sua custa. Posto como alvo no meio de um circulo de requerentes, que faziam esforços incriveis para ingulirem as gargalhadas, encordoou, e apoderou-se-lhe do animo uma furia repentina.

— Isto agora é muito serio! — bradou roxo de indignação, e crescendo para o interlocutor — e não pode continuar assim! O senhor alferes deu uma bofetada na face de el-rei, dando-a na minha cara

diante de todos. É preciso que a justiça decida se o secretario de Estado é um bufão, ou se é um ministro de Sua Magestade. Sáia, e conte com o castigo.

Paulo de Azevedo sorriu-se e ficou immovel. Diogo de Mendonça, que desafogara metade da colera na ameaça e que sentia derreter a outra metade na contemplação do rosto lugubre do poeta dos sonetos, e no semblante aguçado e tetrico de Eusebio Cornelio, fitou no mancebo os olhos já esmorecidos do fulgor subito, e vendo-o sereno e firme não pôde deixar de tomar certo interesse por elle, conhecendo que a tempera d'aquelle espirito não era vulgar. Para acabar de o experimentar, engrossando a voz, exclamou:

— Então não sahe?

— Não, senhor — redarguiu o alferes socegado e inabalavel.

— Fica?! Essa não está má! O que julga que sou eu aqui?

— Aqui?! V. Ex.ª devia ser o secretario de Estado de El-rei Nosso Senhor.

— Então acha que o não sou?! Devia!... O se-

nhor alferes até nos modos e tempos dos verbos descobrir a maneira de offender.

— Se conjugei mal, V. Ex.ª me emendará.

— O que louvo é a sua frieza! Porque não sahe?

— Porque V. Ex.ª ainda não me respondeu.

— A que?

— Ao requerimento, que trago ha tantos mezes.

— Ah!... Fallou a El-rei?

— Sim, senhor.

— E Sua Magestade?

— Mandou-me para V. Ex.ª

— Fez-me bom presente! Hei de beijar-lhe as mãos pela graça. E agora?

— Agora vim saber de V. Ex.ª...

— Não sou o livro da porta da sala dos archeiros.

— De certo. Mas é quem manda escrever no livro da porta os despachos.

— Que mais?

— Como não ha por ora despacho, estou aqui.

— Diga-me uma coisa? cuida que sou de ferro?

— Não senhor, V. Ex.ª é de barro.

— De barro?!... Oh!

— Como Adão.

— Ah! Que mais?

— E como o barro é quebradiço...

— Teve a caridade de querer acudir á minha fragilidade?! Leu Phedro?

— Em pequeno.

— Recorda-se da fabula das duas panellas?

— Optimamente.

— Qual d'ellas se quebrou?

— A mais fraca. A de barro. Mas!...

— O que?

— Outra fabula diz, que a mais forte, a de ferro,

nem por isso teve mais fortuna. Por muito pesada não pôde suster-se ao de cima da agua, e afundou-se.

— Isso é uma ameaça?

— Não senhor, é a moralidade do apologo.

— Bem! Acabemos a sabbatina. Estes senhores querem retirar-se, e eu estou com pressa... Ha mais de meia hora...

— Veja V. Ex.ª como são as coisas! Impacienta-se porque fallamos ha menos de um quarto de hora. O que farei eu, que ha mais de nove mezes me arrasto atraz de um despacho promettido para dar pão a minha mãe, velha e entrevada?!..

Diogo de Mendonça tinha repentes de genio, divertia-se com os ridiculos alheios, mas não era um coração mau e endurecido, nem uma alma insensivel. As respostas sisudas ou ironicas de Paulo iam-lhe agradando; a ira desvanecia-se, e o que mais desejava neste momento era sahir do dialogo com as honras da guerra. Aproveitando, pois, o ensejo, e chamando em seu auxilio todos os poderes da mimica, esclareceu a fronte, amansou a vista, alegrou o rosto, e com um tremulo sentimental na voz, que

Talma lhe invejaria, bateu no hombro do mancebo por modo amigavel, dizendo-lhe:

— Muito bem! muito bem! Essa resposta congraça-nos e faz-me esquecer tudo. É bom filho; é homem de brios. Quiz experimental-o. Venceu. O seu negocio?...

— Em duas palavras se explica...

— Por compaixão seja breve. Estou em jejum.

— Socegue V. Ex.ª Sou de poucas fallas...

— E muitas obras? Gosto de gente assim. Mas as palavras são como as cerejas!... Diga!

— Meu pae empenhou a sua casa no serviço do Estado. Pagaram-lhe com cedulas e um alvará de promessa. Morreu na maior pobreza. Minha mãe entrevada vive d'esse pouco, que posso grangear, mas o soldo é pequeno e anda atrazado...

— Como o relogio da Sé. Pois bem, descanse. Vou ver os seus papeis e fallarei hoje mesmo a El-rei... Desta vez acredite! Não se ria. A minha muita boa fé tem sido a culpada de me supporem...

— Posso então confiar na palavra de V. Ex.ª?

—Como em palavra de evangelho. É negocio feito — accrescentou em voz baixa — Quero que fique bem commigo e que seja meu amigo. Vá logo á audiencia de El-rei e falle-lhe sem medo. Elle gosta. Eu lá heide estar. Amanhã leia o livro da porta da sala dos archeiros, que ha de achar alguma cousa. Adeus! Deixe-me passar, senão esta gente mata-me, e morto não posso servir-lhe para nada!...

Paulo desviou-se, e o secretario investia já com o corredor, quando se sentiu preso pela cauda. Olhou. Era ainda o eterno Eusebio Cornelio Tristão!

— Illustrissimo e excellentissimo senhor, ouça-me, escute-me!

—Não posso. O senhor prometteu morrer. Sei que é um cavalheiro incapaz de faltar á sua palavra; por isso tenho-o por morto. É uma impiedade perturbar o descanso dos defuntos.

— Mas, olhe V. Ex.ª, meu senhor...

— Não olho. Deus me livre. Quando depois de morto ainda falla tanto o que seria estando vivo!? Não lhe dou licença de ressuscitar.

E arrancando-se por meio de um repellão forte

d'aquellas garras felinas, o ministro desappareceu em um momento. Instantes depois a saleta estava deserta, e não se ouviam senão os roucos assobiados do incorruptivel Milciades, cujo somno entregara o senhor nas mãos de seus implacaveis perseguidores.

VI

Uma noite trabalhosa

Voltemos á rua da Padaria, illustrada pelas scenas, em que figuraram todos os heroes d'esta mui veridica historia. Lá estão as meias portas de cortinas verdes do barbeiro esbrugador dos queixos do proximo, e lá transluz pelas fisgas das taboas mal junctas o clarão mortiço da candeia do discreto Braz Topete, incansavel furão das novidades do bairro. Mais adiante, na esquina, balouça-se, quasi apagada, a devota lanterna accesa á imagem recolhida dentro do nicho da parede. E noite. A escuridão cobre a rua, os beccos e as travessas. A chuva açouta as vidraças e os telhados. O vento assobia em furacões. O sino acabou de bater as onze horas.

A janellinha da casa de Rita não está cerrada. O amor e o trabalho velam no modesto alvergue, que o leitor conhece. A donzella remata a barra bordada de um corpete, e a agulha voa entre seus dedos delicados. Porque levanta ella tanto a miudo a vista? Porque lhe fogem, mal sentidas, as lagrimas empanando-lhe a vista, e maculando-lhe a tela? O que receia, ou o que espera? O que mormuram os labios entre suspiros, ou que voz do coração, sem echo nas palavras, vem morrer confrangida n'aquella bocca tão breve e tão formosa, recatando-se até da solidão? Que tristezas e que esperanças diz a languida pallidez das faces, que um leve e melindroso carmin anima por momentos das cores virginaes da roza? Segredos são da ternura e da timidez em um peito, que se alvoroça com os proprios sonhos, e que a realidade corta de magoadas sombras!

Rita conta os minutos, apressa com o desejo as horas, e logo depois arrepende-se, e pede quasi a Deus que as demore. Escuta o silencio, e treme ouvindo passos. Aguarda o signal, e nunca tão pesada nuvem lhe opprimiu a alma! Quer e não quer ver o amante a seus pés! Chama-o a saudade impaciente, repelle-o o pejo assustado, um presentimento que não ousa combater, treme por elle, e não sabe explical-o.

De repente, na calada da noite soam passadas rijas. Levanta-se, olha pelos vidros salpicados da chuva. Um vulto sahe das trevas, e entra no espaço frôxamente allumiado pelo baço resplendor da lanterna pendente defronte do retabulo. Será Paulo? Porque não lhe diz nada o coração, e palpita atropellado? Porque não o adivinhou ainda? Mas o signal foi o do costume. Hesita, vae descer, e suspende-se, vae a fallar e não se atreve! Por fim pôde mais a paixão do que a vontade. Baixa vagarosa, abre a porta ao de leve e estende a mão no escuro, dizendo submissa — Está ahi? — Outra mão pega na sua, e tenta retel-a. Não é a de Paulo! Bastou o contacto para a desenganar.

Agastada e tremula, recua, e busca soltar-se para fugir. De fora detem-a com branda violencia.

— Quem é? O que faz aqui? — exclama, forcejando por se livrar, e por vêr o rosto do estranho, que a escuridão e a aba derrubada do chapeo encobrem inteiramente.

— Não tenha medo. Sou um homem que lhe quer bem.

— A mim? — redarguiu soçobrada e elevando a voz inadvertidamente.

— Falle mais de manso! Os seus visinhos são muito curiosos.

— Mas senhor! Não sei!...

— Creia que a respeito como Paulo.

— Paulo!? Pois sabe!... Que é d'elle? Porque não vem?

— Socegue! subamos a escada...

— Paulo nunca passou d'aqui!... Quem é o senhor?

— Tranquillize-se...

— Quem lhe disse o meu nome?...

— Um dedo pequeno que me adivinha tudo.

— Mas não posso, não devo estar mais aqui.

— Pode e deve. De que treme?!...

— Meu Deus!... De que tremo? Pois o senhor não vê que se elle agora viesse podia cuidar!...

— Que o estava a trahir fallando com um homem fóra de horas?

— Jesus! Ficava perdida de reputação!...

— Porque não sobe então, e não me ouve lá em cima?...

— Nunca!

— Conversemos, pois, aqui. Para mim é egual.

— Deixe-me, pelo amor de sua mãe lh'o peço! Não sente passos?

— Ha de ser a ronda.

— E se parar e perguntar?!...

— É natural. A ronda é mexeriqueira de seu officio.

— Que mal lhe fiz eu? porque me persegue?

— Perseguil-a! Desejaria...

— Não ouve? Vem perto já.

— O que quer que faça?

— Que me solte a mão e se retire!

— Peça-me tudo, menos isso!

— O senhor não me conhece e não sabe quem sou!...

— Chama-se Rita, é irmã de um padre de S. Domingos, fr. Polycarpo, e ha mais de um anno que o alferes Paulo de Azevedo todas as noites, por esta hora, vem jurar-lhe que a ama, e que não tem outra luz, senão a que lhe dão esses lindos olhos. Vive recolhida com sua avó, é honesta e sisuda e trabalha em bordados brancos e de matiz. Não estou bem informado?... Escute! A ronda entrou na rua. Se promette, em ella passando, tornar aqui e ouvir o que tenho a dizer-lhe...

— Da janella?...

— Não! Em casa.

— Oh! Nunca!...

— Tenha melhor coração. Tenha dó da chuva que me está passando o corpo.

Neste momento soaram tão proximos os pés dos homens da ronda, que Rita, convulsa, e quasi louca de susto, exclamou:

— Prometto! Pelo santo temor de Deus não me deite a perder!

— Não tenha cuidado. Feche a porta. Bem! Agora deixe-os commigo.

A donzella seguiu sem demora o conselho, e o desconhecido puxando a dobra esquerda da capa para o rosto, coseu-se com a parede, e esperou, murmurando:

— Se for o Camões?! Havemos de rir um pouco!

A respeitavel melicia urbana avisinhava-se entretanto com o passo lento e quasi tropego de suas venerandas tradicções. Dois quadrilheiros magros, compridos e esgalgados precediam o prestito, munidos dos classicos lampiões. Atraz seguia-se o juiz do crime, em pessoa, envolto na sua capa, e ladeado de um estado maior de alcaides e agarradores de todos os formatos e edições. No couce d'esta manga de dez, ou doze homens, rosnando e praguejando contra o vento, a chuva e os ratoneiros, vinham algumas figuras exoticas, rachiticas ou desengonçadas, cujos trajos no fio só podiam oppor ás inclemencias d'esta invernosa noite a triplice e luzidia camada de sebo adquirido no cansado serviço dos pretorios e cadeias.

— Alto! — disse a voz clara e vibrante do magistrado— Aqui deve ser, se a denuncia não mente!

Um barbeiro!... Lá estão as cortinas. Um becco!.. hade ser este. O paço dos tabelliães oito portas acima. Por baixo a lapa do sapateiro remendão! Eil-a. Bem! Agora, um ponto na bocca e agachados para não espantar o melro! Parece que toma os garguerejos um pouco tarde!

— O peior é esta amaldiçoada chuva, senhor juiz! Estou ensopado. Não tenho no corpo um fio enchuto! — redarguiu o alcaide mais velho, espetando os olhos verdes e felinos, privilegiados nas trevas como os dos gatos, e alongando o queixo inferior revirado em volta de colher.

— São os ossos do officio, Longuinhos — respondeu a meia voz o juiz — Tambem eu me queria antes na cama, do que palmilhando estas lamas, e apanhando este banho a pé quedo. Safa! Chove a cantaros!... Que está farejando ali defronte judas Machabeo? Temos coelho na toca?— acudiu o magistrado, notando a attenção com que olhava no escuro o segundo alcaide, dez annos mais moço do que o seu virtuoso collega, e pessoa alta, esguia, e escarnada, com duas orelhas enormes como abanos e dois dentes avançados fora da bocca á maneira de presas de javali.

— Temos!... Ali anda caça!

— Ah! Longuinhos! Se Judas com esta noite, que pode cortar-se á faca, descobriu o melro, sempre digo que te ganha uma famosa bisca. Vamos a ver! Dois homens já para o cimo da rua. Outros dois na esquina do becco. Espera! Deixem primeiro chegar os companheiros. Agora tu Longuinhos. Sus! abóca!..

— E eu?! — suspirou em falsete aflautado o extensissimo alcaide, auctor da busca—Eu, que descobri o rasto...

— Tu, grande Judas, ficas preterido por tres minutos ao pé de mim. Nunca ouviste que dá Deus nozes a uns, e quebra os dentes a outros? Oh lá! temos novidade? Não ouviste?...

— Estalar a modo de uma tremenda bofetata de mão aberta? Assim me Deus salve como ouvi.

— Ah! Ah! Lá estala outra! E de que calibre!

— Parece que foi para indireitar a cara ao que levou a primeira!—retorquiu o beleguim com uma rizada em tiple—Quem gramaria a esmola?

— Scio! deram outra! Pelo que noto esta noite chovem bofetadas?!

— Ah! E são os nossos que as levam! Vossa mercê não vê?

— É verdade! Ahi vem o Longuinhos de orelha derrubada e com a cara agarrada nas mãos! Esta é galante! Quem será o auctor da comedia? Não é medroso!... Então, homem, que historia é esta? Aonde está o preso?

A pergunta era feita ao pobre Longuinhos, cuja retirada provocava estrepitosas gargalhadas

— Então!?... — insistiu o magistrado em tom imperioso — Que é do preso?

— O preso!? Ficou lá! — rosnou por entre as brechas dos dentes caidos o alcaide baixo e verde-negro, abaixando a immensa cabeça, e sumindo-a entre os hombros desiguaes.

— Ficou lá?! Porque?

— Porque disse que não queria vir.

— Ah! Excellente! Com que então elle disse que não queria dar-se á prizão? E depois?

— Depois!... Dei-lhe a voz em nome do senhor

juiz pela segunda vez — redarguiu o malsim tartamudeando.

— E elle? — acudiu o magistrado, a quem o interrogatorio divertia.

— Elle!?... Elle!... respondeu-me...

— Falle, homem!

— Respoudeu-me... que...

— Acabe!

— Que fosse vossa mercê... Não me atrevo, senhor!

— Diga tudo. Não sou nenhuma Lucrecia.

— Que fosse vossa mercê pentear monos para o Chiado.

— Famoso!... E agora que lhe saltou essa noz da garganta, e que já pode fallar solto, o senhor Longuinhos faz favor de me dizer o que praticou depois de semelhante atrevimento?

— Indignei-me!...

— Optimo. E depois de indignado?

— Deitei-lhe a mão ao braço...

— Bem!

— Mas elle... teve a ousadia...

— De lhe deitar as mãos á cara? Ouvimos de cá! Quantas levou?

— Tres!... Quatro!...

— Cinco, seis? Arredonde a conta. E aonde tinha o senhor Longuinhos os braços? Pela cara não lhe pergunto. Ia em polverosa. Não sabe ainda d'ella, aposto!?

— Oh! senhor juiz!... Não faz ideia!...

— Faço! Faço! Se fosse á luz do sol, em vez de ser á meia noite, via as estrellas ao meio dia. Mas o senhor Longuinhos com essa espada á cinta e esse corpo tão pesado deixou-se ficar a aparal-as?

— Não tive tempo para mais, senhor! Eram umas sobre outras, tão rapidas e tão rijas!...

— Com effeito!? Vamos a ver o estrago. Cheguem as lanternas! Mostre-nos a face ultrajada, il-

lustre victima dos deveres agarratorios!... Bravo! Fizeram-lhe da cara um mappa geographico. Traz ainda assignalados os vergões dos dedos. Famosas bofetadas! Foram de mestre! Receio-lhe uma inflamação. Ate o lenço na cara, não se constipe. Agora nós! Judas, encha-se de animo, veja-se n'este espelho, e vá dizer da minha parte áquelle senhor das bofetadas, que o juiz do crime do bairro do Rocio lhe pede o obsequio da sua companhia até á cadeia, antes de ir pentear monos para o Chiado! Tome cuidado com a cara. Anda fogo no convento... Longuinhos, chame os chuços, e siga-me!... Oh! Oh! O tal heroe tem decerto o demonio no corpo! Lá me está sacudindo a roupa nas costellas do pobre Judas Machabeo com a prancha da espada. E como o sacode!... Mais de vagar, amigo! Mais de vagar! — proseguiu apressando o passo — Por menos já subiu alguem á forca!... Fora, bruto!...

A exclamação, um pouco rude fôra arrancada por um violento encontrão dado no corpo do magistrado pelo fiel Judas Machabeo, que, cego de medo e dor, fugia á folha vingadora da espada do desconhecido em passos não menos atropellados, do que os do seu esbofeteado collega. O juiz principiava a achar a graça pesada, e irado desembainhou a espada, adiantando-se contra o aggressor.

— Arreda! — bradou este vendo o bando esfaimado dos beleguins abalar-se para investir contra elle — Arreda! Senão vai de corte, e apanha-se n'esta rua amanhã uma cesta de orelhas e de narizes de beleguins.

— Façam-lhe cerco e deitem-lhe os anjinhos! Veremos se falla tão alto depois — gritou o juiz em tom severo.

A este tempo um novo personagem entrava em scena. Era Paulo de Azevedo, que, não esperando encontrar ainda ali a ronda, e muito menos uma assuada de malsins e alcaides, desembocara da travessa mais proxima, e parara perplexo a poucos passos de distancia do desconhecido, o qual, encostado á esquina do becco, açulava com interjeições insolentes a furia cobarde dos homens da ronda, cujo cerco ondeava diante da sua espada em inflexões sinuosas, sempre que o braço do inimigo se estendia, jogando ao monte uma estocada. Paulo, em um lance de olhos, corrido pelo campo de batalha rapidamente, formou logo o seu juizo. Generoso e intrepido, sentiu desejos vehementes de acudir ao individuo, que tão bizarro se deffendia contra todos, e os desejos tomaram corpo de resolução, apenas a voz do jogador de espada preta o chamou em seu soccorro.

— Se quer ver como se leva um rancho de perus na ponta de duas espadas — disse-lhe o desconhecido — faça o que eu fiz, desembuçe-se, traçe-me essa capa, e metta-lhes o ferro á cara. Costas com costas, e juro-lhe que ha de rir!

A resposta de Paulo foi arrancar de repellão a espada das mãos do malaventurado Longuinhos, que o assalto repentino deixou paralitico, e enviando-o com um pantapé no rosto a beijar de bruços os pés do juiz, entrou sem se fazer rogar na bulha, e, hombro com hombro com o seu alliado, cahiu sobre a ronda, ás cutilladas e ás estocadas de forma tal, que em menos de dois credos a rua ficou despejada, e não se via pelas travessas visinhas senão esbirros, saltando, correndo, e clamando. O juiz do crime foi o unico da cohorte, que não cedeu á má fortuna. Quando o alferes voltava de perseguir os derradeiros curiacios até as ultimas portas, a espada do magistrado saltava ao ar, e a ponta do ferro contrario, apontada ao peito, acompanhava a ameaça da voz, que dizia:

— Renda-se, senão morre!

Houve um instante de pausa. Os tres actores contemplavam-se sem colera, e cheios de curiosidade. Por fim, o juiz quebrou o silencio, desfechando uma risada, e exclamando:

— Esta só a mim! O melro sahiu-me milhafre, e eu que vinha por lã, vou tosquiado. O que não diria el-rei se visse a triste figura...

— Do illustre juiz do crime do bairro do Rocio, Caetano José da Silva Souto Maior? — interrompeu o vencedor — Asseguro-lhe que não é preciso ser rei para rir d'ella! Pergunte ao meu companheiro.

— Sabe-me o nome? E o senhor quem é?

— Um Valdevinos, como vê, que não teve medo á ronda. Quer a sua espada?

— Para que? Só se fôr para fazer d'ella um espeto em casa! Pelo que me serviu vale bem a pena guardal-a!...

— Não diga tanto mal d'ella! para homem de becca o senhor juiz atira soffrivelmente. Não lhe sabia da prenda.

— Ora!... O que lhe invejo ao senhor é o pulso e a agilidade. Se podesse adivinhar este encontro, tinha dobrado a ronda, e então veriamos...

— Via o mesmo. Mas boas noites! A proposito: o senhor juiz andava por aqui buscando alguem. Teve denuncia?...

— Tive. Mas não me avisaram...

— De que?

— Da sua força á espada preta.

— E o denunciante aposto que foi...

— Não devasso os segredos da justiça!

— O sapateiro carcunda, que mora n'aquella porta? Não podia ser outro. Adivinhei?

— Talvez! O senhor então é um certo alferes Azevedo?...

— Psio! Não abrace a nuvem pela deusa! Mas quente! Quente!

— Pois a rolinha estava ha um instante ainda por traz dos vidros. É bonita?

— Como os amores.

— Hei de passar mais vezes pela rua da Padaria.

— Faz mal!...

—Se não é o alferes... o que lhe importa?...

—Perde o tempo. Asseguro-lhe.

—Mas o senhor o que fazia então por aqui, representando o papel de namorado?

—Nunca ouviu que de noite todos os gatos são pardos?

—Ouvi. Mas não percebo.

—E que os macacos tiram as castanhas do lume com a mão do gato?

—Tambem. Pelo que vejo, gosta de comparações felinas?

—Muito! Adoro os gatos. Quando o senhor juiz veiu estava eu vendo se tirava uma castanha do fogo com a mão do gato.

Os dois tinham-se esquecido de Paulo. Este, em quanto elles fallavam, havia-se escoado, e repicando ao de leve na porta de Rita, dera o signal. A donzella, que o esperava impaciente, desceu logo, e assustada ainda das agitações d'aquella atribulada noi-

te, contou-lhe tudo. O alferes entendeu que o seu Sozia não podia ser senão o desconhecido, e decidiu averiguar com elle logo ali o intrincado ponto de saber para que fim viera inquietar o terno e timido coração da irmã de Fr. Polycarpo. Despedindo-se arrebatadamente da amante, Paulo volveu ao sitio, aonde deixara os dois interlocutores, e, aproximando-se, escutou a ultima explicação fundada no velho adagio.

— Diga-me uma coisa. O senhor, se não me engano, é bairrista? — disse elle interpondo-se, e tocando no hombro do outro.

— Porque?

— Não nos encontrámos já uma noite d'estas aqui, por signal que chovia mais, e não entrámos no covil do sapateiro, que mora n'aquella casa?

— Tenho meus longes d'isso...

— E eu meus pertos. Pode dizer-me o que ia fazer áquella porta ha meia hora, illudindo com um signal falso a pessoa que desceu?

— E que estava esperando em cima? Nada mais facil. Faz muito gosto n'isso?

— Immenso!

— Pois eu lhe digo. Ia levar-lhe um recado de seu irmão, de Fr. Polycarpo...

— Ah!...

— Doe-lhe alguma coisa?

— Nada.

— Como se queixou...

— Continue.

— Acabei.

— E o recado era?...

— Para ella. Não cheguei a dar-lh'o, porque me não deixou subir, e o senhor juiz do crime fez o favor de me querer dar hospedagem na cadeia...

— Pois o senhor queria subir, entrar no aposento de Rita? Sabe que eu não subi lá nunca?...

— Sei. Mas o senhor é outra coisa.

— Outra coisa?!

— Sim. O senhor é o amante, emquanto eu sou apenas o amigo do padre e da familia.

— Falla serio?

— De que me havia de rir? Da chuva, do senhor juiz, ou?...

— Talvez de mim! Da minha simplicidade!...

— Por quem é, não seja injusto!

— Mas esse recado?!...

— Inquieta-o? Não se assuste. Pouca coisa. Se quer, estou prompto a repetil-o diante do senhor...

— Quero!...

— E do senhor juiz do crime. Como elle, mais cedo ou mais tarde, terá de metter as mãos...

— Em quê?...

— N'este namoro, que não agrada ao padre, e que elle quer acabar por bem, ou por mal.

— A isso vinha eu — atalhou o juiz sorrindo.— Mas o senhor desazou-me Longuinhos e Judas Machabeu!...

— Ah! aquelle homem baixo que parecia um garrafão...

— Puz-lhe a alcunha de Longuinhos.

— Que boa cara, cheia e nedia!... E o outro?

— Judas Machabeo? E o que fugia como uma lebre das suas pranchadas.

— Sim? Cuidei que estalava pelo meio do corpo com os saltos e contorsões. São muito exquisitos ambos, ha de confessar, senhor juiz, os seus alcaides.

— Não direi que não. Mas assim mesmo servem.

— De cabides? Carregam bem com os ossos do officio. Com que então o senhor juiz vinha tambem por causa do namorico? Houve denuncia? Que maus lençoes esperam o carcunda! Dizem que o rapaz é bem nascido, gentil, e nada atado das mãos, mas pobre como Job!... Conhece-o? — concluiu voltando-se para o amante de Rita, que havia instantes escutava recolhido em suas reflexões.

— A quem?...

— Ao alferes Paulo de Azevedo, o amante da menina dos olhos pretos?...

— Muito. E o senhor?

— Eu? Só se for de vista!... Que horas deu o relogio? Duas? Tão tarde já!... Sempre quer ouvir o meu recado á irmã de Fr. Polycarpo?

— Adivinhei-o. É melhor não lhe dizer nada hoje...

— Parece-lhe? E o senhor juiz?!...

— Eu!...

— Está vendo manobrar a sua gente no escuro para nos agarrar a ambos? Mandou buscar reforço? Fez bem.

— Pois crê!?...

— Que o senhor Caetano José da Silva Sotto Maior, vulgarmente conhecido no paço e na cidade pelo nome de Camões do Rocio, nunca perdoou um rasgão no seu amor proprio, ou uma lição a tempo em castigo de suas aventuras? Sei-o perfeitamente. O que resta ver é quem rirá por ultimo.

— Talvez o carcunda, que móra alli, e foi o denunciante.

— O carcunda ha de chorar, juro-lh'o eu! E o

senhor juiz tambem não ha de gostar nada de acabar a noite no caminho do Limoeiro.

—No caminho do Limoeiro? O senhor tem coisas!

—É como lhe digo.

— O senhor ê que vae ver que não se resiste ás justiças de el-rei, nem se levanta a espada contra a magestade das leis!...

— O senhor Longuinhos e o senhor Judas Machabeu hão de applaudil-o muito. E mesmo eu, se tivesse tempo, ficava mais um pedaço a ouvil-o, porque é bom poeta e engraçado. Mas d'aqui a casa é longe...

—Está preso da parte d'el-rei!— bradaram os dois alcaides, surdindo um da direita, e o outro da esquerda do desconhecido e alçando a mão sobre elle.

Não tiveram tempo para mais. O primeiro estatelou-se, como um congro no meio da enxurrada, espirrando sangue pelo nariz e pela bocca, por onde lhe entraram, arrombando os dentes, os copos da mesma espada, que lhe distribuira as pranchadas. O segundo afocinhou de bruços a calçada, esculpin-

do no lodo a effigie das faces de meia lua e o alteroso ventre, desequilibrado por uma punhada que lhe acenou Paulo sobre a nuca.

— Bem! — exclamou o jogador de espada preta. — Vamos a ellas!

O alferes, porém, não despiu o ferro da bainha, nem tirou a mão do punho.

— Vamos a ellas! Porque espera?! Uma estocada no juiz, outra nos dois rafeiros das lanternas, e pé leve!...

— Tudo isso é muito bom, mas é que a folha da minha espada não corta...

— Não corta! Ora essa!!!

— É de pau! A de ferro ainda está empenhada, e deixei cahir a outra não sei aonde.

N'este meio tempo, os beleguins, em tropel, acommettiam á voz do juiz, e irritados com o segundo revez dos alcaides, que se levantavam do chão, contusos, ensanguentados e doridos, gritavam como possessos para se animarem uns aos outros.

— Alto! — bradou o desconhecido — Uma es-

pada verdadeira e outra fingida não chegam para tanta gente! Aonde está o Camões? Tragam-me aqui o Camões!

— Falle com mais reverencia do senhor juiz!... — disse um dos homens das lanternas crescendo ameaçador.

— Aqui está o Camões ás suas ordens! Que manda Vossa Mercê d'elle?

— Dobre a lingua!

— Vossa Senhoria, talvez?

— Tome a minha espada, não tenha medo, e venha commigo, só, debaixo d'aquella luz, que eu lhe digo quem sou.

— Para lhe provar que sou bom jogador, concedo. Confessa então que perdeu a partida?

— Veremos logo.

— E que o ultimo que ha de rir?..

— Não has de ser tu de certo, meu pobre Camões!

— Oh!

A interjeição ironica engasgou-se nas fauces do magistrado. Tinham chegado debaixo da lampada envidraçada e o seu interlocutor, levantando a aba do chapeu e o rebuço do capote, havia-lhe mostrado o rosto. O juiz empallideceu, deu tres passos atraz, e descobriu-se. Ia para fallar, mas um gesto coseu-lhe os labios.

—Então quem se riu por ultimo, senhor doutor? Não lhe dizia eu que até ver não era tarde, e que á meia noite todos os gatos são pardos?!...

—O que não tem desculpa é a minha estupidez!... Devia perceber!...

—Mas não percebeste! Assim foi melhor. Metteme esta noite o carcunda na cadeia. Leva-o tu mesmo e enche-o de medo! Deixa ir o alferes em paz, e nada de mais passeios pela rua da Padaria. Que ninguem sonhe o que fazemos... Boas noites! Apparece ámanhã ás dez horas!

E o desconhecido, subindo a rua, desappareceu por uma das travessas. O Camões voltou a passos lentos, muito menos risonho, meio corrido, e ainda com o chapeu na mão debaixo da chuva. O alferes, entre alguns homens da ronda, esperava que o juiz dispozesse d'elle.

— Soltem o senhor alferes Azevedo! — disse o magistrado, cobrindo-se e assumindo um tom imperioso — Está livre! Pode recolher-se a sua casa... O senhor conde...

— Ah! Era um conde? — acudiu o mancebo.

— Eu disse conde? Equivoquei-me. É uma pessoa que merece todo o conceito, e basta. Quiz divertir-se. Agora batam a essa porta e acordem-me o sapateiro carcunda. Não havemos de ir d'aqui com as mãos a abanar. Longuinhos, cospe o ultimo dente e entra! Judas, ao teu posto! É um preso de importancia. Parece-me que temos reo de alta traição.

— N'esse caso... trabalha a viuva! — redarguiu o alcaide, que por acaso fallou quasi sobre a cabeça do desditoso anão arrastado pelos esbirros para fóra do antro, e todo convulso de terror.

— Alta traição? A viuva! A forca!... Ó senhor juiz valha-me pelo amor de Deus!...

— Nem mais palavra! Atem-lhe um lenço na bocca, e vamos! Eu mesmo vou metter o passaro na gaiola. Veremos se o segredo o faz cantar!

Decorridos minutos, a rua estava erma, e a candeia accesa na loja de mestre Braz acabava de se apagar em vascas. As portas escancaradas e a desordem da cama e dos moveis diziam claramente a desgraça do proprietario. Que terrivel presagio para a senhora Angelica do Ceu, quando acordasse e viesse ali desenferrujar a lingua!

VII

A sala do despacho

Entremos nos paços da Ribeira. Vão bater dez horas da manhã. Atravessemos sem nos demorarmos a sala dos Archeiros, a da Canna, e a do Docel. Passemos, sem nos determos tambem, os tres ou quatro espaçosos aposentos, que abrem sobre a sala denominada das Galés, aonde a douta Academia de Historia costumava celebrar suas conferencias solemnes. Usemos depois dos privilegios de novellistas curiosos, e insinuando-nos sem ruido na casa do despacho real, vedada aos profanos e guardada por um Cerbero mais vigilante que o incorrigivel Milciades, observemos sem ruido o que n'ella occorre.

A casa aonde estamos corresponde na mobilia e nos ornatos á magnificencia, que el-rei ostenta em tudo. Uma armação rica de melania verde com galões de seda crua e sanefas doiradas, sobre as portas, realça o primor dos tectos entalhados e ennobrecidos de pastas de oiro e bellos rasgos de pintura. Cobrindo toda a altura de uma das paredes vêem-se dois espelhos, cujos relevos e figuras denunciam a mestria de um trabalho delicado. Serpentinas de prata de tres lumes brilham entre jarras preciosas do Japão e da China sobre o marmore dos bufetes. Um relogio de repetição, de feitio singular e de raro preço, pela materia e pelo cinzel, acompanha as horas de afinados minuetes.

Sobre o rio corre uma varanda envidraçada em xadrez. Doze cadeiras de veludo côr de fogo, esculpidas de finos lavores, vestem os vãos e os outros lados da casa, sustida sobre formosas columnas e coberta nas paredes de talha doirada. Cortinas de nobreza branca agaloadas, com borlas de requife de oiro, negam a entrada ao sol pelas vidraças das janellas e da varanda. No meio da sala campeia o opulento bufete de carvalho e pau santo, obra prima da arte de marceneria em um seculo affeito a exigir d'ella quasi prodigios. Os embutidos e arrendados, as folhas e as flores caprichosamente entrelaçadas d'este movel, que enleva os olhos, e que rematam nas ex-

tremidades quatro corpos de leões rompentes, custaram annos aos officiaes incumbidos da sua execução. Sobre a mesa admiram-se a escrevaninha de oiro e a campainha, cujos cinzelados a Italia invejaria, se a não desvanecesse a gloria de Benevenuto Celini. Quatro tripeças com assentos de veludo e pés de charão azul ladeiam o bufete a pequena distancia da vasta e soberba cadeira do soberano.

No momento em que a scena se nos descobre, o relogio acaba de repetir um de seus mais lindos minuetes, e o senhor D. João V, sentado, com a face reclinada na mão e o cotovelo pousado na mesa, escuta o relatorio, que lhe está recitando com gravidade o Cardeal da Cunha, seu ministro e conselheiro valido. A narração esperta por vezes o sorriso meio adormecido nos labios do soberano. A elegancia e o primor do trajo, cortado pelo typo das modas mais correctas da côrte de França, faz sobresair a gentileza natural do principe, o qual, na flor da edade, com vinte e oito annos, contava já onze de reinado Contemplando-o, os menos aduladores não poderiam negar-lhe o louvor que a presença e a nobresa do porte lhe conquistavam espontaneamente. Parecido nas feições e em varios traços da indole com Luiz XIV, que procurava imitar na pompa e no culto externo da realeza, os olhos vivos e penetrantes do filho de el-rei D. Pedro despediam um

fulgor, que cegava, quando se erguiam irritados. N'estes lances os mais intrepidos tremiam diante d'elles.

Á esquerda de el-rei, ajoelhado sobre um coxim de seda, Diogo de Mendonça, com uma pasta de papeis aberta diante de si, lardeava de visagens comicas e de interjeições espirituosas a narração do cardeal. Dois passos adiante d'elle, sentado em uma das tripeças, o marquez de Abrantes, que a sua embaixada de Roma mettera muito no seio do monarcha, e que a physionomia prazenteira e a urbanidade tornavam bemquisto de todos, esponjava as faces e a testa com o lenço, maldizendo a obesidade importuna. Encarregado da direcção de tudo o que dizia respeito ás bellas artes e sciencias, o marquez luctava com a penuria do erario, e fazia milagres para satisfazer os caprichos luxuosos do principe, que as despezas não atalhavam no arrojo dos designios. Defronte do marquez de Abrantes, o marquez de Fronteira afogava no lenço os accessos teimosos da tosse, catharrosa, espetando os oculos em um desenho, que parecia absorver-lhe a attenção. O tremor senil da cabeça e a magreza quasi etica dos membros contrapunham-se n'elle por um modo singular á opulencia das fórmas arredondadas, proeminentes e oleosas do outro marquez, seu collega e seu amigo. Finalmente, de pé e amparado com a mão ao espaldar da cadeira real, o marquez de Alegrete, corte-

zão e obsequioso muito adiantado em annos, repicava de risadinhas em falsete os trechos mais incidiosos do relatorio, que o cardeal estava concluindo sem destorcer uma linha na aprumada solemnidade de que revestira o semblante.

— *Laus tibi Christe!* — suspirou Diogo de Mendonça com uma visagem quasi tragica apenas o prelado poz termo ao discurso, inclinando-se diante de el-rei — Santos Martyres de Marrocos! Se as candidas pombas do Senhor mostram tanto fel o que diremos dos milhafres e açores? Estou ainda tremulo do que ouvi! Que madres, meu Deus! Que madres, meu senhor!

— E ainda estão em casa da condessa do Rio?... — perguntou el-rei, cujo sorriso principiava a apagar-se em uma expressão severa.

— Sim, meu senhor! Intrincheiradas nos quartos e resolvidas a resistir a todo o trance! — redarguiu o cardeal no mesmo tom sereno e egual.

— Deus meu! Uma assuada ao Divino! Que escandalo! — acudio o secretario de Estado espreitando no rosto do monarcha os sentimentos que havia de lisonjear — E o povo?

— O povo ri-se e rodeia o palacio da condessa...

—Ri-se? — interrompeu Diogo de Mendonça com simulada indignação — Pois é muito mau que elle se ria das coisas serias. É pessimo. Coitado do povo, não entende mais.

— Na realidade — observou o marquez de Abrantes, assoprando de abafado, como se os ardores da canicula o affrontassem — o espectaculo de um convento de freiras em procissão pelas ruas, de cruz alçada, tem muito pouco de edifficante!... Que ousadia!...

— E ha de ser severamente castigada! — atalhou el-rei erguendo-se com os olhos accesos em ira — O que fez o cardeal quando soube?!...

— Mandei o meu secretario reprehendel-as, ordenando que se recolhessem immediatamente...

— E ellas?!

— Escarneceram d'elle, e maltractaram-me a mim na ausencia, com palavras injuriosas.

— Ah! E o que querem por fim as madres? Porque se metteram como rebanho sem pastor pelas ruas d'esta nova Jerusalem?!... — disse o secretario de Estado, pondo-se tambem de pé, assim co-

mo o cardeal e os dois marquezes apenas o principe se levantou.

— Querem vir aqui, ao paço, queixar-se de mim a Sua Magestade em communidade, rompendo a clausura...

— É grave! É muito grave! — murmurou o marquez de Fronteira em um tom somnolento.

— É gravissimo!— exclamou o secretario, que lia no rosto de el-rei a colera e o resentimento da offensa — Quem lhes ordenou que recebessem no convento a freira judia?... Não sei se ella o é; Deus me perdoe! mas aqui está sua eminencia para nos esclarecer! O nosso grande inquisidor mór, o luminar da nossa fé...

— A freira compareceu no ultimo auto de Fé como suspeita de judeismo, e não como convicta. O santo officio, na sua clemencia, condemnou-a a certas penitencias, e quiz que as fosse cumprir no convento de Odivellas...

— Muito bem... E as outras freiras negaram-se a recebel-a, allegando que a profissão era nulla?...

— Accrescentando que estavam promptas a restituir-lhe o dote...— tornou o cardeal.

— O dote? Bem nos importa a nós o dote. Vossa Eminencia, submettendo o caso á sabedoria indefectivel de Sua Magestade, ordenou-lhes que houvessem de recebel-a?...

— É verdade. Mas ellas, invocando falsos escrupulos, sahiram em numero de cento e trinta e quatro, e cedendo ás instancias da senhora condessa do Rio, consentiram em parar no seu palacio para descansarem algumas horas.

— E lá estão ainda? E estão lá d'esde hontem, se não me engano, e se ouvi perfeitamente a Vossa Eminencia?!

— É exacto. Expediu-se um magistrado com alguma cavallaria para lhes estorvar a vinda, e as obrigar a recolherem-se, mas...

— Resistiram? desobedeceram? Ah! que madres, justo Deus!...

— É grave. É muito grave! — tornou a rosnar a voz surda e adormecida do marquez de Fronteira.

— Resistiram trancando-se por dentro nos quartos, e arrojando das janellas pedras, e quanto acharam á mão contra os soldados!

— Oh! Mas essas freiras são dragões mascarados em pombas do senhor! Nunca tal se viu! Devem ser punidas!...

— Que ordena Vossa Magestade?— perguntou o cardeal sempre grave e placido.

D. João V. tinha tido tempo de se reprimir. O seu rosto volvera á serenidade costumada. A vista severa, mas repousada, exprimia vontade firme, mas isempta de ira.

— Quero que se respeite a lei, e se faça justiça! — redarguiu em voz lenta e tranquilla — Diogo de Mendonça, mande ao juiz do crime que vá sem demora ao palacio da condessa do Rio, e recolha debaixo de prisão todas as freiras a Odivellas... Dou-lhe quatro horas para acabar a diligencia.

— Muito bem, meu senhor! Vossa Magestade será obedecido. E se as madres resistirem ?... São mulheres, estão mimosas e podem...

— Se resistirem!?...— atalhou el-rei ainda mais severo — Que leve mais tropa e que empregue a força. Os outros castigos compete a sua Eminencia applicar-lhos. Estou certo de que não deixará a sua auctoridade escarnecida. Escreva já as ordens. Não

ha tempo a perder. Os maus exemplos corrigem-se logo.

O secretario de Estado ajoelhou sobre uma almofada e em letra garrafal lavrou o aviso. O porteiro da canna, chamado ao gabinete, foi incumbido de o enviar ao juiz do crime, Caetano José da Silva Souto Maior, com ordem de el-rei de lhe vir dar conta da diligencia, a qualquer hora que a terminasse.

— Marquez de Fronteira! — disse D. João V, sentando-se, e fitando o decrepito fidalgo encarregado do despacho dos negocios da Marinha — Em que termos vae o negocio do capitão Norris? Diogo de Mendonça, expediu, como lhe ordenei, a nota ao governo inglez, pedindo prompta satisfação do agravo, e plena reparação da força? Cortar os mastros de um comboio da Bahia para salvar a sua corveta foi um grande atrevimento!

Em quanto o marquez combatia um ataque de tosse que o suffocava, o secretario de Estado, inclinando-se, respondia:

— Sim, meu senhor. A nota foi expedida logo...

— Heide vel-a... Os inglezes andam muito altivos, muito senhores de si, mas em nossos mares havemos

de abater-lhes as soberbas. Nos meus reinos não quero quem julgue que pode tanto, ou mais do que eu. Marquez! Cumpriram-se as minhas ordens?

—Pontualmente, meu senhor! O capitão Norris ameaçou sahir a barra á força!...

—Ah! — interrompeu el-rei.

—Mas a Torre de Belem a tiro de bala obrigou-o a voltar para traz. Participei-lhe que as fortalezas metteriam a embarcação a pique se ousasse desobedecer...

—Muito bem! E elle?

—Teve de ceder.

—E fez bem! Cuidava que por ser filho do almirante Norris que tinha carta branca para todas as insolencias? Eu o desenganarei! A bandeira de Portugal não se offende sem prompto castigo. Seja quem for que se atreva! A corveta não sahe do Tejo em quanto eu me não der por satisfeito! — Agora nós, marquez de Abrantes! — exclamou Sua Magestade voltando-se para o obeso ministro, com a bocca cheia de riso, e certa malicia nos olhos.—Como vão as minhas obras de Mafra? Ha oito dias

que me não fallas d'ellas, e estou impaciente! Diogo de Mendonça é homem curioso e ha de ter ouvido alguma coisa. O que dizem os ministros estrangeiros do plano e da execução?

— Que é prodigioso, admiravel! Mas...

— Ah! Elles pôem um *mas?!*..

— Sim, meu senhor. No mundo não ha formosura sem senão.

— E esse *mas* em que consiste?

— N'uma bagatella. N'um quasi nada! Invenções de maldizentes! Não vale a pena repetil-o!

— Repita sempre!

— Vossa Magestade manda? Absolve-me da ousadia quasi sacrilega de ser aqui o echo de taes vozes?

— Faço mais. Mando que o seja!

— Pois dizem, que não ha em Portugal e na Hespanha gente, nem dinheiro, para obra de tanto vulto! Loucos!

—Quando os tornar a ouvir, Diogo de Mendonça — redarguiu el-rei muito socegado — diga-lhes da sua parte, e da minha, se for preciso, que, se a obra é grande, o poder de el-rei de Portugal ainda é maior, e que não será preciso incommodar a Hespanha por tão pouca coisa.

— Isso mesmo respondi, acudiu o Secretario, e elles...

— Não acreditaram?... Verão e apalparão como S. Thomé. Passemos adiante e escutemos o marquez. Fez-se o alistamento dos mestres e operarios do reino, que podem andar na obra, como ordenei?

— Está concluido, meu senhor — retorquiu o risonho fidalgo enxugando o suor, e respirando alto e afogado como um baleote.

— E então?

— Podemos metter quarenta e sete mil oitocentos e trinta e sete homens, entre mestres, officiaes, serventes e trabalhadores....

— Quantos carros são precisos?

— Dois mil....

—Cuidei que seriam mais.

—Assim mesmo não ha carpinteiros! Estão tomados todos por Vossa Magestade. O ministro de França anda a pé. Não acha quem lhe concerte uma roda que se lhe quebrou da carruagem.

—Sinto! Mas Deus primeiro que os homens, e Mafra é para o serviço divino. Cuidado, marquez, não se lhe quebre tambem a roda da sua carruagem! Havia de incommodar-se muito a pé!

—Era quasi uma ordem de prisão, meu senhor. Eu a pé com esta minha agilidade!?

E o marquez, rindo de boa vontade, desafiou a alegria de el-rei e dos ministros.

—A quanto pode montar a folha mensal da despesa, se mettermos nos trabalhos toda a gente apurada no alistamento? Mandou fazer a conta?

—Sim, meu senhor.

—Diga!

—Sóbe a mais de quatrocentos contos...

—Bem! Encommendou ja os sinos?

— Em Paris. Estão-se fundindo.

— E os carrilhões?

— Anvers e Amsterdam encarregaram-se d'elles.

— E hão de custar?

— Cincoenta mil moedas de oiro!

— Duzentos e quarenta contos?!... — murmurou Diogo de Mendonça petrificado.

— Parece-lhe caro, Diogo de Mendonça? — acudiu el-rei, encarando-o sério, e convidando-o com a vista a responder.

— Caro?! Tudo é relativo. Mas...

— Falle sem receio. A verdade não me offende.

— Vossa Magestade é em tudo grande e sabio como Salomão.

— Deixemos Salomão e paremos em Mafra. Parece-lhe caro?

— Não, meu senhor! Nada é caro para a munificencia e grandeza de Vossa Magestade. O meu temor é outro...

— Qual?

— Que o real erario n'esta occasião não possa com os gastos! — E a physionomia do astuto Secretario cobria-se de um veu de tristeza habilmente simulada. Dir-se-hia que as lagrimas iam saltar-lhe pelos olhos.

— Ah! — tornou el-rei com severidade — Quer dizer com isso que nos julga pobres, ou quasi arruinados? É grave!

— Deus me livre de pensamentos temerarios, meu senhor! Pobres, arruinados, com o venturoso governo de Vossa Magestade?! Quem se atreveria a suppol-o, e muito mais a dizel-o? Nada! Nada!

— Mas então?...

— Vossa Magestade permitte?

— Diga!

— O senhor marquez de Abrantes dá licença?

— Estou ás suas ordens! — redarguiu o obsequioso fidalgo.

— Eu é que sou um humilde escravo de V. Ex.ª!

Duas perguntas só no interesse da verdade, e muito curtas. Quantos homens traz V. Ex.ª nas obras?...

— Doze mil.

— Não é nada. Doze mil!... E quanto se lhes deve!?... Se acaso se lhes deve alguma coisa...

O marquez fez-se branco; o riso stereotypado nos labios esmoreceu, e os olhos vaguearam incertos pelo aposento. Duas das roscas da opulenta barba homisiaram-se na gravata.

— Quanto se lhes deve?!... Assim de repente!...

— Conte V. Ex.ª por alto. Numeros redondos! Despreze, por quem é, as fracções.

— Devem-se cinco mezes de jornaes... dez aos empreiteiros... a cantaria lavrada... madeiras de fóra e da terra... Em maio, no ajuste de contas, a divida... eram dois milhões!

Acabando esta revelação dolorosa, o marquez nadava em um lago de suor, e todo o sangue lhe subira ás faces inflammadas. A sua afflicção era visivel.

— Dois milhões?! — repetiu el-rei, carregando o semblante e as palavras. — Dois milhões?! Acho muito para o que está feito. Em que se gastou tanto dinheiro, marquez?

— Gastou-se, meu senhor!... — murmurou o obeso ministro rouco de turvação e atado de enleio.

— Que se gastou vejo eu. Mas em quê?

— Em pedra, marmore, ferro, madeiras do Brasil e de fóra, salarios e encommendas... As contas estão promptas. Quer Vossa Magestade mandal-as examinar?...

— Não! Basta a palavra do marquez. Mas tome cuidado com os architectos e os mestres.

— Gastou-se, meu senhor! — atalhou o Secretario, acudindo em auxilio do marquez — As obras em toda a parte são o mesmo. Calcula-se a despesa e ellas sempre dobram os pés com a cabeça. Eu que o diga com os desgraçados muros da minha quinta! Nem os muros de Troia! Demais, o que são dois milhões em fabrica tão maravilhosa? Uma gota de agua no Oceano! Muitos milhões dispendeu Luiz XIV em Versailles e ninguem lh'o estranhou. Os monumentos custam caros, é pena! Mas sem elles nunca

houve reinado grande, e Mafra será a Versailles religiosa de Vossa Magestade!... Dois milhões?!... Quem não tem dois milhões? Um Estado, entende-se!?

— Mas, Diogo de Mendonça — observou el-rei, sorrindo e sacudindo as tiras de renda franceza com as pontas dos dedos — não achava, ha pouco, apertadas as circumstancias do meu erario? Parece-me...

— Que eu cahi em contradicção? É verdade! Parece! Mas eu me explico.

— Julga facil? — retorquiu el-rei acerando o sorriso.

— De certo, meu senhor, se a magnanimidade de Vossa Magestade me não desamparar!... Entrego a minha causa á sabedoria de Salomão.

— Muito bem! Está feita a dedicatoria, pode começar a obra...

— E sem exordio, meu senhor, que sempre enfastia!... A quanto montam os rendimentos publicos todos, alfandegas, tabaco, Sete Casas, Bulla, Casa da India, Sizas, almoxarifados, commendas, novos impostos, e quinto das minas? Se a memoria

me não erra, arrecadam-se tres mil oitocentos e oitenta e dois contos. Se me engano, aqui está o senhor marquez de Fronteira, meu mestre em tudo, e n'estas materias especialmente, que fará o obsequio de me corrigir...

—Foi o que se cobrou o anno passado—respondeu o conciso marquez entre dois frouxos de tosse.

—Excellente!... Vamos agora ao que importa, vamos ao Brasil, á nossa gallinha de ovos de oiro. É de lá que ha de sahir Mafra.

—Mafra do Brasil?!—exclamou D. João V, sorrindo-se para o marquez de Abrantes.—Que viagem, Diogo de Mendonça!

—Pois é assim mesmo. As minas de oiro e diamantes são o nosso Perú, o nosso Eldorado. Não abusemos, mas usemos do que já nos dão e do que nos promettem. Só do Rio de Janeiro este anno vieram de donativo trezentos mil cruzados para Vossa Magestade, e não fallo em nove milhões para os particulares, riqueza que fica no reino, nas cento e sessenta e oito arrobas de oiro despachadas, e nas treze mil e setecentas moedas cunhadas que se receberam! De anno para anno augmenta o manan-

cial abençoado! E haviamos de chorar-nos e dizer-mos que estamos pobres!? Santo Deus! Quem dera a el-rei de França a nossa pobreza!

—Muito bem, Diogo de Mendonça, mas n'esse caso o seu temor?!...

—Parece panico e absurdo a Vossa Magestade? De certo. As apparencias são contra mim. Serei tão feliz que as volte?... O erario pode com as obras, não o nego, Deus me livre! Mas pode mais de vagar. Não vamos tão depressa para não cansarmos...

—Ah! — disse el-rei — Começo a percebel-o e a achar-lhe razão.

—Sabe Vossa Magestade o que eu fazia no logar do senhor marquez de Abrantes?

—O que fazia?

— Amortisava a divida para não arrastar essa bala de ferro aos pés, calculava a despeza de cada anno, e não me afastava depois um ceitil do calculo...

— O conselho é bom. O que diz o marquez?...

— Que o teria seguido ha muito, se...

— Se eu lhe não desse tanta pressa?... Socegue. Iremos mais de vagar. De hoje em diante gaste só o que fôr rasoavel em cada anno, mas com largueza. De vagar, mas bem, entendamo-nos! Mafra é obra real, e quero que saia digna do fundador. Que horas deram?

— Dez e meia, meu senhor.

— Bem! Duas palavras ainda e vou para a audiencia. Diogo de Mendonça, fazem-me grandes queixas!

— De quem, meu senhor? Os meus inimigos são capazes de tudo! Será de mim? Ah! Não os acredite Vossa Magestade!...

— De Diogo de Mendonça, de sua Eminencia... Do marquez de Fronteira, do marquez de Abrantes e até de el-rei...

Os quatro ministros olharam uns para os outros perplexos, e depois cravaram silenciosos a vista em el-rei.

— Querem saber de que são accusados? Nada mais justo! — proseguiu D. João V serio e pausado — Comecemos pelo mais culpado. Diogo de Mendonça...

— Oh! Este golpe é para exasperar um santo! Malvados! Representaram-me a Vossa Magestade, aposto, como um ministro odioso, remisso, inepto...

— Nem tanto, nem tanto! Não corra adiante d'elles que faz mal. Essa confissão geral...

— Disse Vossa Magestade muito bem. É uma confissão geral. Commetti e commetto erros todos os dias. Quem os não commette?... Mas crimes?!... Estremeço!... Crimes!... Aonde estão os calumniadores da minha innocencia para os confundir?!...

— Tranquillise-se.

— Estou tranquillo, meu senhor. Sereno como a minha consciencia. Só uma graça peço a Vossa Magestade. Seja severo commigo. Não me poupe, se pequei contra o seu serviço...

— É a minha intenção. Ouça! Dizem que Diogo de Mendonça não ouve os requerentes, que zomba d'elles, e os traz semanas, mezes, e annos arrastados pelas suas audiencias.

— *Mea culpa! Mea maxima culpa!* É verdade, meu senhor.

— Ah!... Os ministros estrangeiros affirmam que Diogo de Mendonça é primoroso nas maneiras, ameno e agradavel no tracto...

— São favores que lhes não mereço! Mas *latet anguis!* A fréchada não vem longe. Entre as flores o escorpião! Conheço-os.

— E não se engana — ajuntou el-rei sorrindo — Depois dos louvores as queixas. Notam que os traz illudidos com boas palavras, e que tudo dorme na sua secretaria.

— É verdade. Porque não accrescentam que o secretario de Estado resona e jaz entorpecido no somno de Epimenides. Como andam vigilantes os gansos do Capitolio! Santo Deus!

— Se não o dizem dão-o a entender.

— E o consul francez, Mr. de Montagnac, aquelle meu grande admirador, não acode em minha defeza com a verdade?!... — atalhou o ministro adivinhando donde partira o tiro.

— Sinto dizer-lhe, Diogo de Mendonça, o consul é um dos mais queixosos.

— Tambem elle! *Tu quoque Brute!* Ah, Senhor,

que theatro de ingratidões ferinas é a côrte! Se não fôra o serviço de Vossa Magestade... não me levantava de seus pés sem a mercê do meu desterro. Que affrontosa gallé! Ah, Sá de Miranda, meu poeta philosopho, aonde estão hoje os teus homens de um só rosto?! Partiram no hyppogripho para o reino da lua com o paladino Astolfo! *Rara avis!*...

— Não se altere, não perca a serenidade, Diogo de Mendonça! — atalhou el-rei, que a indignação comica do Ministro divertia — De certo houve exageração. Mas bom será que se acautelle...

— Que me acautelle, meu senhor!? Essa gente o que trama é a minha ruina. Vossa Magestade bem o percebe. A verdadeira culpa para elles é o meu nimio zelo e boa fé no serviço de Vosa Magestade. Eis o crime que me não perdoam. Enredadores!... Dizem que durmo sempre, e a aurora vem todos os dias achar-me sentado ao bofete! Que não despacho, e ha pouco examinei ainda tres pastas de papeis como esta!... Sabe Vossa Magestade o que os incita contra mim? É ser parco e sobrio da fazenda de Vossa Magestade. Se abrisse as mãos, e soltasse a flux tenças, habitos, alvarás de mercês e commendas para propor á real munificencia — uma chuva de oiro como a de Danáe — era um Deus, um Jove, para essas matilhas de requerentes esfai-

mados!... Não importa! levem embora a voracidade na minha reputação, entrego-lh'a, saciem-se! Mas no real erario!... só os que forem dignos, eu o protesto. Clamam que os trago arrastados pelas audiencias? Elles é que me arrastam a mim, pobre! e nem uma hora me deixam para a meza e para os meus livros! Zombo?! Justiça divina! Queriam que os despedisse com sete pedras na mão? Não vale mais um *não* a rir, que *dois sins* á má cara e com arremessos? Ingratos!...

— Bem! Bem! Diogo de Mendonça, estou quasi satisfeito. Logo entendi que havia exageração. Depois fallaremos mais de vagar. Todos temos inimigos...— E D. João V reprimia a custo o riso.

— E os meus são incansaveis, senhor — redarguiu o manhoso ministro socegado por dentro, mas na apparencia inquieto e perturbado.

— Pois ainda o poupam. Se soubesse o que murmuram do cardeal da Cunha e do marquez de Abrantes?...

Os dois accusados ergueram-se como se uma mola os fizesse saltar repentinamente.

— De mim! — exclamou o prelado empallidecendo de colera.

— De nós! — acudiu o marquez abafando de sobresalto e paixão.

— Sim, de ambos. A sua eminencia quasi que o pôem por simoniaco, e ao marquez por concussionario! Que lhe parece, Diogo de Mendonça?

— Que os dentes acerados da calumnia não ha veneno que não babem! Que horror!

— E accrescentam que o cardeal na sua soberba faz pouco caso da minha auctoridade, e até escarnece d'ella, dando-se por um rei pequeno, e que o marquez está concertando o seu palacio á custa das minhas obras de Mafra...

— Senhor — interromperam os dois suffocados.

— Já vê, portanto, Diogo de Mendonça, que os seus descuidos são culpas veniaes...

— Pois Vossa Magestade acredita?... — atalhou o marquez, triste, commovido, mas cheio de dignidade.

— Não, marquez, não acredito. Sei, pelo contrario, que longe de desfalcar a minha fazenda, tem supprido com a sua algumas despezas... O que agrade-

ço, mas lhe prohibo que repita. O meu dever era indagar a verdade e indaguei-a. Socegue, cardeal! Sei que são tudo aleives. Nunca receiei uma usurpação da minha coroa da sua parte, nem lhe suppuz a arrogancia despotica de um Richelieu. De mais, todos sabem que o rei sou eu, e que não admitto Mazarinos no meu governo!... A proposito, Diogo de Mendonça, não tem novidade nenhuma que me dar, que se ligue com o que acabo de dizer?...

— Novidades, eu, meu senhor?! Nenhuma!

— Veja bem. Novidades, e estrondosas!

— Da Europa?

— Frio! Frio!...

— Da côrte?

— Quente! Quente!...— continuou el-rei sorrindo-se e repetindo os termos sabidos do jogo infantil das escondidas.

— Ah! Já sei a que Vossa Magestade se refere...

— Graças a Deus!

— Vossa Magestade falla da rixa insignificante dos fidalgos moços...

— Diogo de Mendonça, — interrompeu D. João V, severo—não troque os nomes ás cousas. Não foi uma rixa insignificante, foi uma assuada, e um desacato da minha auctoridade.

O secretario mordeu os beiços. El-rei estava informado.

— Não me disfarce a verdade, é inutil. Sei tudo. Não eram trinta os fidalgos moços? Não arrancaram do poder da justiça os creados de Luiz Cesar de Menezes, obrigando o corregedor a soltal-os?

— É exacto, meu senhor! Exactissimo! — replicou o ministro confuso e mastigando as palavras.

— Bem! O que fez? Estão punidos os culpados?

— Punidos? Sabe Vossa Magestade que entre esses fidalgos havia vinte condes e dois marquezes?

— Sei. E depois?

— Depois!... Como não tinha recebido as ordens de Vossa Magestade...

—Porque as não pediu?

—Porque entendi que seria melhor fechar os olhos, do que inquietar tantas familias nobres por causa de uma verdadeira rapaziada.

—Começando, como bom parente, pela sua familia? Pois entendeu mal.

—Pela minha familia?! Pois meu filho!... É impossivel.

—Seu filho não, mas seus sobrinhos e os do cardeal!... Diogo de Mendonça, quanto de mais alto vierem os maus exemplos, tanto peior, porque mais necessario se torna o rigor. Não quero que os fidalgos moços distraiam a ociosidade espancando as minhas justiças, nem que estas se dobrem senão diante da lei. Tenha-o entendido! Meu avô precisou dos fidalgos e temeu-os; meu pae serviu-se d'elles e conteve-os; eu nem os temo, nem os adulo! Castigo-os como vassallos. Ponha em uma lista os nomes de todos os culpados e apresente-m'a. Seus sobrinhos e os do Cardeal da Cunha que sejam os primeiros!... Como não sabem viver na minha côrte, irão aprender nas provincias o temor de Deus e da minha auctoridade. Eu designarei as terras para onde os mando desterrados.

O corregedor seja demittido pela fraqueza commettida em lhes ceder, e, Diogo de Mendonça, expeça uma circular á nobresa relatando o delicto e a punição para servirem de lição e de aviso... Acompanhe-me á audiencia. Cardeal, recommendo o meu capellão, Fr. Polycarpo, para o primeiro beneficio simples que vagar. Marquez de Fronteira, um d'estes dias tem-me a bordo da charrua nova. Marquez de Abrantes, prepare-se! Para a semana irei a Mafra. Quero ver por meus olhos como delapida no seu palacio os milhões das minas do Brasil.

O sorriso ameno explicava a ironia das palavras. O obeso marquez inclinou-se cheio de gratidão, e seguiu el-rei. Momentos depois D. João V entrava na sala do docel, e sentava-se a escutar as supplicas dos subditos. Alguns passos atraz, abaixo do ultimo degrau do throno, Diogo de Mendonça recebia das mãos do soberano os requerimentos.

A vista do principe descobriu logo no primeiro relancear o alferes Paulo de Azevedo entre os requerentes, que vinham ajoelhar-se por sua ordem diante do estrado real. Era o quinto. Tinha á direita a eterna e circumflexa figura do senhor Tristão Cornelio, e á esquerda a pessoa não menos teimosa do poeta dos sonetos. Quando tocou ao mancebo a sua

vez, emquanto atravessava a sala em toda a largura, el-rei voltou-se com um sorriso frio para o Secretario de Estado, e disse-lhe:

— Conhece este official?...

— Como as minhas mãos. Tenho a desgraça, ou a felicidade, senhor, de saber de cór as feições de todos os meus perseguidores.

— Se não me engano, temos mais uma das harpias de que fallou ha pouco. Para lá lh'a remetto. Salve o meu erario.

Paulo acabava a sua terceira cortezia, e levantava os olhos. De repente fez-se pallido e estremeceu. O rosto e os gestos de el-rei eram quasi os do desconhecido, que encontrara duas vezes por noites tempestuosas na rua da Padaria. Sómente não se lhe espraiava nos labios o sorriso alegre e espirituoso, que dava tanta expressão á sua physionomia. D. João V carregara de uma nuvem o semblante, descendo o que elle chamava a sua viseira. A voz e a vista eram severas quando o interrogou.

— Como te chamas?

— Paulo de Azevedo.

— És militar?

— Sou alferes, senhor.

— O que pedes?

— Justiça, meu senhor!

— Ha quanto tempo?

— Vae em nove mezes!...

— Fallaste ao Secretario d'Estado?

— Hoje mesmo.

— E elle?!...

— Mandou-me para a audiencia de Vossa Magestade...

— Ah! Pois torna a fallar-lhe...

— Senhor!... Minha mãe está paralitica...

— Sei tudo. Falla ao Secretario... Logo! Aqui mesmo, ao acabar a audiencia.

— Mas elle manda-me outra vez ajoelhar aos pés de Vossa Magestade!

— E tu?... — disse el-rei, baixando a voz e sorrindo-se.

— Eu, senhor, — acudiu o alferes, sorrindo tambem como quem percebera — eu!... Supplico a Vossa Magestade...

— O que?!

— O meu perdão, se cumprir a promessa feita no Caes da Pedra.

— Veremos!

— Bom sangue não mente.

— Bem. Falla-lhe!

E despedindo-o com o gesto esperou que o compasso das longas pernas do senhor Cornelio Tristão medisse lenta e solemnemente toda a largura da sala. A cara de Diogo de Mendonça tornou-se uma nenia tragi-comica em presença do requerente ressuscitado.

A audiencia correu breve. Terminada ella, disse el-rei duas palavras ao ouvido do Secretario, e acenou a Paulo que podia aproximar-se. O astuto cortezão, serio e grave por fôra, era todo riso e malicia por dentro.

N'este instante entrava na sala o famoso juiz do crime Caetano José da Silva Souto Maior.

— Recebeste as minhas ordens? — perguntou D. João V, apartando-se com elle.

— Quaes, meu senhor, as de hontem, ou as de hoje?

— Ambas!

— N'esse caso ignoro metade. Não recebi ainda aviso nenhum esta manhã. Saberei da bocca de Vossa Magestade...

— Bom! É sobre as freiras de Odivellas... Logo te direi. Agora espera e escuta! Prometto que has de rir.

— Repito! — exclamava o Secretario de Estado, levantando a voz, e repellindo com a mão o alferes — Falle a el-rei!

— Mas el-rei mandou-me para V. Ex.ª!...

— Não sei. E eu remetto-o para Sua Magestade!

— V. Ex.ª faz de mim péla? Joga-me de sua casa para o paço e do paço para sua casa!?

— Já lhe disse. Falle a el-rei!

— Mas esta manhã mesmo não me deu esperanças?...

— Fiz mal. Falle a el-rei... e adeus!

— Ah! V. Ex.ª zomba, abusa da minha desgraça? Diver-te-se em me escarnecer e humilhar? Pois bem!... Achou homem! Perdido por um, perdido por cem! Sabe que mais, senhor Secretario de Estado?...

— Falle a el-rei!

— Não, senhor, não fallo. Rogo só a V. Ex.ª um obsequio.

— Diga.

— É facil. Deixe-nos a todos em paz e vá pentear monos para o Brasil. Não é officio pesado!

Uma risada alta de el-rei, e outra mais respeitosa do Camões, estalaram aos ouvidos atonitos do ministro. Diogo de Mendonça, que recuara, como se tivesse recebido uma punhalada ao escutar a supplica affrontosa, destacou um olhar subrepticio para o

vão da janella, donde D. João V e o Camões assistiam ao espectaculo como de um camarote, e suspeitou logo que n'esta comedia lhe fôra distribuido, sem elle o saber, o papel pouco agradavel de Geronte.

O riso em frouxos suffocava el-rei. No juiz do crime a hilaridade contagiosa era tão forte, que lhe custava a comprimir a explosão das gargalhadas. Paulo de Azevedo, direito e com a mascara da submissão hypocrita afivelada no rosto, dava todo o relevo possivel ao sainete.

Por um instante o Secretario esteve a ponto de esquecer a serenidade usual, e de pôr termo ao episodio por um modo aspero e repentino. Conteve-se, porem, e a sua phisionomia respondeu á malicia encoberta com um sorriso acido e travesso, que parecia dizer: De quem estarão elles escarnecendo aqui?

Esta innocencia affectada, obra prima de sua artificiosa dissimulação, deixava-lhe ainda alguns trunfos na mão. A partida podia seguir. Não a entregava.

— Que ousadia! — bradou fulminando o alferes com a vista e figurando-se injuriado — Perdeu o si-

so? Que é feito da boa educação, que seus paes lhe ensinaram, e que tão bem lhe ficava? Santo Deus!... Mandar o secretario de Estado pentear monos, bugios horrendos, para o Brazil!? Sabe o que disse? Sabe aonde está, desgraçado? Retire-se dos meus olhos. A indignação suffoca-me. Conte com um castigo exemplar!... Saia.

— V. Ex.ª dá licença? — atalhou Paulo muito sereno.

— Não senhor, não dou.

— É o mesmo, tomo-a eu. Tanto faz preso por cem como por mil.

— Ah! Contenha-se, não aggrave a sua sorte. Veja onde está.

— Sei muito bem. Estou no paço, e levantei-me dos pés do melhor dos monarchas para cahir no meio das risadas e esgares do primeiro comico d'estes reinos.

— Insolente!... Em que se fia?

— Não se agaste. Não se ponha serio que perde muito.

— Senhor Paulo de Azevedo, cuida que a paciencia humana é sem limites? Santo Deus! Estou maravilhado da minha equanimidade. É inacreditavel!...

— E a minha paciencia em supportar nove mezes as suas miliciosas distracções o que lhe parece que terá sido?...

— Valha-o Deus!... Porque senão retira?... Compadeço-me do seu estado...

— Muito agradecido. Sáio já, mas rogo encarecidamente a V. Ex.ª...

— O que?

— Que não nos faça a todos nós o obsequio que esta manhã pedia em sua casa ao requerente magro, a Tristão Cornelio. Pelo amor de Deus não morra, Ex.mo senhor, para alegria e regosijo d'estes reinos!

Novas e repetidas risadas de el-rei, acompanhadas pelo Camões uma oitava abaixo, avisaram o ministro de que n'esta scena, ensaiada antes, a parte de victima, representada por elle á força, offerecia saboroso pasto á hilaridade de D. João V., e que em breve, divulgado o caso por toda a corte, o seu no-

me serviria de alvo á irrisão dos inimigos, dos indifferentes, e até dos affeiçoados. Era indispensavel quebrar quanto antes o circulo vicioso, e sahir do mau lance com alguma vantagem pelo menos.

— Tenho piedade do seu delirio e magoa-me a necessidade de o punir — disse revestindo-se de toda a gravidade.

— Mil graças por tanta misericordia! — tornou Paulo ironico.

— Escute! Já desabafou? Já disse tudo? Sente-se mais aliviado? Pois tome o meu conselho: vá-se embora, e creia...

— Que heide continuar a ser o palito delicioso das horas de recreio de V. Ex.ª? Muito obrigado pelo conselho!

— Olhe bem o que faz! Se tem ainda uma gota de fel no coração, lance-a, mas cuidado, não trasborde a taça.

— Estou preparado para tudo. Se V. Ex.ª se vingar, consolar-me-hei na prisão, rindo dos bons ditos do senhor Diogo de Mendonça. V. Ex.ª de hoje em diante será a minha alegria em toda a parte. Por

quem é, senhor! Não nos deixe senão aos oitenta annos, e conserve esse rosto e essa mimica inimitavel. Vale por todos os mestres de comedias!...

— Retire-se! cada minuto custa-lhe um mez de carcere!

— Nos papeis de tyranno é que V. Ex.ª não vae tão bem. Não admira. A sua vocação é para o riso.

— Retire-se, e espere pelas ordens de Sua Magestade — exclamou o ministro elevando a voz.

— Agora sim, senhor! Retiro-me, porque invoca o nome sagrado de Sua Magestade, El-rei Nosso Senhor. Mas ainda hei de voltar. Quero, sr. Diogo de Mendonça, que V. Ex.ª conheça por experiencia propria, que o officio de fazer rir á custa alheia tambem tem ossos... Se podesse ver no espelho a figura que está fazendo, disparando beliscões na sombra!... Não importa, supponho que forma ideia, e é quanto basta. Até á vista, senhor secretario de Estado.

E inclinando-se com respeito ironico deante do ministro estupefacto, Paulo escoou-se da sala quasi animado pelo côro de risadas, com que D. João V e o Camões celebravam a derrota do secretario.

Este, apesar do seu desafogo, e alacridade natural, tremia de colera, e sentia-se banhado em suor. O espectaculo que acabava de dar, era um supplicio insupportavel para o seu amor proprio. A serenidade usual desamparou-o, e obsecado pelo resentimento veiu a passos lentos ajoelhar-se aos pés do soberano, dizendo:

— Senhor! Aquelle militar desbocado deshonrou na minha pessoa a coroa de Vossa Magestade. O affrontado não fui eu. Perdôo-lhe tudo, tudo, menos a injuria do meu rei!...

— Socegue, Diogo de Mendonça! Tudo se ha de compor. Que boa scena. Ia morrendo de riso. Perfeitos! Perfeitos ambos!...

— Senhor! — exclamou o secretario mordendo os beiços de raiva.

— O rapaz ha de expiar o atrevimento. Confesse que teve graça. Não esperava tanto.

— Graça pesada, meu senhor! Perdôo-lhe da minha parte, e se não fosse a dignidade ultrajada do throno...

— Pedia-me que perdoasse eu tambem? Tran-

quillise-se! Não hei de ser menos clemente. Que o castigue só o remorso.

Diogo de Mendonça recuou espantado. A longanimidade de el-rei, sempre severo em casos semelhantes, acabou de lhe abrir os olhos, e espirituoso, como era, não quiz ao menos perder a nota de bom parceiro. Erguendo-se e beijando a mão do principe, disse compungido e na apparencia satisfeito:

— Vossa Magestade nasceu para offuscar os Titos e os Antoninos! Coitado do rapaz! Aquillo n'elle era paixão. Se podesse valer-lhe...

— Talvez possa. Veja-lhe os papeis e despache-lhos até amanhã. Quebremos o fadario ao pobre alferes.

— Ah! Ah! — murmurou comsigo o ministro — Agora percebo. Era lance feito e eu cahi... como um nescio.

— Tome interesse pelo negocio e vingue-se fazendo bem ao detractor da sua jovialidade — acudiu D. João V. rindo.

— Sim, meu senhor! Basta a alta intercessão que o cobre. Vossa Magestade permitte-me, porem, uma replica?

— Diga!

— Não revele o segredo d'esta nova entrada da sua munificencia aos outros requerentes. Senão em oito dias fazem de mim Judas dos rapazes.

— Descanse! Ficará entre nós! Palavra de rei! De mais, Diogo de Mendonça, leva o caso tanto de leve, que merece uma desforra. Se quer ser o ultimo que ria, como dizem os francezes, venha amanhã commigo a Santa Clara. Passo revista ao regimento de infanteria de Antonio de Moura, e ha de succeder uma coisa que o divertirá... Agora nós, Caetano José da Silva. É tempo de fazermos recolher ao redil as ovelhas desgarradas de Odivellas.

VIII

Ocios de um rei e perplexidades de um ministro

O convite feito por el-rei a Diogo de Mendonça para o acompanhar no dia seguinte a Santa Clara, era sincera promessa de desforra, ou continuação do gracejo, de que o fizera paciente na sala de audiencia? O astucioso ministro não acertava com a verdadeira significação ligada pelo soberano ao passeio annunciado com tanta emphase. Conhecia assaz o Salomão portuguez para não se illudir com apparencias. Sua Magestade, quando queria divertir-se, não poupava amigos nem validos. Mais de uma vez o tinham aprendido á sua custa as pessoas de maior intimidade, e até o venerando confessor, o padre Francisco Pedroso, da congregação do oratorio.

O que affligia sobre tudo o secretario de Estado era o receio de se vêr exposto a chascos e remoques. Um regimento de soldados por auditorio, parecia-lhe, pela estrepitosa publicidade, areopago demasiado, rude e copioso para scenas como as que el-rei delineára no dia antecedente.

Ignorava que adversarios iria encontrar, ignorava, egualmente, o pretexto da cillada presentida, e como espirituoso e afeito a rir de todos e de tudo, custava-lhe a resignar-se a offerecer o amor proprio desarmado em holocausto aos beliscões dos victimadores anonimos, que a malicia do monarcha podia desencovar para supplicio da sua vaidade. Era cortezão, porem, e desejava conservar a privança. Faltar fôra decahir talvez do agrado e incorrer na accusação de fraqueza. Antes sahir do segundo conflicto crivado de setas e abysmado de ridiculo, do que immolar a dignidade propria, a boa sombra e os sorrisos do principe. D. João V sabia ser rei, e costumava galardoar, como serviços, as condescendencias e os actos de contricção burlesca nos que elegia para o agradavel officio de estimulos vivos da sua hilaridade.

Pesado, pois, assim o pró e o contra e tomada a resolução de afrontar até os sonetos satyricos do Camões e os dialogos irritantes do alferes, o minis-

tro, como precaução hygienica, principiou por desafogar a bilis atrazada sobre a cabeça impenitente do velho porteiro Milciades. Mandando comparecer o preto, ainda embrutecido pelos abusos alcoolicos da noite passada, saudou-o com uma surriada medonha de maldições e ameaças, que o fariam branco de medo, se acaso o perro Milciades em sua longa vida houvesse nunca incorrido nas fragilidades dos animos timidos. Aprumado, hirto, e immovel diante do senhor, o negro, com uma das mãos no bolso dos calções, e a outra estendida até ao joelho, com o olhar estupido e pasmado, aparava impassivel as admoestações e os gestos dramaticos do amo. Dir-se-hia uma estatua apeada do pedestal.

Cansado por fim de declamar contra aquelle penedo humano, e irado com a mudez do delinquente, o ministro adiantou-se e sacudiu-o pelo hombro. Recuou porem, assustado. O preto, como se fosse um manequin, vacillou, perdeu o equilibrio, e deixou-selhe cahir todo em peso nos braços. Estava ebrio mortal de somno, e o seu espirito afogado em agua-ardente nadava a mil leguas de distancia do sermão, que lhe dedicára o secretario. Diogo de Mendonça, nada satisfeito com esta pouco *formosa carga*, mas suffocado em riso de si mesmo pelo papel que estava representando, deixou escorregar brandamente, até o pousar no chão, o corpo inerte de Milciades, e en-

colhendo os hombros, tocou a campainha para mandar remover do gabinete o porteiro incorrigivel, votando-o apenas acordasse a um castigo exemplar.

O prologo era asiago. Se o aguardaria no paço rasgo ainda mais comico? Que remedio! Não podia fazer esperar el-rei, nem desculpar-se com simulada doença. Sua Magestade seria capaz de punir o arteficio, entregando-o á medicina executiva dos facultativos da sua real camara. Antes dez, cem, duzentas risadas, do que os causticos, as unturas, as sangrias e as beberagens da douta corporação!

— *Deus super omnia!* murmurou com um suspiro, acabando de envergar a casaca e de afivelar o cinto do espadim.

Tres minutos depois respondia com um aceno protector á cortezia de thesoura do porteiro da canna, e entrava na sala do despacho. Encontrou já firmes no seu posto os dois marquezes, de Fronteira e de Abrantes, e o seu successor no secretariado das Mercês, Bartholomeu de Sousa Mexia.

— El-rei não tarda — acudiu o obeso inspector das obras reaes de Mafra, incansavel na fadiga improba de esponjar a testa com o lenço.

— Sua Magestade já perguntou duas vezes pelo

sr. Diogo de Mendonça! — observou do outro lado o outro decrepito fidalgo, sepultando no lenço dois frouxos de tosse.

De feito, como se algum espia de atalaya o tivesse avisado, apenas o secretario terminava os comprimentos usuaes, franziu-se o reposteiro de veludo, e a figura esbelta de D. João V appareceu no limiar de uma das portas. Por traz d'elle, todo gravidade e reflexão, o Camões do Rocio apunhalava com a vista ironica e gravida de reticencias malignas, os quatro personagens, cujo dorso, arredondando-se com pericia palaciana, se dobrava á genuflexão ceremoniosa. Diogo de Mendonça, quando volveu do mergulho aulico á posição vertical, correndo os olhos vigilantes pela sala e pelo rosto de todas as pessoas que o rodeavam, estremeceu. Na cara do juiz do crime leu uma odyssea tão complicada de aventuras, que o terror lhe segredou logo ao ouvido ser muito natural que o Camões fosse o ponto na comedia ensaiada, e que na distribuição das partes a sua não peccasse por excessivamente lisonjeira.

— Bem vindo, Diogo de Mendonça — exclamou el-rei — para madrugar acordou tarde! Acommetteram-o os perseguidores do costume? Como rompeu o bloqueio? Se pudesse adivinhar a curiosa historia que acaba de nos contar o Camões!? Para castigo

da sua demora prohibo-lhe que a repita... Ah! como vão os marquezes? Cada vez mais sadios e zelozos? Hão de acompanhar-nos hoje a Santa Clara. Prometti ao meu secretario de Estado uma desforra, e palavra de rei não volta atraz. Caetano José da Silva Sotto Maior! Vai depressa aonde te mandei e traze o frade, a rapariga e o carcunda. Determinei fazer hoje de Califa de Bagdad; e espero tirar-me do lance tão bem, ou melhor do que elle. Temos meia hora para o despacho—accrescentou sentando-se e comprimindo com a mão os bocejos invenciveis — Comecemos pelo principio. Diogo de Mendonça, o que ha?

— Grandes novidades, meu senhor!

— Novidades novas? O conde de Tarouca mandou por fim as cabelleiras de Hollanda que eu encommendei? Vieram de Pariz as casacas e o fato?

— Veio tudo, graças a Deus, saberá Vossa Magestade!

— Ora pois! Cuidei que os navios tinham ido a pique. De que procedeu tamanha demora?

— Do mau tempo, senhor!

— É verdade. Coisa celebre! Em eu tendo impa-

ciencia d'uma coisa rebentam logo os temporaes. Se os meus poetas não fossem uns aduladores, e o poderoso rei que elles cantam não fosse um simples mortal...

—Mandava Vossa magestade pôr o mar como estanho n'estas occasiões? Infelizmente, perante Neptuno todos somos eguaes.

—Infelizmente! Diz bem. Mas que novidades são essas suas que o alvoroçam tanto? Vejo-lhe cara de grande gala na realidade.

—Se não pedi ainda alviçaras a Vossa Magestade, é pelo meu nimio desinteresse.

—Ah! Então o caso parece-lhe digno de alviçaras? Bem! Se o for... conte com ellas. Mas tire-nos do limbo. O que foi?

—Entrou a frota do Brazil...

—Já sabia. Até ahi a novidade é velha.

—Vossa Magestade o dirá depois de me ouvir.

—Está-nos queimando a fogo lento.

—Sabe Vossa Magestade o que fez o conde de Assumar?

— Pedro de Almeida?...

— Sim, meu senhor — Accrescentou aos quintos da coroa cinco arrobas de ouro todos os annos na sua capitania de Minas. Está Vossa Magestade mais rico e nós todos mais felizes. A Providencia favorece com tão visivel protecção este grande reinado, venturoso como o de D. Manoel...

D. João V escutou a boa nova sem mudar de semblante. Sereno e placido, agradeceu-a com um sorriso sem o menor transporte de alegria ostensiva. Mas a vista brilhante dizia o jubilo interior, que o orgulhoso monarcha dissimulava.

— Marquez de Abrantes! Conte com mais alguns mil cruzados para as nossas obras de Mafra, — ajuntou depois de breve pausa — Diogo de Mendonça, devo-lhe um presente de alviçaras. Lembre-m'o se me esquecer. O marquez de Fronteira não terá tambem uma noticia agradavel para nos dar? Esta manhã vae correndo tão bem, que sou capaz de apostar que sim.

— De certo. Peço tambem alviçaras, meu senhor!

— Não o dizia eu?!... Porque?...

— Pelas tres victorias ganhas pela armada da

India, mandada de soccorro ao persa pelo conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes...

— Tres victorias! — exclamou el-rei, pondo-se de pé, animado e altivo. — Tres victorias?! E estava calado! O marquez cuida que estamos na republica romana, aonde as victorias eram vulgares?

— Vossa Magestade sabe que eu nasci...

— Em Lisboa? Perfeitamente — interrompeu D. João, sorrindo. — Vamos ao que importa. Vamos ás batalhas navaes!

— Os inimigos perderam mil e quatrocentos homens, duas naus das maiores, e a capitania de oitenta peças mettida a pique...

— Bem! Bravo! — atalhou Diogo de Mendonça affectando, a exemplo do rei moço, um accesso irresistivel de enthusiasmo. Depois o habil actor, fingindo cahir em si, e reportar-se, acudiu logo: — Mil perdões, meu senhor! Faltei ao respeito devido a Vossa Magestade, mas!... Sirva-me o motivo de desculpa!

— Não estranho, Diogo de Mendonça, louvo a sua exaltação. É de bom portuguez e de leal vassal-

lo. Note como o marquez de Abrantes está contente. Parece que foi elle o ditoso capitão!

Diplomata fino em todas as evoluções da côrte, o marquez, sem fallar, soubera dar tal expressão de jubilo e de beatitude ao rosto, que não ficara inferior calado á proclamação estrondosa do Secretario.

— Marquez de Fronteira! — proseguiu el-rei. — Sou tão feliz, que lhe devo tambem alviçaras. Quem governava as minhas armas na peleja naval? Não era D. Lopo José de Almeida? Bom sangue! Quero significar-lhe por um acto da minha munificencia, que o rei em toda a parte vê e recompensa os feitos illustres...

— As campanhas de D. Lopo, senhor, — observou o Secretario de Estado — estavam acabadas antes d'estas gloriosas victorias, de que fôra digno o seu grande valor... Deus tinha-o chamado para si.

— Quem derrotou então os arabes nos mares da Persia? — interrogou el-rei.

— Foi Antonio de Figueiredo Utra, almirante da esquadra — disse o marquez de Fronteira com a sua placidez sem egual. — O Vice-rei, quando elle se recolheu a Goa com avultadas sommas, pagas pelo

Schah da Persia, por conta dos direitos do Congo, deu-lhe o fôro de fidalgo...

— É pouco! — atalhou el-rei — Quero fazer-lhe tambem mercê do habito de Christo e de uma tença... Tome o marquez sobre si estas ordens e faça-as expedir. Diogo de Mendonça, são horas. O regimento de Antonio de Moura espera por mim em Santa Clara.

— Que espere. Não é Vossa Magestade o rei?

— Mas a pontualidade é a cortezia dos soberanos. O dito veio de Luiz XIV, como sabe.

— Grande monarcha! Para onde manda Vossa Magestade que ordene aos fidalgos moços implicados na assuada dos criados de Luiz Cesar de Menezes, que vão penar o seu desterro da côrte? — acudiu o astuto ministro, aproveitando esta hora de felicidade para fallar de castigos, na esperança de os minorar.

El-rei sorriu-se. Tinha-o entendido.

— Estão todos presos?

— Sim, meu senhor. Os primeiros foram meus sobrinhos e os do Cardeal da Cunha.

— Bem! Heide mostrar-me clemente, mas não quero ser tambem remisso na justiça. Mande seus sobrinhos para Mafra, e os do Cardeal para Torres Vedras.

— Por quantos annos determina Vossa Magestade?... — A reticencia e o semblante do Secretario compunham uma elegia.

— Annos!? — interrompeu D. João V, desatando uma risada. Depois, contendo-se e mudando de tom, ajuntou: — Tem razão. Espancar as minhas justiças foi espancar-me a mim, e D. João II, mais severo, se bem me lembro...

— Esqueça-se Vossa Magestade, pela sua magnanimidade, d'esses exemplos! Reis que matam os primos por suas mãos não devem servir de texto a soberanos generosos. Deus nos livre de costumes gothicos. Santa Virgem!

— Pois bem. Proponha, Diogo de Mendonça. Louvo-me no seu voto.

— Sou suspeito, meu senhor. Dispense-me Vossa Magestade!

— Não dispenso.

— Não fallou Vossa Magestade em annos?!...

— Não! Foi Diogo de Mendonça. Mas se entende que o delicto merece...

— Eu, meu senhor, não entendo nada! Prouvera a Deus que pudesse, pelo serviço do meu principe, ostentar aquella firmeza cruel do primeiro Bruto... Não posso. O coração é fraco, é de carne, e não de ferro...

— Muito bem! Não fallemos mais em annos. Quantos mezes?

— Serão pouco seis? — insinuou o Secretario em voz melliflua.

— Pois sim. Proponha seis, e eu, usando do meu poder real, e attendendo aos seus serviços e aos do Cardeal, commuto-os em seis semanas, mas por esta vez sómente. Uma semana por cada mez. Está contente?

— Vossa Magestade é um Trajano, um Antonino!

— Tudo o que quizer, mas acabemos. Morreu alguem na assuada?

—Não, meu senhor! uma orelha de menos, e dois braços quebrados foram todo o estrago da batalha.

—Então houve menos do que se disse. Estimo. Se os culpados se arrependerem... auctoriso-o a chamal-os no fim de tres semanas de penitencia. Acha que elles terão emenda?

—Pois não hão de ter, meu senhor! É o que faltava, depois de Vossa Magestade os cobrir com a sua clemencia. Rapazes! Rapazes! Pobres dos paes e dos tios!

—Ande lá, Diogo de Mendonça, que nunca esperou tiral-os tão de leve das mãos das minhas justiças! Custou-lhe, mas venceu. A occasião não podia ser melhor. Vamos! Esperam por nós em outra parte.

D'ahi a pouco, seguido de uma escolta de cavallaria e dos vehiculos, assaz desairosos, dos marquezes, do Secretario de Estado e dos dois camaristas de semana, o coche real rodava para o campo de Santa Clara, aonde a presença do soberano era aguardada com alvoroço por officiaes e soldados. Minutos antes tinha chegado o Camões do Rocio em uma sege, e logo apoz Fr. Polycarpo e Rita haviam saltado de

outra, crusando-se quasi com os dois quadrilheiros, que traziam ainda tonto e esvaido de medo o honrado carcunda Braz Topete, cujos olhos desvairados parecia buscarem com sobresalto na praça o vulto lugubre e tetrico da forca. Os dois Cyreneos da victima gibosa dos ultimos acontecimentos da rua da Padaria, eram nada menos do que os virtuosos agarradores Longuinhos e Judas Machabeo.

Depois de curtos instantes de conferencia com Antonio de Moura, chamado de parte, e de repente rejuvenescido pelo dialogo prasenteiro do magistrado, o Camões entrou com o dominico e sua irmã para uma das salas do quartel, emquanto os dois esbirros á porta continuavam a estultificar o carcunda, rosnando a meia voz, com voluntaria indiscrição, confidencias que o gelavam de terror. Nos grandes crimes de estado, notavam elles, algumas vezes as balas de um pelotão substituiam a corda, e agora podia muito bem succeder... A reticencia quasi que enlouqueceu o desditoso Braz Topete. Por cumulo de desgraças, levantando os olhos, descobriu a poucos passos de distancia a comadre Angelica, de olhos espetados e mãos postas. Tremeu ainda mais. Aquella figura embirrenta e sinistra seria um aviso da proximidade de seus ultimos momentos?

IX

Um milagre faz um casamento

O regimento formado em Santa Clara esperava em parada, havia mais de duas horas, com o coronel e os tenentes coroneis a pé, collocados na frente, e de espontões nas mãos. De repente, um sussurro leve, logo abafado, correu as fileiras e as caixas, rufando, chamaram ás armas. A comitiva real acabava de entrar no largo.

Feitas as cortezias e inclinadas tres vezes as bandeiras segundo o Regimento de guerra de 1708, D. João V apeou-se, e rodeado dos fidalgos do seu sequito, com o coronel Antonio de Moura á esquerda, e Diogo de Mendonça á direita, começou a revista por companhias. Principiaram depois as manobras

da infanteria, executadas com summa firmeza, e o espectaculo guerreiro concluiu pelos exercicios dos granadeiros.

El-rei, com o sorriso nos labios, louvando a disciplina dos soldados e a pericia dos officiaes, mettia a todos no coração. Mais explicito ainda, abundando nas palavras do Soberano, Diogo de Mendonça cobriu a todos de elogios, affirmando que o bello corpo de Antonio de Moura podia sem receio afrontar a comparação com os melhores regimentos das diversas côrtes da Europa. Entretanto conversava o herdeiro de D. Pedro II um pouco retirado com o coronel, repetindo a meia voz certas perguntas e escutando risonho e jovial as respostas. A vista de lince do ministro, sempre vigilante, acompanhava difarçada, porém inquieta, este dialogo, amaldiçoando o velho estadista lá por dentro aquelles mesmos, que se via obrigado a felicitar officialmente com lisongeiras testemunhas.

—Diogo de Mendonça!—disse por fim El-rei, apartando-se do coronel.—Se todos os nossos regimentos fossem como este, iria segunda vez o Marquez das Minas a Madrid. Quero que escreva em meu nome a Antonio de Moura, louvando o aceio, disciplina e destreza do seu corpo.

O ministro e o coronel inclinaram-se profundamente.

— Antonio de Moura! Desejo conhecer os seus officiaes. Mande-os sahir á frente.

Á medida que iam chegando, D. João V fallava a cada um, dizia-lhes uma ou duas phrases agradaveis, das que os soberanos sabem, e despedia-os, dando-lhes a mão a beijar. Quando coube o seu turno a Paulo de Azevedo, o Soberano sorriu-se, e meio voltado para o Secretario de Estado, perguntou-lhe:

— Fallou ao ministro?

— Sim, meu senhor.

— E elle?

— Mandou-me para Vossa Magestade.

— E eu?

— Vossa Magestade? Ah, senhor!... mas o dito, dito, no caes da Pedra.

— Bem! Diogo de Mendonça, fez o que lhe ordenei? Viu os papeis d'este official?

— Seguramente, meu senhor!...

— Logo me dirá o seu voto. Coronel! Ouvi citar o mestre de armas do seu regimento pela destreza. Desejo vel-o atirar ao florete.

— Saberá Vossa Magestade que está fóra com licença.

— Ah!... mas ha de ter deitado algum discipulo? Qual é o melhor?

— O alferes Paulo de Azevedo, que se acha na augusta presença de Vossa Magestade.

— Estimo!... Passemos a uma das salas. Quero ver por minhas mãos se merece o elogio.

O mancebo enfiou. Receiava-se pouco do duello cortez, que lhe propunha el-rei, mas tinha razões para maldizer n'aquella hora a fatal curiosidade de D. João V. Não havia remedio, porém, senão obedecer. Curvando a cabeça, seguiu com passos tardos e arrastados o monarcha e o seu sequito até á mesma sala, para onde vimos entrar ha pouco o Camões acompanhado de Rita e de Fr. Polycarpo.

A um canto do aposento, agachado, cosido com a parede, e fazendo-se pequeno e sumido como um

verme, o nosso Braz Topete encommendava-se a todos os santos e santas da côrte do ceu, mas com pouca esperança de ser ouvido.

El-rei abraçou em um relancear a scena e os personagens. Quando a sua vista se cruzou com a de Fr. Polycarpo, o frade leu n'ella um sorriso e uma promessa. Quando se fitou no rosto da formosa donzella, aonde as rosas do pejo, ora desbotavam, ora se incendiam, um raio mais vivo lhe faiscou das pupillas, sem que o semblante comtudo denotasse mudança. Paulo, avistando o dominico e sua irmã, que suppunha separados e distantes, ficou petrificado. Fugiu-lhe a luz dos olhos, e foi necessario um esforço heroico da sua parte para não perder o accordo, lançando-se ali mesmo aos pés de Rita. O parecer do frade, severo e triste, revelava as secretas apprehensões do seu espirito.

— Alferes Azevedo, vamos a ellas? — exclamou D. João V, de repente, transformando-se na voz, nos gestos e nos modos, e reproduzindo o typo do cavalleiro andante nocturno, a que o mancebo servira de segundo nas aventuras da rua da Padaria.

A venda cahiu então dos olhos de Paulo, e o coração comprimido dilatou-se. Ao desalento succedeu o brio, ao desespero a alegria. Diogo de Men-

donça, calado e serio observava tudo sem proferir palavra, e o Camões, mais desassombrado, se despregava a vista do semblante de Rita, era para a cravar ironica e zombeteira na face livida e contrahida do malfadado Braz Topete.

— Vamos a ellas? — repetiu el-rei, pondo a mão no punho do espadim cravejado de pedras, e tomando a posição do jogo — Discipulo de tal mestre, ha de ser por força uma boa espada. Quero ver se é tão destro e feliz nas armas, como se diz que o sabe ser nos amores.

Um tremor subito e o rubor acudindo ao rosto em ondas accusaram a anciedade de Rita. Uma pallidez quasi mortal desmaiava ao mesmo tempo o semblante de Paulo. O golpe acertara ferindo a ambos.

O alferes recobrou-se, porém, depressa. Armando-se de valor e ousadia, recuou dois ou tres passos, e com os olhos baixos e os braços pendidos, redarguiu, como cortado de respeito:

— Não permitta Deus que o braço do vassallo se levante armado contra o peito do seu rei!

— Ah! — acudiu o principe com um sorriso singular — Mas se o rei é quem manda?!

— Nem assim! O official que offender o seu superior, *seja qual for o pretexto,* incorre na pena de morte natural. Vossa Magestade é mais do que superior militar, é el-rei, o ungido de Deus, o superior de todos. Não posso... Estou prompto a morrer pela patria, e pelo meu soberano, mas não como traidor. Mande-me Vossa Magestade carregar de ferros, a minha espada não se arranca da bainha.

— Ah! Percebo! — retorquiu o monarcha, acerando o sorriso — São louvaveis os seus escrupulos, alferes Azevedo, mas infundados. Diogo de Mendonça, que lei é aquella que me citaram?

— O Alvará de 7 de maio de 1710, meu senhor.

— Quem o decretou e mandou publicar?

— Vossa Magestade!

— Posso então revogal-o, ou dispensar n'elle por esta vez?...

— De certo... com as formalidades legaes.

— Ah! Com as formalidades legaes? Muito bem! — disse D. João, cuja vista, começando a inflammar-se, avisou a tempo o ministro do perigo do stricto direito n'este momento.

—E dispensal-o de viva voz, entende que posso?

—Vossa Magestade é a expressão da soberana vontade, é lei viva nos seus reinos — redarguiu o Secretario, emendando logo a mão, e exagerando a velha formula do poder absoluto.

—Bem! Que artigo nos citam do Alvará?

—O artigo 8.°, meu senhor! — respondeu o coronel Antonio de Moura.

—Pois nós, D. João, rei de Portugal, de motu proprio, sciencia certa e poder absoluto, havemos por bem dispensar na letra e nas penas do artigo 8.° do alvará de 1710, por esta vez sómente, em beneficio do alferes Paulo de Azevedo, ao qual ordenamos que sem demora dispa já a espada da bainha, e nos obedeça.

O caso tornava-se serio. A tenacidade do principe denunciava intenções inflexiveis. O mancebo reflectiu momentos. Erguendo depois a fronte, disse:

—Esta espada é a unica riqueza da minha casa. Trouxe-a meu bisavô do Oriente, e sempre se teve por milagrosa. Banhada nas aguas santas do Jordão, a folha é invencivel, tirada por uma causa justa.

Arrancada em rixa homicida, ou contra o direito, secca o braço do culpado ou transforma-se em folha imbelle, se, como eu, a despe constrangido.

— Maravilhoso condão! — atalhou el-rei ironico.

— Mande Vossa Magestade que nos deem floretes, e...

— Não! Não! Andam tão raros os prodigios n'estes dias de pouca fé, que fôra erro não pedirmos a Deus um milagre para confusão dos impios. Estou esperando! — ajuntou imperioso desembainhando o espadim, e collocando-se no recto.

A curiosidade era immensa em todos. Rita acompanhava com os olhos humidos e anciosos as palavras e as acções do amante. Diogo de Mendonça principiava a entrever a sua desforra. Mas em que podia ella consistir?

Paulo não estava porem decidido a ceder a partida. Elevando a vista e as mãos, como inspirado, exclamou:

— Meu Deus! Não consintais, que este ferro quebre aqui o seu condão. Espada de meus avós! Se é justa e santa a causa, sahe brilhante e victoriosa da

bainha. Se não o é... transforma-te e desarma o braço que levanto forçado contra o peito do meu rei!

E arremettendo ao punho com afectadada exaltação, arrancou da bainha a folha de pau que substituira a lamina empenhada nos apuros da pobreza.

— Milagre! Milagre! — bradaram alguns credulos.

— Milagre, senhor! — disse elle tambem, ajoelhando diante d'el-rei. Na presença do meu principe a leal espada de meus avós nega-se ao combate, e torna-se fragil e quebradiça. Milagre!

El-rei presava os bons lances. A finura da astucia mereceu a sua admiração. Muito generoso para não o confessar, virou-se com um sorriso para Diogo de Mendonça e disse-lhe:

— Não posso insistir contra a vontade invisivel do ceu. Este milagre rouba-lhe a desforra promettida. Console-se! Não foi o unico vencido aqui — Mandando depois erguer o alferes com um gesto de infinita nobresa, accrescentou:

— Os que estão sempre bem com Deus estão

sempre bem commigo. Guarde essa espada como um thesoiro. Bem pode chamar-lhe milagrosa.— Inclinando-se depois para elle, e fallando-lhe quasi ao ouvido, disse-lhe: — Venceu! Gostei do arrojo, mas não o repita. Sou discreto, por isso não pergunto aonde mora o espadeiro, que tem o ferro. Para a outra vez seja mais calado, nem todas as verdades se dizem. Passemos a outras contas. Conhece aquelle frade?

— De vista, meu senhor.

— Mas sabe quem é?...

— Eu?...

— Nada de disfarços. Olhe que dois milagres n'um dia nem os santos os fazem. Sabe quem é?

— Sei, meu senhor! É o irmão...

— De Rita. Da donzella que anda requestando de noite com escandalo dos visinhos e perigo da fama d'ella...

— Senhor!...

— Sabe que fr. Polycarpo não lhe é inferior no sangue e nos brios?...

— E na pobresa? Sei, meu senhor. Sei perfeitamente. O nosso mal é esse.

— Ama Rita, deveras? Respeitou-a sempre?

— Como amo e respeito minha mãe.

— Estimo isso. E se eu lhe mandasse pagar as dividas da minha fazenda á sua casa?

— Pedia logo a mão de Rita a seu irmão. Já tenho licença de minha mãe.

— Pode fazel-o então. As dividas vão ser pagas. É o meu brinde de noivado. Fr. Polycarpo — ajuntou levantando a voz.

O frade atravessou a sala e veiu inclinar-se diante d'elle.

— Temos aqui um peccador contricto. Quer ajudar-me a salvar uma, duas almas, porque em verdade julgo e creio firmemente que são duas?

— Farei o que Vossa Magestade ordenar. Mas!...

— Retire n'esse caso o *mas*, que é de mais. Sua irmã ama com extremo em toda a innocencia o alfe-

res Azevedo. Elle adora-a egualmente. A pobreza de ambos separava-os...

— E continua a separal-os. Nem um, nem outro possue nada.

— Oiça, homem de pouca fé! Supponha que o alferes tinha um devedor esquecido e remisso, sendo fr. Polycarpo chamado, como confessor, qual era o conselho que dava?...

— Que pagasse, tendo por onde.

— Pois o devedor acceita-o e paga.

— Ah!

— O devedor sou eu, é a minha fazenda. Os dois pobres passam a ser ricos, e, certo frade do nosso conhecimento, que anda por fora do convento a deshoras, que joga a espada preta como um mestre d'armas, e que não tem de monge senão o habito, quando quizer romper a clausura e sahir para o mundo outra vez como clerigo secular, pode ir ao Paço aonde lhe entregarão o Breve de Roma que lhe annula os votos. Que diz a isto? Casamos os dois noivos? Fazemos do frade um bom clerigo?

— Vossa Magestade é a Providencia de nós todos!

— Sou pontual nas promessas. Bem vê que não me esqueci. Juiz do crime!—disse depois carregando o semblante — Que homem é esse que ahi tem preso?

— É um reo de alta traição, preso hontem na rua da Padaria.

— Reu de alta traição? O caso é grave. Prendeu-o em flagrante?...

— Tive uma denuncia...

— Enganaram-o. Esse reu supposto, segundo me informaram agora mesmo, sapateiro de seu officio, maldizente e chocalheiro, entretinha-se a perturbar o socego das familias. Naturlmente algum queixoso quiz dar-lhe a lição de uns dias de cadeia e denunciou-o falsamente. Pode soltal-o.

Braz Topete, que tremia, como vime, durante o dialogo do Soberano e do magistrado, apenas lhe soaram aos ouvidos as palavras misericordiosas de D. João V, aurando um salto ao meio da sala, e partindo como um furacão, veiu cahir de bruços, convulso e suffocado, aos pés do rei, de mãos postas e olhos lacrimosos.

— Levanta-te. Estás livre! vae e não tornes a peccar!

Quando o carcunda, ainda livido e balbuciante, chegou á porta, mestre Judas Machabeu disse-lhe, engulindo uma risada secca:

— Ora vá, vá com Deus! Bem pode pesar-se a cera. Tome, porem, o conselho de uma ruim cabeça: Mude de rua e dê dois pontos na lingua. Pela bocca morre o peixe!

Mestre Braz, ouvida a objurgatoria, fugiu-lhe das mãos como um foguete. Parece, todavia, que aproveitou o conselho. Tres dias depois elle e a devota Angelica do Céu despejaram o bairro, e se morderam no proximo foi á puridade e com as portas fechadas.

— Diogo de Mendonça!—dizia el-rei entretanto, — Foi bom que viessem os milhões do conde de Assumar. Pago as minhas dividas. Amanhã leve-me despachados os papeis do alferes, se quer as alviçaras da sua noticia de hoje. Sei que é generoso, e que perdoa facilmente as offensas. Olhe para aquelles dois e veja como estão felizes! O que lhe parece que devo dar ao noivo em mercê...

— Se a noiva fosse menos formosa, o posto de capitão; como é linda e capaz de cegar até um heremita, dê-lhe Vossa Magestade uma praça para governar... o mais longe possivel da sua corte! Não pode haver maior prova de amisade... e desinteresse!

— Ah! senhor secretario d'Estado! Cuida então?

— Que a natureza humana é fragil e que Eva tentou Adão. Não cuido, meu senhor! Nas mulheres a gratidão é sempre precipicio.

— Talvez tenha razão. Depois veremos!

O ministro sorriu-se e calou-se. Ao mesmo tempo, Rita, entre o irmão e o amante, com os bellos olhos suspensos no enlevo da sua alma, exclamava:

— Houve dias em que desejei e pedi a morte. Hoje, meu Deus, sou tão feliz, que tenho quasi maior medo ainda de viver. Se a alegria mata, ditosos dos que morrem assim!

A adversidade cansara-se, porem, de a perseguir. Os noivos casaram, el-rei foi padrinho, e Diogo de Mendonça, reconciliado e amigo de Paulo, entre-

gando-lhe o alvará de mercê, que D. João V mandara expedir ao afilhado, disse-lhe ao ouvido:

— Beije a mão de el-rei e vá tomar ares á provincia. Quem deixa chegar a estopa ao fogo pode queimar-se e a toda a sua casa. Sua Magestade é como Salomão... poupe-lhe o trabalho de meditar segunda edição correcta e augmentada do cantico dos canticos.

O mancebo percebeu e sorriu-se. Tres dias depois veio ao paço pedir venia para viajar nas provincias do norte. O pretexto foram as terras da sua familia, que desejava comprar de novo. D. João V recordou-se do conselho de Diogo de Mendonça, e, suffocando um suspiro, concedeu-lhe seis mezes de licença.

Rita e Paulo viveram ditosos, e a famosa espada de folha de pau, a espada do milagre, conservou-se sempre na sala e em morgado na familia. Fr. Polycarpo sahiu do convento e falleceu adiantado em annos e vanglorioso com a ideia de ter ensinado o latim aos sobrinhos pequenos. A verdade é que o bom do padre respondia por elles aos paes, mas deixava-os correr e saltar em quanto lia ou dormitava. São assim muitos avós e muitos tios.

FIM

PQ 9261 R4D39
Rebello da Silva, Luiz Augusto
De noite todos os gatos sao pardos

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 04 07 008 0